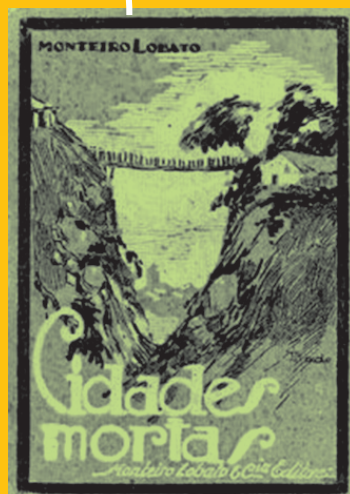


Monteiro Lobato

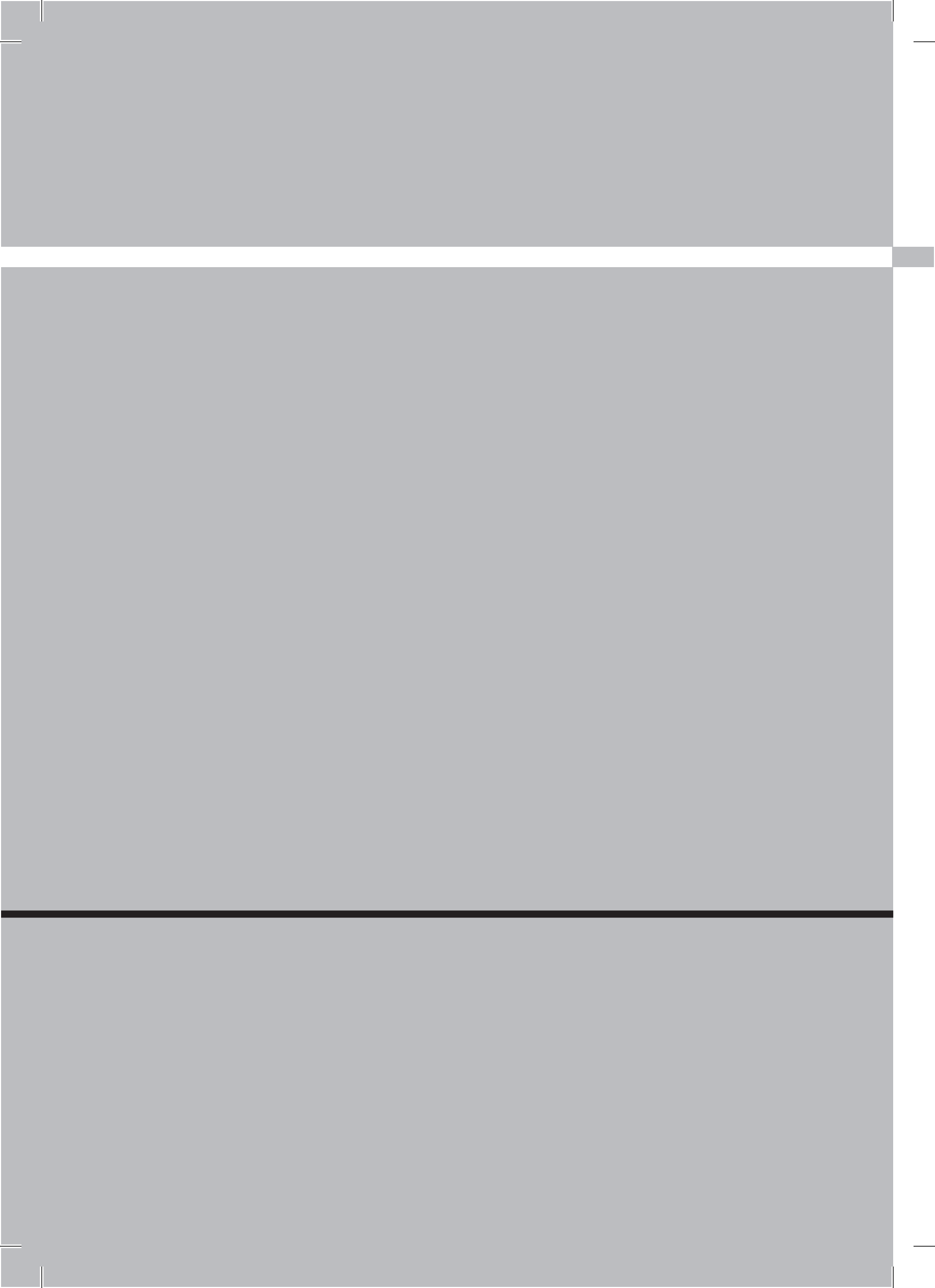
{obra viva}

C A D E R N O
L I T E R Á R I O
2 0 2 1









Monteiro Lobato

{ obra viva }



h o m e n a g e m



Do presidente

Prezados associados e associadas,

Apresento a vocês, como habitual incentivador, o trabalho realizado pelo grupo de autores do Club Athletico Paulistano, muitos deles participantes da oficina de criação literária oferecida na biblioteca do clube.

Este ano, mais uma vez, os encontros semanais foram online, por conta da pandemia do coronavírus, e isso não deixou de estimular a imaginação e a produção do Caderno Literário, tão esperado pelos apreciadores das artes que aqui desenvolvemos.

A coletânea de 2021 é realizada em homenagem aos 100 anos da publicação de **O SACI**, do célebre brasileiro Monteiro Lobato.

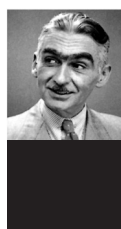
Esta homenagem reúne os textos produzidos por um grupo que tem se destacado na literatura, tanto dentro do clube, como em concursos que vão além dos nossos muros, incluindo o Prêmio Nacional Sindi Clube.

É uma grande felicidade poder fomentar a cultura e os novos talentos.

Aproveitem o conteúdo, saboreando as linhas dos contos, crônicas e poesias que aqui estão.

Cordialmente,

Presidente Paulo Movizzo





Carta da Diretoria Cultural

A todos que apreciam a arte, a cultura e o mundo dos livros,

O ano de 2021 marca o centenário de uma publicação brasileira importante: **O SAKI**, de Monteiro Lobato.

Para homenagear o autor que foi precursor da literatura infantil de nosso país, além de tradutor, editor do cenário da década de 1920 e ativista de muitas causas políticas, o Caderno Literário foi inspirado em sua trajetória e obra.

O processo de criação dos textos passa por pesquisas, debates, encontros e apresentações de ideias. A temática é dividida com o grupo de autores, sócios e sócias, muitos deles integrantes da oficina de criação literária e, assim, cada linha é trabalhada para chegar ao resultado final.

Com bastante dedicação e apoio do coordenador, nosso mestre e escritor Nelson de Oliveira, temos a honra de apresentar mais uma antologia de contos, crônicas e poesias, grande motivo de orgulho para a Diretoria do clube.

Esperamos que a leitura seja edificante e que conheçam a escrita dessas trinta e quatro pessoas.


Recebam a obra e todo nosso carinho por essa publicação anual do Club Athletico Paulistano, que mesmo em tempos de pandemia, adaptou os encontros de segunda e passou a reunir todos virtualmente, para produzir o 11º Caderno Literário.

Aproveitem, e que venham muitos outros!

Renata Julianelli e Rogério Matarazzo
Diretores Culturais



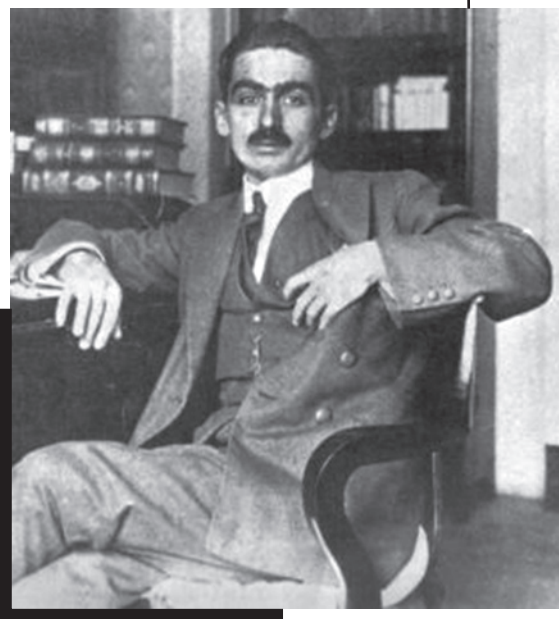
Sumário

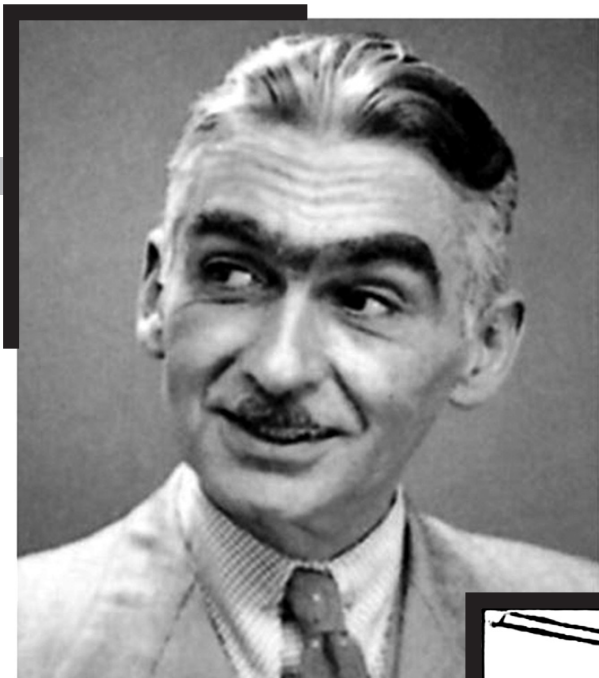
- Ignez Matarazzo : **Essências** : PÁG. 13
- Maria Julia Kovacs : **Querido amigo Lobato** : PÁG. 14
- HelO Bello Barros : **Dia do Vocabulário** : PÁG. 17
- Renata Julianelli : **Pó mágico** : PÁG. 21
- Maria Lúcia Perrone Passos : **A estátua do Patriarca** : PÁG. 23
- Antonieta Fernandes : **Pisca-pisca num rosário de piscados** : PÁG. 27
- Guilherme Hernandez Filho : **Fascinação** : PÁG. 33
- Angélica Royo : **A feiticeira de Deus** : PÁG. 35
- May Parreira e Ferreira : **Limão-cravo, laranja-azedo** : PÁG. 40
- Jeanette Rozsas : **A mais linda realidade** : PÁG. 45
- Betty Wey : **Artistas da cidade** : PÁG. 50
- Carla Figueiredo Vieira : **Vitupério** : PÁG. 57
- Danielle Martins Cardoso : **Abayomi** : PÁG. 61
- Maria Angela de Azevedo Antunes : **Crocotó de escaraminholas** : PÁG. 65
- Heloísa de Queiroz T.A. Martins : **O direito-torto e o direito-direito** : PÁG. 69
- Ricardo Lahud : **O poço da Botocúndia** : PÁG. 73
- Ercílio Alberto : **Dor tem raiz** : PÁG. 87
- 

- Jane Sampaio : **Memórias** : PÁG. 95
- Bia de Castro Oliveira : **Emília na floresta encantada** : PÁG. 99
- Angela Guimarães : **Barafunda** : PÁG. 103
- Rogério Matarazzo : **A índia que me roubaram** : PÁG. 107
- Gilda Pasqua Barros de Almeida : **Três Pedros** : PÁG. 109
- Maria Lucia Rizzo: **O encantador** : PÁG. 119
- Hans Freudenthal : **Amizades** : PÁG. 122
- Thais Costa : **Conversa com Lobato** : PÁG. 125
- Tânia Nogueira de Melo Franco : **Indignação** : PÁG. 128
- Lygia Pistelli : **A história que Monteiro Lobato não contou** : PÁG. 130
- Paulo Cirillo : **O escritório** : PÁG. 133
- Carlos de Faro Passos : **Um brasileiro inquieto** : PÁG. 135
- Carlos Eduardo Cornacchione : **Oásis cor de sangue coalhado** : PÁG. 143
- Maria Helena Nogueira de Almeida : **História de outro século** : PÁG. 145
- Maria Luiza Galli : **Mundo-Verdade versus Mundo-Fantasia** : PÁG. 148
- Diva Maria T. de Oliveira : **Uma vida num sítio muito especial** : PÁG. 151
- Dalva Maria Bannitz Baccalá : **Entrelinhas** : PÁG. 155
- Giselda Penteado Di Guglielmo : **O Bar do Museu** : PÁG. 157



My Under Coliath





{ Ainda
acabo
fazendo
livros
onde as
nossas
crianças
possam
morar. }

Essências

Ignez Matarazzo

Memórias sensoriais afetivas trariam grandes alegrias e muito regozijo a Lobato, sempre atento, exigente.

Como descrever a ele iguarias gastronômicas artesanais, encontradas num mercadinho de uma estância hidromineral no Sul de Minas, com o nome do personagem de *Urupês*, o icônico Jeca Tatu?

Lobato sendo homenageado, enaltecido com sabores e aromas envolventes, vindos da fazenda. Muitos deles feitos no fogão a lenha, com a lembrança do bule de ágata e coador de pano sobre ele.

Delícias caipiras, iguais às do Sítio do Picapau Amarelo!

Compotas, canjica, pamonha, paçoca. Cajuzinho. Goiabada cascão, marmelada. Queijos, mel. E os licores de frutas? Cachaças?

Além de relógios cuco, objetos em cerâmica, palha, mantas, sabonetes, panelas de barro, brinquedos em madeira.

Até as exóticas içás, petisco que ele tanto apreciava.

E muitas saudades mais...

Realidade essa, paralela ao histórico de vida do escritor, imortalizado por sua acentuada produção intelectual, posturas políticas polêmicas, intensa atividade educativa, literária e social.

Múltiplo profissional. Envolvente. Dinâmico. Temperamento forte como demonstram as características de quem tem monocelhas.

Certamente não resistiria a este maravilhoso acaso: ...tudo é loucura ou sonho...



Querido amigo Lobato

Maria Julia Kovacs

Posso chamá-lo de amigo? Não tenho dúvidas, quem abre o universo da leitura para crianças é amigo, uma pessoa especial. Você ofereceu para mim um caminho pavimentado de sonhos e imagens.

Reinações de Narizinho foi um dos melhores livros, ao me transportar para um mundo de sonhos, imagens, viagens e desejos. Como menina de cidade, imaginar o Sítio do Picapau Amarelo era tarefa deliciosa. A primeira lembrança é de Narizinho na jabuticabeira, saboreando a fruta, com o sumo escorrendo, fantástico. Só não queria a picada daquela abelha, que levou Narizinho aos gritos para dentro de casa aos cuidados de sua avó. Eu adorava jabuticabas, que na minha infância, eram bem baratinhas, se comprava em baciadas, bem diferente de hoje, que virou artigo de luxo. Mas eu comia no prato e não na árvore, o que faz toda a diferença. Vieram as recordações das férias num acampamento para crianças, propiciando contato com a natureza, numa fazenda em São Carlos. Eram mangueiras, e nós, crianças, comíamos mangas que caíam ou que cutucávamos na árvore. Que delícia, o sumo escorria pelos nossos rostos e mãos, mas sem abelhas picando. Bem melhor assim.

Acompanhar Dona Benta, a avó dos sonhos, carinhosa com seus netos, distribuindo afetos me confortava o coração. Filha única, com família pequena, primos distantes e minha única avó que morreu cedo, eu acompanhava a vida familiar do Sítio do Picapau Amarelo, com desejo de viver experiências semelhantes, a mesma amizade e cumplicidade entre os primos. Uma descoberta essencial da minha infância foi o valor das amizades. Para quem não tem irmãos, os amigos cumprem esse papel. A coragem

aumenta quando estamos juntos, vale ousar. Ter o abraço afetuoso de uma avó carinhosa aquece a vida.

Adoro até hoje seus personagens. A Emília, meu querido Lobato, que figura é essa? Essa boneca é um desafio. Ela é nosso alter ego, faz o que pensamos, mas não temos coragem de fazer. Começou mudinha, mas depois não parou mais de falar. Como me diverti quando ela queria reformar a natureza, quantos de nós não queremos mudar o mundo? E o faz de conta que tudo resolvia, sendo que sua sabedoria na verdade era extraída do Visconde de Sabugosa, esse sim sábio. Colocar na Emília essa possibilidade me permitiu pensar que precisamos de pessoas assim; sem pudor, mas com muita graça. Sendo boneca, corria menos riscos.

Tia Nastácia, que amor de pessoa, eu queria muito me aninhar nos seus braços e seios fartos; sempre presente e solícita. Não entro nessa onda de racismo. Eu a olho pelo carinho, além de ser excelente cozinheira. Toda vez que na obra surgiam os bolinhos, o cheiro vinha a mim pelas suas páginas. Imaginei a mesa, os bolinhos e todos reunidos. Tia Nastácia junto, acolhendo, eu seguiria seus conselhos sempre.

E ter um nobre que era um sabugo de milho, Visconde de Sabugosa. Quanta imaginação, assim todos nós podemos ser nobres e especiais. Adorava isso tudo.

Querido Lobato, que solução incrível para nossos sonhos, o pó de pirlimpimpim. De poder ir para onde se quer, sem nenhum impedimento, uma maravilha. Tenho um pedido a fazer: me diga como poderia ir para a Grécia e participar dos trabalhos de Hércules. Esse foi, dos seus livros, o que mais gostei, foi a minha aproximação à mitologia saboreando as aventuras da turma do Sítio. Para escrever essa carta de agradecimento estou relendo a obra, tantos anos depois, para lembrar cada uma das tarefas desse herói grego ferido, pagando por um ato desvairado do qual não tinha culpa. É fascinante ver como a turma do Sítio nos transporta e ajuda a entender o intrincado mundo dos deuses e heróis da Grécia



duelando. Rever Emília, Pedrinho e Sabugosa se intrometendo sutilmente na vida de Hércules faz bem para a onipotência infantil, estimulando sonhos. Recentemente acabei doando os dois volumes a uma criança para que pudesse, como eu, viajar nesses sonhos. Um presente muito especial, como foi para mim. Não me lembro quem me deu o livro de presente. Não foi indicação da escola, devem ter sido meus pais, que, embora estrangeiros, conheciam a sua importância como autor para crianças. Deles adquiri o hábito maravilhoso da leitura.

Meu querido amigo escritor, você me introduziu na alegria da leitura, pelo que tem de mais valioso; abrir o mundo. Pelas suas páginas, podemos confrontar ideias, estimular sentimentos, afastar-nos do mundo atual, triste e estreito. Assim como os amigos, livros estão sempre disponíveis. Gosto de reler algumas obras, porque a cada etapa da vida novos caminhos se abrem. Junto com os filmes, leituras me embalam. O primeiro livro a gente nunca esquece, e foram suas obras que me abriram esse mundo maravilhoso

Agora estou me aventurando na escrita e mais uma vez você será a minha inspiração. Vou confessar, ler é bem mais saboroso do que escrever. Um livro não tem páginas em branco que nos ameaçam, não tem prazos ou cobranças.

Vou lhe fazer uma proposta indecorosa, pode me invadir e me inspirar.

Da sua admiradora,

Julia

Dia do Vocabulário

HelO Bello Barros

Não sei de onde tirou a ideia e o que deu nela para aparecer assim. Emília não é menineira de cidade e São Paulo não é Sítio do Picapau Amarelo, muito menos lugar de aprender gramática. Foi assim plaft, zuiiiimm e Emília saiu do guarda-roupas como se estivesse pendurada no cabide há séculos. Sacudiu os ombros bufando de alívio, alisou a ourela da saia com as duas mãos, e avançou para o meio da sala, a cabeça na frente do corpo e já foi mandando como dona, autoridade de trono e cartola. “Tira isso daqui, tira aquilo de lá, é hora de preparar a festa”, falou com o dedo em riste e o nariz apontado pro teto. Que festa poderia ela ter inventado dentro de um guarda-roupas e pendurada num cabide?

— Com licença, gato imprestável, aviso que gatafunhei o convite para um evento de grande importância e preciso de espaço pros convidados.

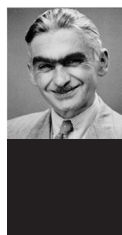
— Por que essa afoiteza, boneca desaforada?

— Você ainda não sabe que o Vocabulário faz aniversário?

— Pode até ser dia do aniversário do Papa. Mas estou no meu território, tomando este restinho de sol e lambendo minhas patas. Eu digo, chispe daqui sua abusada.

— Vocabulário não é Papa, gato mal-educado, é Vocabulário “mesmo”. Entendeu?

— Eu já disse que não, esse mundo vai até o fim, e esse fim é bem longe daqui, vire-se.



— Ninguém nunca te contou que a festa do Vocabulário só pode acontecer onde mora um gato preto com a patinha esquerda branca?

Virei de costas, acomodei-me na almofada apertando as pupilas, alonguei as patas pra ver se aquela criatura espevitada me deixava em paz. Que preguiça dessa parolice. E pra tentar dar fim na barafunda completei:

— Emília, tem gato à beça bem-apessoado, no cerne, assim como eu, não tenho nenhum interesse em participar desta festa. Prefiro a tranquilidade e meu sofá — confirmei.

— Mas vai chegar muita gente dinheirosa, bem aparafusada e também o Visconde, Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho e o Rabi-có. O saci não vem, tá na maior D.R. com a mula sem cabeça. Aqueles dois são mais encalacrados que carnegão.

— Não me embroma com suas histórias, Emília. Você com esse quinquilharismo de cachola vai se metendo em tudo, acha que pode fazer o que quer? Já disse que tem um bando de gatos pretos como eu por aí.

— Ah! Gegê, não fique nervoso, posso até ir buscar uma água de melissa pra você.

— Psiiiiiiiiiii...

— Te conheço, mesmo apertando os olhos, abrindo a boca e fazendo esse barulho de bexiga perdendo ar, tá todo admirativo. Esqueci de dizer, a cuca demonstrou interesse. Dei o endereço do seu armário. Tá lá no convite.

Que a paciência me desembrulhe, essa danada vai falando, falando e eu acabo murcho das orelhas. E pensei, será que esse tal Vocabulário passa pela porta?

— O Vocabulário é tamanhudo, Emília?

— Depende.

— Depende do quê?

— Se ele trouxer pronomes tipo “cujo”, clichês encardidos e certos adjetivos que estão igual trapo, de puídos... aí, pra ele caber, vou ter que usar a Chave do Tamanho.

Não entendo a Emília em blasfemurias contra certas palavras do Vocabulário. Talvez ela seja racista de “cujos” e “de repentementes”.

— Argemiro, só pra checar, sua dona ficou na dimensão-patranhas?

— Não me chame de Argemiro, sou Gato, ou Gegê. Sim, minha dona saiu como penacho de fumo, dizendo se entediar em anos outoniços.

— Sobremodo sou eu quem decide, certo? Olha essas cortinas! Todas furadas de broca. Não tinha intenção de intrometimentos, mas no toante à perfeição, só atiçando vassoura-rodo-balde... vou jogar esse monte de traquitanas e pandarecos, encostar as cadeiras e pensar no regabofe, — falou Emília, desembestada de palavrório.

Acho que sou um gato que pegou de galho, um gato de araque, isso é o que sou. Acabo sempre perdendo o estilo, e a Emília convoca quem quer. E lembrar que ela é apenas uma boneca, nem dentes de leite teve, além de estar recheada de macela. E ainda, relembutivo e esporeado de curiosidade, perguntei:

— Emília? Você acha que Vocabulário tem rabo?

— Depende...

— Tudo pra você “depende”?

— Gegê, você é bem grandinho e com certeza sabe que certas coisas não podem ser medidas por bitola comum, por isso depende, sim, até de uma vírgula. Dá pra parar de me encher com perguntas e voltar ao assunto da festa? Me ajude com essa cadeira, faça o favor... plumitivo, alarve, rebolo, estafeta, atolambado, estrelejando, bodoque...

— O que é isso, boneca endiabrada?

— Estou organizando os abundamentos. E já decidi: vamos servir sorvete, só sorvete.

Pós-escrito:

Tem me acompanhado pela vida a coleção adulta de Monteiro Lobato, ano 1961. Assim que o tema do *Caderno* de 2021 foi escolhido, comecei a ler contos e artigos em *Urupês*, *Negri-*



nha e Ideias de Jeca Tatu. Entrar nesse universo me colocou de cócoras, sentindo o cheiro das queimadas, dos moqueados e saboreando um encantador e prolífico vocabulário. Comecei a anotar. O texto acima partiu de algumas das palavras anotadas, e à medida que ia escrevendo chegavam outras que eu nem lembrava que tinha esquecido. Aviso que não tenho nenhum gato preto com a pata esquerda branca, mas já que inventei ele há de chegar. E vai se chamar Argemiro ou Gegê, para os íntimos.

.....

Pó mágico

Renata Julianelli

Ser criança de asfalto ajudou ainda mais a gostar de histórias de fazenda.

Com a coleção de Monteiro Lobato oferecida no momento exato pela minha avó, o cheiro de livro guardado foi como cheiro de mato invadindo a alma. Respirei natureza, aventuras e fantasias. Naquelas palavras de tantas possibilidades, vínculo certo.

Reinações de Narizinho em diante, era rosto colado nas letras todas as noites. Vieram Emília, saci, cuca e Visconde, com sapequices no pé de jabuticaba, na mata, na gruta. Tio Barnabé assustava mais que a gente, medroso que só, com as ventanias sopradas das travessuras do danado da capuça. Lá ia o protetor da turma, mesmo que de perna bamba, afugentar quem viesse tirar o sossego daquelas terras. E punha para correr também o guloso do Rabicó, insistente em revirar o lixo atrás das sobras.

De um mergulho, menina entra no Reino das Águas Claras, encontra o Príncipe Escamado, e com sua inseparável Emília, começa os preparativos do casamento. Vem a Dona Carochinha, a Barata Cascuda das histórias emboloradas, atrapalhar Dona Aranha, melhor de todas as costureiras, no feitiço do vestido da noiva. Convidado especial, o médico mais sabido, o Doutor Caramujo, tem as pílulas falantes que a boneca engole e vira, para sempre, uma tagarela inventora de palavras.

Se o fundo do mar é onde não cabe toda imaginação, tem a *Viagem ao Céu*, sem limites para um encontro cara a cara com São Jorge, na Lua, onde vão até o Conselheiro, ou Burro Falante, e o Quindim, rinoceronte



africano que fugiu de um circo e sabe tocar atabaque. Só uma ideia do estudioso Visconde de Sabugosa, com suas teorias atrapalhadas, para fazer essa turma toda voltar sã e salva pra casa.

Até poço esse sabugo de milho cavou, a partir de um buraco de tatu, para investigar se tinha petróleo nas terras do falecido Francisco Encerrabodes. Ah, se a suspeita se confirmasse, a proprietária enriqueceria de dar inveja no vizinho, o Coronel Teodorico. Desconfiado, ficava de olho em tudo, via coisas estranhas acontecerem, saía correndo com as armadilhas do saci, que punha o homem cheio de susto, logo apressado. Só prendendo esse danado na garrafa, fechada com rolha e um xis preto desenhado nela, feito cadeado de molecagem.

O Sítio do Picapau Amarelo virou lugar meu, gostei de “ser” neta de Dona Benta e, como Narizinho, passar férias com o primo Pedrinho, acordar com o galo cantando, o famoso bolo de fubá na mesa do café da manhã, brincar o dia inteiro e depois invadir a cozinha no fim de tarde, para devorar os bolinhos de chuva da Tia Nastácia.

Obrigada, homem do bigode e monocelha. Sua obra foi como pozinho de pirlimpimpim.

A estátua do Patriarca

Maria Lúcia Perrone Passos

Faltavam apenas o sol e a chuva para que, coberta de limo, fosse enfim despercebida pelos habitantes e enfim vista diariamente com inconsciência. Porque era assim que uma estátua pertencia à cidade. Clarice Lispector, “A estátua pública”.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté (1882), no vale do Paraíba. O grande escritor foi advogado, empresário, fazendeiro, editor e viveu longos anos na cidade de São Paulo. Faleceu em 1948, e ao chegar às portas do céu alegrou-se por encontrar São Paulo, também escritor, como ele:

— Sou José Bento Renato Monteiro Lobato, e acabo de chegar.

— Eu sou Paulo, apóstolo. Pedro pediu-me para substituí-lo por algum tempo, importa-se de me contar por que o senhor subiu precocemente aos céus?

— Talvez por excesso de trabalho, meu caro São Paulo. Exerci diversas profissões, porém o que mais gosto de fazer é escrever, e escrevi muito; considero-me um bom escritor. Vivi muitos anos na cidade que leva seu nome! Nas manhãs de domingo, eu tomava o bonde e ia passear na Praça da República, apreciar as estátuas. Depois seguia pela Avenida Vieira de Carvalho até o Largo do Arouche, onde saboreava um cafezinho, antes de voltar para meu trabalho. E cá estou eu!

— Cada um com seus problemas, Lobato; ser escritor, intelectual e pregador pode ser bem cansativo. Não é fácil assistir às multidões que louvam o Judas Tadeu todo 28 de cada mês. Se voltasse à Terra, gostaria de



ser Antônio, santo casamenteiro; ou protetor dos viajantes, como Cristóvão — mais amados do que eu.

— Por falar em grandes homens, tenho imensa pena de ter partido sem ver inaugurado em São Paulo um monumento em homenagem a José Bonifácio de Andrada e Silva, patriarca da Independência, vulto máximo da nossa história: *Sábio, guerreiro, político, foi nobre, generoso. O monumento faz-nos falta, sua inexistência nos cobre de vergonha!* *

— Tenho uma proposta a lhe fazer; eu o levo até a Praça da Sé no ano de 1972, e prometo que volto para buscá-lo à meia-noite: um dia inteiro para procurar a sua estátua! Se não a encontrar, retornamos ao céu e não se fala mais no assunto. Talvez tenha uma boa surpresa... então, vamos lá?

Em poucos segundos, Monteiro Lobato já pisava novamente a Terra, e estava parado, indeciso, em frente à catedral, quando o santo passou voando e lhe deu um último conselho: — Converse com os índios! Pergunte onde pode encontrar uma estátua do grande brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva!

— Índios? Que índios? Em pleno centro de São Paulo?

— Os índios dos monumentos, Lobato! ...e o santo desapareceu entre nuvens.

— Conversar com as estátuas? Este santo deve estar se divertindo às minhas custas, pensou o escritor. Desde quando estátuas falam com os homens? Se bem que já morri, é verdade. Então lá vou eu à procura do José Bonifácio!

E o escritor partiu com passadas rápidas em direção ao Vale do Anhangabaú, próximo ao Teatro Municipal. Postou-se de frente para o Guarani, uma das estátuas que compõem o monumento a Carlos Gomes, doado pela Itália no primeiro centenário da Independência do Brasil. Olhou para os lados, disfarçando, e arriscou a pergunta:

— Bom dia, Guarani, saberia dizer-me onde encontrar uma estátua de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência? — Nunca ouvi falar de tal obra, não saio daqui— respondeu o índio — mas o senhor parece pessoa importante, poderia providenciar arco e flecha

decentes, pois os meus costumam ser quebrados ou furtados? Sinto-me humilhado atirando para os ares com um arco sem flecha, nesta pose heroica em que me fundiu Brizzolara, o grande escultor genovês.

— Verei o que posso fazer para atender ao seu pedido.

Monteiro Lobato seguiu apressado para a Avenida Vieira de Carvalho. Repetiu a pergunta ao belo Índio Caçador, índio-esfinge de João Batista Ferri; ele também ignorava onde estaria o Andrada, e queixou-se ao escritor da falta que fazia a ponta de sua lança, desaparecida:

— Com uma lança sem ponta, senhor, como poderei atemorizar os bandidos que à noite povoam esta Avenida, que guardo com tanto orgulho?

O tempo passava. Lobato, aflito, voou até a Praça Marechal Deodoro, onde pequeno índio de bronze, empenhado em arriscada brincadeira com um tamanduá, nada lhe pôde informar, mas sugeriu que perguntasse ao Ubirajara, que àquela altura ainda se encontrava na confluência da Avenida Brigadeiro Luís Antônio com a Avenida Paulista. De autoria de Francisco Leopoldo e Silva, o orgulhoso guerreiro subjugava um inimigo vencido:

— Pergunte à índia enlaçada por um francês em beijo eterno, do escultor sueco William Zadig, no Monumento a Olavo Bilac, no final da Avenida! **

A jovem, porém, não foi capaz de atender à demanda do escritor:

— Pergunte aos meus irmãos do Monumento às Bandeiras, ela sugeriu, entre beijos e versos de Bilac: *foste o beijo melhor da minha vida (...)* e *o meu desejo não te olvida... sinto-me o ardor, e o crepitar te escuto, beijo divino! E anseio delirante, na perpétua saudade de um minuto, quero um beijo sem fim, que dure a vida inteira e aplate o meu desejo.*

O tempo já se esgotava, e o escritor voou para o grande monumento de Victor Brecheret, no Ibirapuera, onde se dirigiu ao último dos índios, empenhado em empurrar a embarcação dos míticos heróis paulistas.

— Ah... como posso saber da sua estátua, aqui onde me esfalfo desde os anos 1950, quando a cidade comemorou seu quarto centenário? E sendo o senhor um escritor tão combativo pelas boas causas, peça a seus amigos que não coloquem os índios na rabeira dos monumentos, em subalternas posturas nos relevos dos pedestais ou derradeiros figurantes



dos grupos escultóricos. Olhe para o alto, no Monumento à Independência, no Ipiranga, e verá um indígena, personificação do Brasil, em último lugar no cortejo triunfal. E fique o senhor sabendo que o escultor Ettore Ximenes, talvez para aproveitar o molde, colocou um irmão gêmeo daquele em monumento do final da Rua 25 de Março, oferta da colônia sírio-libanesa à cidade. Mas... se bem me lembro, uma professora de História da Arte, que trouxe alunos até aqui, mencionou uma estátua em bronze do escultor Alfredo Ceschiatti, homenagem a José Bonifácio, recém-inaugurada na Praça do Patriarca. Corra para lá, seu Lobato, antes que anoiteça!

Os sinos da Sé começavam a badalar, anunciando a chegada da meia-noite. São Paulo, sentado num dos degraus da catedral, esperava por Monteiro Lobato, e abriu os braços para acolher o grande escritor brasileiro, que corria feliz ao seu encontro, acenando para que o esperasse. Lobato estava ansioso para contar ao santo que o Andrada, do alto de sua imponente estátua inaugurada naquele ano na Praça do Patriarca, sorrira agradecido para o extraordinário escritor que preservava sua memória.

*A estátua do Patriarca”, in *Ideias do Jeca Tatu*. Obras Completas de Monteiro Lobato em 30 volumes, Editora Brasiliense Ltd., 1955, págs. 113-121.

** “Idílio” ou “Beijo eterno” — Uma das esculturas que compunham o Monumento a Olavo Bilac, no final da Avenida Paulista, esta obra do sueco William Zadig faz lembrar o famoso “Beijo” do escultor francês Rodin. Após o desmonte do monumento (1936), deu muitas voltas pela cidade — do final da Paulista para um depósito, depois para o bairro do Cambuci, em seguida um caneteiro do Túnel Nove de Julho. Resgatada em caminhãozinho de cana-de-açúcar de vendedores de garapa por estudantes da Faculdade de Direito, repousa agora no Largo de São Francisco, desde o ano de 1966.

Pisca-pisca num rosário de piscados

Antonieta Fernandes

Um portal mágico de aventuras insólitas descortina-se para um universo onírico, onde a infância abre passagem com uma chave do tamanho. Capaz de florescer histórias de tia faz-de-tudo, reinações de um narizinho arrebitado, memórias de boneca-feito-gente, fábulas de saci-pererê, causos de caboclo-jeca. Tudo isto e em extensão disto — num cenário, distante do redemoinho da travessia numa toca de coelhos, da brumosa floresta encantada onde belas dormentes beijam sapos ou da opulência palaciana onde gatas borralheiras afoitas perdem sapatos de cristal. Acontece em um sítio singelo, onde o pitoresco ganha dimensão através de personagens que: quando crescidos insinuam-se infantis, quando crianças revestem-se de bravuras como se destemidos fossem, quando inanimados ganham vida em atrevimento e sabedoria. O metafórico que transcende o simples possível, primeiro atrai os sentidos do corpo, e depois captura da alma as sensações. Afinal, a vida como por lá se apresenta, cirandeia na roda da meia-volta-volta-e-meia sem cessar. Quem a lenda inventa heróis e vilões acrescenta.

Nem país das maravilhas nem terra do nunca, tampouco reino nas profundezas do mar ou bosque com artimanhas de lobo, não há de ser masmorra em torre de castelo ou morada de lenhadores; basta ser o sítio do picapau amarelo



A imersão nas páginas do livro do encantamento resplandece num domínio fecundo, germinado na árvore lúdica da criatividade: que na ida, vai a cantar levando a semente da imaginação e, na volta, vem a sorrir colhendo o fruto da invencionice. Fantasioso no desmedido, transgressor no descabido, navega dimensões do impossível sem flertar com o verossímil e sem deixar de ser crível. Um convite para afrouxar as rédeas do factual e adentrar na dimensão da utopia; território que dispensa moralismos, perfeições ou linguagem da norma culta. Alija guerreiros e milagreiros: incorpora seres, bichos, boneca, sabugo, saci: todos ao seu modo, com defeitos e frivolidades. E, por que não pontuar, susceptíveis aos escorregões de caráter e conduta repreensível. Pirracentos, linguarudos, troladores, malvados permeiam por mananciais de candura, boa índole, grandeza e fartura de camaradagem. Porque protagonistas e pessoas são assim mesmo, quanto mais intensos mais expostos à ambivalência das próprias fraquezas. Quem o folclore atija marca encontro com o feitiço.

*Nem branca de neve e sete anões nem bela adormecida,
tampouco dona carochinha ou chapeuzinho vermelho,
não há de ser gato de botas ou soldadinho de chumbo,
basta ser sabugo de milho e boneca de trapo.*

Renitente, quase insolente, com a narrativa sisuda da literatura adulta e a inadequação das historietas estrangeiras tão alheias ao cotidiano infantil, idealiza criar castelos de livros onde as crianças possam dentro habitar. Avesso a qualquer tipo de insignificância, concebe o risível do corriqueiro sem derrapar no simplório. Dimensiona em detalhes, com maestria, a humanidade que incorpora cada criatura. Fabuliza um sítio faz-de-conta, com rebuliço de infância e afago de lar. Ilustra com uma prosa mirabolante a individualidade, que encarna cada figurante e ilumina a composição de cada um, com o clarão pulsante da vida. Sedento de transgredir o óbvio, traz à luz, para todas as lentes do mundo: grilo falante, peixinho de cartola

e bengala, bruxa-jacaré insone há sete anos, porquinho com título de nobreza, sabugo cientista de fraque, negrinho pernetta de cachimbo, boneca tagarela com olhos de retrós. Quem conta o conto esquece a vírgula e aumenta um ponto.

Nem duendes nem gnomos, tampouco peter pan ou rapunzel, não há de ser menino do dedo verde ou três porquinhos; basta ser saci-pererê e um rabicó.

Refratário à roteirização convencional de narrativas envolvendo a realza com romances de final feliz, transpõe o fictício da vida doméstica rural. Tece um entrelaçado de episódios calcados no folclore e lendas perpetuadas pelas rodas populares. Visita sua própria parentela para de lá captar inspiração de figuras carismáticas, anedóticas e cheias de singularidade. Um repertório alumiado na diversidade do mundo da aventura, campeia numa clareira luzente, que se abre em perspectiva: se é possível no sonho, então pode ser criado. Dá asas ao poder do devaneio, que repudia a monocromia incorporada na esfera do tangível e tinge com uma escala multicolor o reino da ficção: pó de pirilimagia, pílula destrava-língua, ventania de traquinagens, cuca que faz poções para transformar criança em pedra. Da criatividade emana a inspiração e dela origina a expansão do que se enxerga, através do que não se vê: quanto mais fantasioso tanto mais imponderável. Enquanto, o dicionário é um conjunto finito de palavras, mesmo quando se derrama em profusão imagética e efusão lírica, o celeiro da imaginação, se prodigioso, transborda rico em turbulência de ideias e infinito é — tanto quanto mirabolantes e desmedidas suas histórias o são. Quem no passado cria o mito visita o presente sem perder o fito.

Nem conto de fadas celta nem pequena sereia dinamarquesa, tampouco lenda de narciso ou mito de pandora, não há de ser gigante ou espadachim, basta ser causo regional e fabulação doméstica.



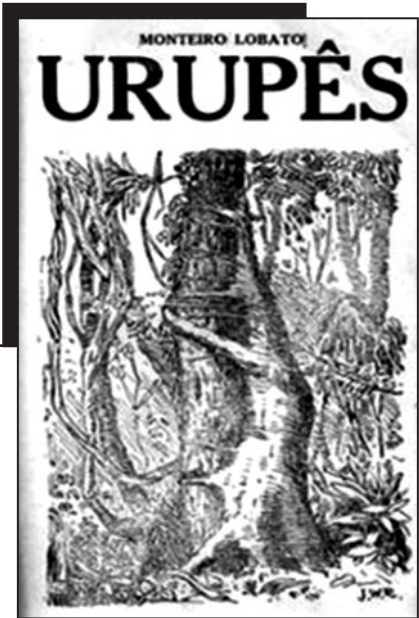
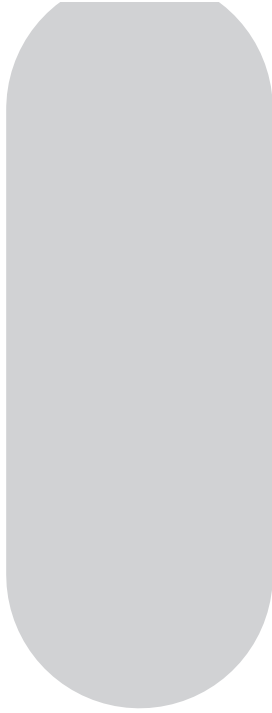
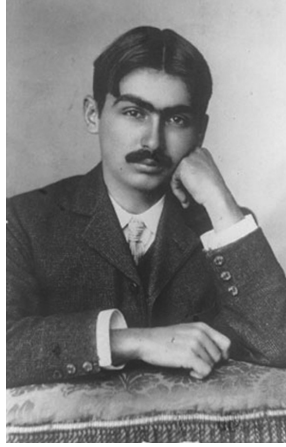
Amontoados de metáforas, um tanto de fábulas, um pouco das parábolas, pitadas de apólogos, parlendas: cabe tudo no ambiente figurativo do irrealismo, ainda que sem recursos de grafismos figurativos ou ilustrações fotográficas. Estes vieram depois, já consagrados, em tecnicolor. A sonoridade polifônica da ficção, por não se conter onomatopeica, pede licença ao normativo para criar um universo transgeracional, que atravessa seu período histórico e rompe a circunscrição do entorno regionalista. Avança enredando mentes e corações, ganhando desde a disseminação contagiante da oralidade, até tratados sociológicos acadêmicos; cada um, no seu grau de importância. Lavra um marco regulatório no mercado editorial e navega seu acervo enciclopédico somando décadas à roldana do calendário. Cumpre o propósito de fazer arte com notoriedade, criando o gênero literatura infantil nacional. Quem adormece na asa da fantasia acorda no voo da alegoria.

Nem esopo nem la fontaine, tampouco grimm ou andersen, não há de ser carroll ou callodi; basta ser lobato.

No sítio do picapau amarelo o pôr do sol é tão belo... Este ensarilhado parece não ter fim...

*Pessegada de maçã cajuzada de pequi
Limonada de acerola cerejada de açaí
Pitangada de romã laranjada de buriti*

{ Seja você
mesmo,
porque
ou somos
nós
mesmos,
ou não
somos
ninguém. }



Fascinação

Guilherme Hernandez Filho

Lá ia ele correndo pelo mato. À sua maneira, era muito rápido, deixando um rastro visual de um redemoinho que se formava à sua passagem. Traquina, como todos seus irmãos, pronto a fazer travessuras, mexendo com as pessoas ou com os animais dos sítios da região. Fazia trancinhas nas crinas dos cavalos, trocava os ovos dos ninhos dos pássaros, amarrava as pernas dos jabutis, e o que mais pudesse para importunar. Aprontar para os outros era da sua índole.

Nas suas andanças pelo pedaço, viu algumas vezes, pela porta aberta do grande salão da fazenda, aquela menina rodopiando sobre uma perna só, como eles. Observou que a roupa dela era bem diferente da sua, vermelha e com suspensório à bandoleira, caindo do ombro para cintura no lado oposto. Ela usava uma espécie de corpete, que brilhava ao sol, e complementado por um curto saíote com graciosas pregas enfeitando o barrado.

Com frequência, pegava seu gorro na mão e ficava longos minutos pitando, admirando pelo limiar a imagem daquela que rodopiava num só pé ao som de música que vinha de uma caixa no canto da sala.

Evitava contatos diretos com as criaturas, pois corria o risco de ser aprisionado numa garrafa, e escravizado, tendo que satisfazer os pedidos de seu amo, que assumiria seu total controle.

Mas um dia ela notou a presença daquele negrinho de barrete vermelho que observava seu ensaio de dança pela ombreira do salão. A prin-



cíprio, ficou irritada, sem saber como agir, mas logo abandonou sua raiva e continuou sua coreografia, sempre volteando. Mais tarde, encantou-se com a possibilidade que lhe apresentaram.

Esse rodopiar como que hipnotizava o observador que se tornou um assíduo visitante aos ensaios da bailarina. Aos poucos, foi se aproximando e, a cada instante, ele chegava um pouco mais perto, apreciando aqueles giros magnetizantes.

Já entrava pelo portal e plantava-se no lugar com seus olhos acompanhando os movimentos da moça, e talvez por isso baixou sua guarda, ficando desatento e não percebendo que lhe jogavam uma peneira de taquara, com duas barras cruzadas num “X”. Tiraram seu barrete e o prenderam num frasco com a rolha preparada com um “X”, para impedir sua fuga.

A dançarina trocou seu obcecado espectador pelo direito de ter três desejos atendidos.

A feiticeira de Deus

Angélica Royo

O menino se arrumou para a grande festa. Colocou a primeira calça comprida; camisa de manga longa, branca; gravata de cetim; sapatos pretos e um lírio na lapela do colete branco. Dona Benta fez um esforço enorme para chegar a tempo, deixou o sítio aos cuidados do tio Barnabé, veio com a neta Lúcia e sua boneca levada da breca, para assistirem à primeira comunhão de Pedrinho.

Ele começou o catecismo aos dez anos. Antes das aulas, brincava com seus amigos, de bolinhas de gude, de bafo de figurinhas ou de subir nas árvores de jacarandá que ficavam no pátio da igreja, à procura de gnomos, bruxas e sacis.

— Acho que vi um gnomo vindo naquela ventania.

— Não, aquilo é um saci, não vê a carapuça vermelha?

— Gnomo também tem gorro vermelho.

— É um saci, de uma perna só e pitinho na boca! Xiii, melhor descer, senão ele pode fazer você quebrar a perna.

— Verdade, saci é malvado, gnomo é bonzinho. Conheci um nas plantações de cenoura no sítio de meu tio. O gnomo ajudava os legumes crescerem, só aparecia à noite. Foi quando o vi.

— Pois eu conheço um saci, muito inteligente que mora lá no sítio da minha avó — disse Pedrinho. — Tem o saci bom e o saci malvado, depende da sorte de quem o encontra — acrescentou. — Esse saci de quem falo, me salvou da onça pintada e de uma sucuri. Vocês sabiam que a sucuri demora três meses para digerir um boi?



— Quem te disse?

— Foi o meu amigo saci. E eu também a vi comendo um boi. Estávamos na mata e já era de madrugada, quando ela apareceu, é uma longa história, outra hora eu conto.

Assim eram as conversas animadas entre as crianças nos dias da semana em que se encontravam para as aulas de catecismo.

Aprendiam a rezar, conhecer e respeitar a Deus, Jesus Cristo, Nossa Senhora Mãe de Jesus e as histórias bíblicas que as professoras ensinavam tão bem. Foi um ano de muitas aulas para se prepararem para a festa que estava para começar.

Hoje, a igreja cheia de crianças, de auréolas claras, vestidas de branco, exalavam a fragrância do hálito dos anjos, prontas para receberem a primeira comunhão.

Cantavam uníssonas as músicas que haviam ensaiado. A vela de um lado, o catecismo e terço do outro, juravam amor ao Senhor. Ao som de Gloria a Deus, recebiam a primeira hóstia, corpo e sangue de Cristo, de joelhos rezavam por proteção.

— Por que comem o biscoito e rezam? Que estranho, isso não faz o menor sentido — dizia Emília.

— É hóstia e não biscoito, representa o corpo de Jesus — vovó retrucou.

— E o padre? Come o biscoito maior e bebe vinho? Pode isso? Não vai cair de tanta bebedeira, ah, se tio Barnabé estivesse aqui...

— Não, Emília, é só um gole que representa o sangue do Senhor.

— Vovó, quero fazer catecismo para entender melhor a missa — disse Narizinho.

— Sim, querida, logo, logo você fará e prometo que Emília irá junto.

— Aceito sua proposta vovó, mas não vou ficar sem tomar o café da manhã só para receber a hóstia, como fez Pedrinho.

— Emília, querida, ficar em jejum é uma forma de respeito ao Senhor.

— Quem é o Senhor?

— Papai do céu. É Deus que fez o mundo e tudo o que há nele.

— Chega de falação, Emília, você fala pelos cotovelos, até parece que engoliu um sapo!

— Engoli a pílula que estava na goela do sapo, respondeu a boneca de pronto.

— Emília, Emília, vamos respeitar, orar e ouvir o sermão da primeira comunhão? Dona Antonica, mãe de Pedrinho, pediu mais uma vez.

Emília tinha muitas dúvidas, não aguentou, virou a cabeça e mostrou a língua sem que alguém percebesse.

— Se falar de novo, te coloco fora da igreja — Narizinho ameaçou Emília.

Inconformada e ainda com muitas perguntas a fazer, respondeu:

— Juro que ficarei quietinha. Cruzou as mãozinhas na boca e aguardou silenciosa a cerimônia acabar.

Ao término da missa, todos foram abençoados e convidados a irem ao salão da igreja se servirem de sucos de jabuticaba, amora, salgadinhos e petit four. Esses quitutes foram oferecidos pela paróquia a todos os convidados, como acontece na maioria das igrejas, em homenagem a esta celebração religiosa, explicou vovó.

Pedrinho trocou santinhos entre os comungados, tiraram muitas fotos e por fim a festa acabava para todos, mas não para o garoto. Ele tinha outro compromisso: foi correndo entregar sua lembrancinha de primeira eucaristia para Tia Nastácia.

Ela gostava de receber todos em sua casa, ainda mais numa data especial como essa, ficava orgulhosa de ter sido lembrada, principalmente depois de ter salvado sua vida com tantas rezas e benzeção.

— Quer um guaraná? Uns bolinhos de chuva?

— Não, obrigada, só vim aqui trazer meu santinho. Vovó, Narizinho, Emília e minha mãe me esperam em casa.



— Ah, lembrança a todos e parabéns pela primeira comunhão, tenho um presentinho para você.

Era o chaveiro de proteção, já benzido, com uma figa de madeira; um trevo da sorte; pimenta vermelha e uma ferradura. E para completar amarrou a fitinha de Nosso Senhor do Bonfim no braço de Pedrinho.

— E assim te benzo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

— Tem o vasilhinho de arruda. Dê para Dona Benta. Os incensos são para sua mãe.

Quando Pedrinho estava doente, Tia Nastácia ia todos os dias à sua casa para benzê-lo. Era médico saindo e ela entrando. Quando os médicos pensaram ser problema pulmonar, bronquite crônica, até tartaruga ela sugeriu que fosse colocada debaixo da cama do menino. Ele poderia ter morrido não fossem os banhos de arruda, sal grosso, louro, alecrim, enfim o banho das sete ervas. Daí Nastácia descobriu que o que ele tinha mesmo era bucho virado. E o curou.

Nastácia vivia sozinha num cômodo simples, seus dentes eram tão brancos que, quando sorria, o brilho refletido doía nos olhos. Às vezes ficava brava, que dava medo até de dar um abraço e beijá-la. Usava seus cabelos brancos cobertos com um lenço de pano estampado. Seu perfume era de rosas. As crianças não deixavam de ir a sua casa para tirarem o quebranto e comer seus bolinhos que, de tanta energia positiva, os curavam de muitos males. Isso acontecia quase todos os dias. Seu sorriso ficava mais aberto quando conseguia ver o anjo da guarda dos pequenos. A benzeção começava com um Pai Nosso, uma Ave Maria, vela, incenso acesos e um sinal da cruz.

Tia Nastácia tinha a alma tão pura, e o poder de cura era tanto que todos queriam ser abençoados por ela. Entre os frequentadores, além dos adultos, estavam os amiguinhos de Pedrinho do catecismo, da escola e os filhos do médico que no hospital diziam ter salvado a vida do menino.

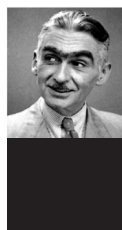
— Tia Nastácia, ainda te levo para morar comigo no sítio do Picapau amarelo, dizia Dona Benta quando ia visitá-la para tomar um passe.

— Um dia, respondia. Um dia

Bem, o final da história vocês conhecem:

*Entrou pela porta da casa do gnomo;
Saiu por outra na carapuça do saci;
Pai, Filho, Espírito Santo,
Tia Nastácia está chegando para te acudir.*

*1, 2, 3, 4, 5, 7 mil
Aproveite e pegue o fio da história,
Quem puder que emende outra,
Pra que todos continuem a se divertir!*



Limão-cravo, laranja-azedo

May Parreira e Ferreira

Sou um espírito escrevinhadeiro, desses que rabiscam muito para contar pouco. Fico soprando, em ouvidos alheios, histórias que vejo ou que ouço por essas eternidades, às quais estou destinado. Já vi de muito e de tudo na minha desvida. E nada melhor para um autor, mesmo que seja um defunto, do que contar fofuquices.

Vou contar para você sobre um desencarnado chamado Teotônio. Quem o conheceu, no auge do vigor terreno, ficou impressionado com as torturas que despegava aos escravos, uns espancados até a morte, outros emparedados vivos e um que ele mandou moquear.

Por essas e outras, você pode imaginar o quanto a alma foi odiada. Sempre que se falou do Coronel Teotônio, rezou-se para que ficasse no limbo, entre vermes. Não foi o que aconteceu. Na maior parte do tempo ele andou por aí maltratando animais ou fazendo velhacarias. Eu o vi empurrando mendigos, propagando um incêndio aqui e ali, mas nunca pude intervir, pois somos feitos de matérias diferentes.

Minha história começa com o Coronel morando de favor, embaixo da pia da cozinha, numa casa comum, de um bairro comum. Não conheci ninguém que o quisesse por perto. Mofo, umidade e algumas baratas eram suas constantes companhias. Ele se acomodava, não sem reclamar, numa fresta de azulejo debaixo do sifão. E era assim que descansava, numa manhã, quando ouviu vozes na porta dos fundos.

Quando alguém vinha visitar a residência, que agora considerava sua, ele rodopiava o vento, fazia estalar o piso, e cochichava besteiras para

o visitante. Andaram dizendo, pelo bairro, que a casa era assombrada e, sabe, sempre existe quem acredita.

O preço está mais que razoável, dizia a corretora para os recém-casados. Era o vigésimo primeiro cliente, em quatro anos.

Semana seguinte, o casal voltou, verificaram detalhe por detalhe, andaram alegres por tudo. A mulher entrou na cozinha, abre e fecha de portas, ficou cara a cara com o abantesma. Ela, sem enxergar o velho, olhava o aspecto pouco higiênico da pia; ele, vendo surgir, diante de si, a figura da finada esposa.

Como se ela o estivesse vendo ali, ridículo, nu, pendurado no sifão sujo, sem nada da arrogância e destemor de outrora. Sentiu-se mal, o Coronel. Saiu num bafo quente e podre, se enrolou no tronco seco do ipê-amarelo e chorou pela primeira vez, chorou de ódio. Lembrou-se da mulher, que ele acreditou que o traía com o negro, apesar das negativas de ambos. Nem o rabo de tatu, a pimenta nos ferimentos, a morte matada do negro livraram Teotônio do sentimento corrosivo. Daquela vez, moqueou o sujeito, e fez a mulher comê-lo aos pedaços. Agora, a ira arcava o galho fino da árvore, como um ramo de chorão.

Ele tinha certeza de que aquela mulher era a mesma, que morreu de apanhar, de tristeza ou de ultraje, para quem nem mandou rezar missa. Seu orgulho não permitia humilhação. Ninguém havia rido dele, nem nunca acharam graça de seus esgares. Tinham, sim, é muito medo das maldades.

Teve várias mulheres, é certo; algumas alvas e silenciosas como a defunta, outras espalhafatosas e negras; em algumas ele batia, de algumas desdenhava, mas filhos, nenhuns. Sempre se lembrava do desprezo que viu nos olhos da moribunda condenando-o a não ver perpetuados, em suas sementes, os olhos duros de cobra.

Feito teia de aranha no alto do ipê, o Coronel escutou a voz da mulher vinda do quintal, Quatro meses de reformas e poderemos nos mudar, não é? Não, não seria. Se dependesse dele, os dois não se mudariam nunca, e se o fizessem haveriam de sofrer.

Os pedreiros entraram em seguida. Enquanto quebraram paredes, e colocaram novo piso, atrapalhou o quanto pôde. Era um tombo, um cor-



te, uma distensão. Ocorrências simples, mas que serviram para atrasar a obra. A cozinha foi a pior parte. Os canos arrebentaram, o piso descolou, os ladrilhos não aceitaram rejunte.

Augusto e Nina se desentendiam a cada visita, mas eram jovens, logo estavam aos beijos. E foi neste pedaço da história que apareceu Liduína. Era uma antiga conhecida minha, trabalhava para a mãe de Nina e era uma espécie de diplomata entre os dois mundos. E, se havia alguém precisando de ajuda, esse alguém era o Coronel, porque estava na hora de ele ir embora e deixar que a vida, vivessem-na Nina e Augusto.

Liduína entrou na cozinha, segurou o queixo com uma mão, a outra apoiada na cintura, espremida por grandes e arredondadas ancas mulatas, farejou por todo canto. No quintal, parou embaixo do ipê, virou para um lado, para o outro e fixou os olhos no alto, como os gatos que veem o nada.

Desce daí, velho safado, precisamos de um dedo de prosa. Coronel nem se mexeu, Isso não é da sua conta, nêga metida. Começaram uma discussão e por mais que eu espichasse os ouvidos, só entendi, Êta velho teimoso, se não tem jeito, ajeitado está.

A noite avançava rapidamente quando Lidú entrou e chamou a menina, Eu tive uma ideia minha filha, essa bagunça tem de acabar. Vou ensinar a você umas coisicas da cozinha, preciso buscar os ingredientes e volto amanhã, começamos a lida logo nos amanheceres.

Dia seguinte, Lidú chegou com a carne, limão cravo e algumas traquitanas. Começou a falar alto, queria atrair a atenção do indisposto. Nina, ingênua nesses assuntos, entrou animada, O que é que teremos de novidades? Coronel sentiu-se seduzido, chegou ligeiro se enganchou na maçaneta do vitrô.

Eu, que assistia de longe, não vi em Teotônio os olhos frios e insinceros do passado, e sim uma curiosidade apaixonada; mas sabe, espíritos também se enganam, então, achei melhor não palpitar com Lidú. Ela haveria de encontrar o caminho.

Enquanto mexiam nos temperos, a mulata começou a lamentar, para a doninha da casa, o destino de um pobre Coronel, que viveu num tempo

e num lugar onde tudo era muito diferente. Contou a infância do velho com certo ar de tragédia, com certo ar de tristeza. Até eu fiquei penalizado e começava a chorar quando Lidú arrumou as coisas sobre a mesa, dizendo que voltaria no dia seguinte para continuar o preparo, Este prato exige tempo e paciência, disse a mulata. O Coronel ficou imóvel, remoendo a expectativa do amanhã.

Manhã seguinte, Liduína, enquanto pendurava a carne sobre o fumeiro, detalhava para Nina as coisas que fizeram do tal homem alguém tão temido. À medida que os relatos surpreendiam a atenta ouvinte, iam domando o inquieto espírito. O cheiro da carne defumada se entranhava no esfumado, fazendo com que ele se lembrasse dos tempos em que vibrava com a boa mesa.

Fazê-lo ter boas lembranças, e despertar, em Nina, o interesse na magia das histórias e da cozinha era parte do plano de Liduína.

Veza ou outra, o Coronel grunhia do alto do ipê, Não, não, não foi bem assim, repetia em tom baixo quase sem graça, querendo minimizar suas sem-medidas. Semana se foi, nem o próprio Coronel percebeu que se esgarçava nos galhos. Todo dia, fumaça de menos, mais um pouco de história e ele ia se despedindo deste mundo, se curava pelas palavras.

Era o que precisava, saber o que havia feito e se arrepender. Em outros tempos, Liduína andou fazendo feitiçarias, hoje sabia que as coisas podiam e deviam ser diferentes. Sua calma, sua doce voz, suas histórias puseram fim ao tormento da reforma para o casal, e fim ao descaminho do velho, para sossego de todos.

O tempo é mesmo senhor e o Coronel aceitou ir embora. Desapareceu na seiva da árvore levando com ele a visão de Nina, arrumando a mesa no terraço, com toalha de linho muito branco, taças de cristal, rosas vermelhas. Nina estava feliz, ansiosa para servir ao marido um quitute tão especial e poder anunciar a primeira gravidez.

Eu, de minha parte, acho que não sopro mais histórias como as de outrora, talvez porque esteja velho demais ou esteja precisando de uma



prosa com a Liduína. De qualquer modo, saiba quem, eventualmente, me lê, que o ipê ficou carregado de flores que mais pareciam moedas de ouro.

(Se você quiser saber em quais outros ouvidos soprei, recomendo a leitura do conto *Bugio moqueado*, em *Negrinha*, de Monteiro Lobato)

A mais linda realidade

Jeanette Rozsas

Como assim?, eu cismava comigo mesma, uma “velha” de sessenta anos, sentada na varanda e ainda por cima com o seu trabalhinho de mão no colo? E eu que nem botão sei pregar... De óculos de aro de ouro na ponta do nariz? Com tantos modelos arrojados e coloridos hoje em dia! Eu, por exemplo, tenho uma coleção multicolorida. O cabelo branco até que gostei, preso num coque que combina com uma velha de sessenta anos. Ora, onde já se viu! Na sua idade eu ainda fazia caminhadas por trilhas no meio do mato.

Bom, essa história toda começou quando eu estava indo para o interior e, lá pelas tantas, o waze do meu carro ficou doido e só apontava uma estradinha à esquerda. Eu mudava a rota e o danado insistia naquela estradinha à esquerda, pequena e de terra batida, quase uma picada.

Não tive outro jeito senão pegar o caminho indicado. Assim que entrei, vinha vindo um caipira, certamente da região — chapéu de palha, pito pendurado no canto do lábio, andando devagarzinho.

— Boa tarde — cumprimentei.

— Tarrde, dona — respondeu.

Perguntei como fazia para chegar na autoestrada que levava para***.

Ele coçou o queixo, olhou para o infinito e depois de algum tempo respondeu que não sabia, não.

Eu já ia acenar e seguir adiante, quando ele completou: que eu seguisse em frente e logo veria uma casinha branca, com uma velhota de uns sessenta anos sentada na varanda, o cesto de costura no colo, óculos de ouro na ponta do nariz, que devia viver muito solitária naquele lugar, mas que conhecia bem a região. Ela devia saber me informar.



Agradei e fui pensando nas coisas que contei logo no início desta história.

Não demorou muito, vi a casa e a senhora na varanda. Ela não morava sozinha, porque logo apareceu outra pessoa, também idosa e que era... como diria... uma pessoa de cor, ou afrodescendente, a quem chamaríamos antigamente, sem ofensa alguma, de um modo respeitoso, de negra.

Avancei um pouco em busca de um lugar para estacionar e de repente meu carro fez pluft. Vi que tinha alguma coisa errada. Tentei a partida uma, duas vezes, e nada. Ainda bem que de onde o carro estava não dava para me ver, antes que eu fosse me apresentar às duas moradoras.

Saí do carro e estiquei as costas num gostoso espreguiço. Eu já estava dirigindo há algumas horas e só aí me dei conta do cansaço.

Olhei em volta e o que vi me encheu de uma sensação de bem-estar. Que lugar bonito!!!

Era um pomar. A grama macia, bem verde, dava vontade de deitar um pouco. Mas fiquei só na vontade — a curiosidade venceu e decidi explorar aquele lugar tão lindo.

Atraída pelo barulho de água, fui andando na direção e me deparei com um ribeirão de águas caudalosas, mas bem calmas, que serpenteavam entre as pedras e o que mais, porque naquele leito de rio ele devia correr fazia muito tempo.

Nisso, alguma coisa chamou a minha atenção: uma conversa que vinha de baixo e, quando busquei de onde partia, vi uma menina deitada na grama conversando com não sei quem. Sua imaginação devia estar voando mais rápida do que as águas do riozinho, porque ela falava coisas sem sentido com pessoas que só ela via.

— Claro que sim, majestade. A Condessa de Três Estrelinhas virá na companhia de seu noivo, o Marques de Rabicó. Eles não perderiam por nada o almoço no Reino das Abelhas.

E assim ia a prosa, e eu ouvia com o maior deleite. Como as crianças têm facilidade para inventar seu próprio universo. E como perdemos esse dom com o passar dos anos.

De repente, aparece correndo um garoto.

A menina logo chamou:

— Pedrinho, por onde você andou?

— Narizinho, descobri um segredo. Tem um carro escondido debaixo da mangueira.

Eu fora descoberta. E agora?

O menino continuava a falar, muito agitado com a novidade.

— Venha logo antes que a Tia Nastácia nos chame. A Vovó não quer que a gente fique até muito tarde porque senão pode vir...

Justo nessa hora, o meu queixo caiu. Uma pessoinha saiu do bolso da menina e pôs-se a falar:

— Já sei, já sei — dizia a palpiteira com sua vozinha aguda. Era uma boneca de pano, toda feita de trapos, mais parecia uma bruxinha. — Senão a cuca pode aparecer, ou então aquela peste da Carochinha, atrás do Pequeno Polegar.

Pedrinho, Narizinho... não podia ser. Eu devia estar sonhando. Ou no meio de um desmaio; ou de um delírio. Mas, não! Eu estava bem ali, a alguns metros do meu carro, o waze tinha me trazido pela tal estradinha, a casa branca, a senhora sentada na varanda, a negra que morava com ela...

De repente, ouvi uma voz sorridente vinda do portão do pomar:

— Pedrinho, Narizinho. Venham para dentro. A Dona Benta tem uma convidada para o café. A senhora, que está aí parada, com jeito de quem viu fantasma (só podia estar falando de mim!) — e deu uma risada gostosa. — Pode vir comigo, que mostro o caminho.

Nem sei como, acompanhei aquela que devia ser a minha sempre querida Tia Nastácia e, em instantes, estava sentada na sala de Dona Benta, sentindo um cheiro delicioso no ar, o que provava que eu estava bem acordada. Quem sabe os famosos bolinhos que a negra fazia?

Tentando mascarar o meu espanto da melhor forma possível, eu explicava à dona da casa:

— Então eu vinha vindo pela estrada principal quando o meu waze insistia que eu entrasse nesta estradinha.

— Desculpe. O seu o quê? — perguntou a minha anfitriã.

Claro, ela não podia saber o que era um waze. Então simplifiquei:



— É um mapa falante que tenho no meu carro.

Se ela ficou em dúvida, não deixou transparecer.

— Um caipira, quer dizer, um passante de chapéu e cigarro de palha me disse que eu passaria por aqui e que a senhora me ensinaria como voltar para a estrada que leva a***. Mas gostaria de passar primeiro por Taubaté.

Ela sorriu, bondosa.

— Claro, indico sim. Mas antes espere meus netos chegarem. Vão ficar felizes em conhecê-la. Não é sempre que temos visita aqui no sítio.

Nessa mesma hora, como se estivessem orquestrados, ouvi um tropel vindo da varanda. Eram Narizinho, Pedrinho, o Visconde de Sabugosa, a Emília, o Rabicó, o Peixinho Dourado e todas aquelas personagens que encheram o meu imaginário e de milhares de leitores. Graças ao “pai” deles, o maravilhoso escritor Monteiro Lobato, inspirador de tantos sonhos e que incentivou, com suas histórias, tantas crianças a ler! Quantos leitores ele não formou, leitores que descobriram nos livros o prazer da leitura e que levaram isso pela vida inteira. Obrigada, Monteiro Lobato.

E agora, estávamos todos juntos, todas aquelas criaturas que eu nunca esqueci em minha vida, apesar de ser bem mais velha que Dona Benta e Tia Nastácia!

— Cumprimentem a visita. Ela vai nos dar a honra de ficar para o café.

Arrisquei uma pergunta:

— Dona Benta, eu queria parar um pouco em Taubaté, para conhecer...

— Já sei — atalhou minha amável anfitriã, que tinha o rosto mais doce que qualquer avó já teve neste mundo. — A terra de Monteiro Lobato, o nosso criador, não é? E digo mais: gostaria que o autor de tantas travessuras estivesse aqui conosco também, acertei?

— Isso mesmo. Como foi que a senhora adivinhou?

— Porque conheço o brilho nos olhos dos leitores que se fizeram graças a Monteiro Lobato. E a senhora certamente é um deles. Por coincidência, ele também passava por aqui e veio comer um dos célebres bolinhos de Tia Nastácia.

Nisto entrou na sala o rosto tão conhecido, que eu tinha gravado na memória desde a infância. Sobrancelhas grossas, quase se encontrando no meio da testa, foi o traço que mais chamou a atenção da menininha que eu fui. Depois os óculos, o olhar, o homem feio cujas feições aprendi a amar, quase tanto quanto as suas criaturas. Fiquei muito emocionada, senti que iria chorar de tanta felicidade. Eu estava no Sítio do Picapau Amarelo, com a melhor companhia imaginável.

Bem nessa hora, veio a sorridente Tia Nastácia, trazendo uma bandeja grande com um bule de café fumegante, várias canecas esmaltadas e uns bolinhos... Ah, os bolinhos de Tia Nastácia!

Depois do lanche, me despedi, falando que eu ainda teria de ver o que acontecera com o meu carro. Todos me acompanharam até onde eu tinha estacionado, cheios de curiosidade e dispostos a ajudar.

Entrei no carro, dei a partida e não é que ele funcionou logo na primeira tentativa? Que tarde de surpresas!

Entre adeuses e convites de volte sempre, peguei o caminho que Dona Benta me indicara, e logo estava na rodovia que levava a Taubaté.

la pensando em tudo o quanto acontecera, perguntando a mim mesma se não tinha de fato sonhado com tudo aquilo. Então me lembrei de Monteiro Lobato (que, por sinal, não quis aceitar a carona que lhe ofereci até a sua terra). Ele, mais do que ninguém, confiou na capacidade das crianças de mergulhar no mundo de fantasia. Negar que adultos também pudessem fazer o mesmo, seria desacreditar que ainda há beleza na Terra, que seríamos todos pessoas somente racionais, duras, secas, sem alma.

Eu não era uma pessoa assim; com certeza, não era e não sou uma pessoa assim. Então deixei de indagar se tinha sido sonho ou qualquer outro fenômeno psíquico. Para mim, fora a mais pura e linda realidade e com isso prossegui, usufruindo as lembranças daquela tarde inesquecível.



Artistas da cidade

Betty Wey

*“Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar.
Pinga-se um ponto final e pronto, ou então
escreve-se um latinzinho: FINIS.”*

Palavras do narrador em *Memórias da Emília*

— Me tira daqui!

Foi o que ouvi ao trabalhar nos restauros da antiga fazenda Buquira, que foi propriedade de Francisco Monteiro, avô materno de Monteiro Lobato, onde hoje fica o Museu do escritor. Sempre quis chegar aqui, quando comecei meus contratos com a Prefeitura de Taubaté, e o meu maior interesse foi cuidar do Patrimônio Histórico da cidade. E desde que cheguei, há 20 dias, ouço uma voz como um assobio: me-tira-daqui!!!

Entre papéis amarelados, documentos, fotos e muitos móveis antigos em madeira escura começa minha viagem no tempo, explorando a vida do escritor que povoou a imaginação de minha infância. O casarão da sede da fazenda, em estilo colonial rústico, típico das construções da época áurea do café do século XVIII, permanece intacto e acolhe as relíquias de Monteiro Lobato. As palmeiras imperiais, como fiéis escudeiros, guardam segredos do passado e enriquecem a fachada branca da casa de grossas paredes em taipa e janelões quadriculados. Aqui, o menino José Bento Renato viveu até seus 16 anos com seu amado avô. Essa forte convivência inspirou um de seus personagens, o Visconde de Sabugosa, ao retratar um pensador e sua sabedoria. E assim, a fazenda tornou-se palco incondicional das histórias do Sítio do Picapau Amarelo na imaginação do escritor.

E os sons voltam:

— Me tira daqui, moça!

Preciso descobrir de onde vem esses murmúrios! Talvez a bibliotecária do Museu saiba me dizer.

— Peço desculpas, senhora, devo estar enganada, mas você já ouviu vozes estranhas por aqui?

— Nem me fale, são essas figurinhas que precisam ficar presas para nos dar sossego.

— Como assim?

— Há muitos anos, as figureiras da cidade trouxeram para cá uma coleção dos personagens do Sítio. Foram as primeiras peças, aquelas descobertas pelo Rossini Tavares de Lima, sabe?

— Figureiras? O Prof. Rossini passou por Taubaté?

— Sim, o folclore brasileiro tem prestígio internacional por sua causa. Ele veio à Taubaté em busca das criações dos frades do convento de Santa Clara e se encantou com a produção artística deles. E hoje, muitos homens e mulheres continuam a fazer essas peças e as vendem em suas casas, lá na rua das Figureiras, criada pela Prefeitura de Taubaté.

— Que interessante.

— Você não esteve lá ainda? Fica no bairro Imaculada. No início só faziam presépios, agora a produção aumentou muito com os personagens do Sítio.

— Sei, sei, vou até lá, sem dúvida.

— Você vai se encantar ao entrar no mundo da fantasia repaginado em argila, como arte popular, a contar tudo e mais um pouco das histórias daqui.

— Mas como você explica essas vozes estranhas que estou ouvindo. De onde vêm?

— Não é pra todo mundo, não, com certeza você é especial. Sabe... a chefe das figureiras, D. Conceição, guardou todos os personagens na gaveta da cômoda, na sala atrás do quarto que foi de Monteiro Lobato. Sabe onde é? Não escuto ninguém falar que ouve essas vozes, por lá, há tempos.

— Vou tirar tudo dessa gaveta! Pera aí!



Volto para a sala e o som da voz aumenta!

— Me tira daqui, moça! Quero te conhecer!

Chego perto da cômoda. Abro a gaveta de cima e a outra de baixo. Nada, estão vazias. Tento abrir a última, mas não consigo. Está trancada. A voz me chama:

— Que bom, vou sair daqui!

— Mas quem é você? — me arrisco a perguntar.

— Ah, me tira daqui pra você me ver!

— Você é uma boneca?

Uma risadinha jocosa sai da gaveta, alegrando o ambiente.

— Me tira daqui, daí você vai saber!

Saio correndo e chego à rua das Figureiras. Toco a campainha de uma casa de janelas vermelhas, uma senhora de cabelos grisalhos e voz arrastada, com saia florida e avental branco, aparece na porta. Eu me apresento como arquiteta que está cuidando das obras do Museu, pergunto se ela é a D. Conceição e que preciso da chave para abrir a gaveta da cômoda. A senhora me convida a entrar. Na sala, vejo muitas prateleiras em estantes repletas de figurinhas coloridas de Emílias, Narizinhos, Pedrinhos, sacis e Sabugosas feitas de barro cozido e esmaltadas artesanalmente. São muitas e chamam a atenção pelo conjunto artístico da obra, eternizando o Sítio do Picapau Amarelo.

— Lindo trabalho, D. Conceição.

— Que bom que gostou.

— Quantos figureiros tem aqui em Taubaté?

— Uns quarenta e todos eles vivem do trabalho de amassar a argila, que sai dos rios do vale.

— Esses pavões azuis são do Sítio também?

— Não, a nossa marca registrada é o pavão. Os turistas adoram! Você quer um? Pode escolher.

Escolho um pavãozinho azul bem pequeno, de cauda aberta, que entrará para a coleção de mascotes de minha filha, como o Pavão dos figureiros de Taubaté. D. Conceição me acompanha até o Museu para abrir a gaveta da cômoda e conta que guardou todas as peças para protegê-las

das goteiras, da umidade e do bolor das paredes do casarão. Ela me fala, bastante irritada, que o Patrimônio Histórico Federal tombou tudo por lá e agora fica difícil conseguir verbas de manutenção.

— Uma lástima. Ainda bem que o prefeito Antônio Mario Ortiz ama a gente e agora está cuidando de tudo por lá.

— Pois é, foi justamente o prefeito que me contratou. Estou gostando muito de trabalhar com ele nas obras históricas da cidade. Já fizemos muita coisa por aqui, o teatro Metrópole, a Catedral e a praça principal e agora estamos na fazenda.

— Que boa notícia!

— Me responda uma coisa, D. Conceição, pode parecer loucura, mas as figurinhas que a senhora guardou, lá na gaveta, elas falam?

— Você sabe, né? A Emília é uma boneca falante. Em suas histórias, Monteiro Lobato escreveu que ela falou quando o doutor Caramujo lhe deu uma pílula.

— Interessante não? Emílias falantes que povoam o universo infantil Brasil afora.

— A traquina da Emília quer que todos falem. Ela até que conseguiu, mas agora, estão todos bem quietinhos lá na gaveta.

— Emília, linda e sabida Emília! Adoro! Estou tão envolvida com essas vozes me chamando, acho que essa noite vou sonhar com elas D. Conceição.

— As figurinhas pararam de falar há tempos. Mas, diz a lenda que escolhem afilhados para conversar. Se você ouviu...

— Eu ouço uma vozinha bem fraca, que pede para eu tirá-la da gaveta.

— Só pode ser a boneca. Ela falou de novo, fico muito feliz.

Chegando ao Museu, D. Conceição abre a grande gaveta da cômoda e lá estão as figurinhas antigas dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Estão bem quietinhas. Peças inanimadas a me olhar sem ver. As da Emília são lindas, muito antigas e precisam de cuidados para serem manuseadas. Todo cuidado é pouco. Olho, procuro, apuro os ouvidos e nada. Silêncio total.



A figureira, cada vez mais entusiasmada, me conta a história de cada um dos bonequinhos das eternas histórias e explica como foram criados. Os desenhos, feitos por Monteiro Lobato, que também pintava quadros, foram aperfeiçoados por vários ilustradores, e até hoje surgem outros, ilustrando novas edições dos livros do autor. Ela me fala de AVGVSTVS, J.U. Campos, Nino, André Le Blanc, Villin, e Voltolino dizendo ser os ilustradores de todos os personagens, para as primeiras edições dos livros, entre 1926 a 1931, e eles ficaram famosos com esses desenhos. Ela me leva até a Biblioteca para mostrá-los. Essas edições antigas estão em caixas de acrílico como suas protetoras, e as ilustrações tomam formas, parecendo ter vida própria, tão lindas são. Descubro que Campos foi genro do escritor e com ele ficou com a enorme responsabilidade de retratar o que seu sogro imaginava, dia após dia. Me envolvo com os desenhos, mas preciso voltar para as figurinhas antigas, à minha espera em cima da mesa. Procuo ouvi-las, não escuto o menor ruído! Emudeceram ou pirei! Analiso uma a uma para colocar em meu relatório diário.

Decepcionada com o silêncio, me despeço de todos e pego o carro para voltar para São Paulo. De repente, ouço a vozinha de novo:

— Oi moça, que bom! Muito obrigada, você me tirou da gaveta!

Espantada, olho pelo espelho retrovisor e vejo, sentadinha no banco de trás do carro, uma bonequinha Emília pequenininha. Muito linda, de olhos bem arregalados, que sorri para mim.

— E agora Emília? O que faço com você?

— Pinga-se um ponto final e pronto, Finis! Me parece lógico — replica Emília.



.....
.....

3607181
São Paulo, 24/5/40 21

Dr. Getúlio:

O Petróleo! Nunca o problema teve tanta importância e se o senhor não toma a si, com a maior energia e urgência, a solução do caso, arrepender-se-á amargamente um dia, e deixará de assinalar a sua passagem pelo governo com a realização da Grande Coisa. Vivi demais o assunto. No livro O ESPANDALHO DO PETRÓLEO denunciei à nação o crime que se cometia contra ela — e com a maior dor de coração vejo que o oficialismo persiste nesse crime, e agora armado dum arma que não existia antes: o monstruoso bank chamado CONSELHO NACIONAL DO PETRÓLEO.

Dr. Getúlio, pelo amor de Deus pomba de lado a sua dislipicência e ouça a voz de Jeremias. Medite PER SI HOMO no que está se passando. Tenho a certeza de que se assim fizer, tudo mudará, e pobre Brasil não será crucificado mais uma vez.

HISTÓRICO

A procura do petróleo era uma atividade aberta a todos os brasileiros e na qual muita gente, nos últimos anos, começava a empenhar-se. Surgiram empresas novas. O capital principiava maduramente a interessar-se pelo assunto. Os obstáculos eram os obstáculos naturais do negócio, e os artificiais, criados pelas entidades que não vendiam petróleo. E muito naturalmente não queriam que tivéssemos petróleo próprio. Mas iam vencendo a campanha. Eu e meus amigos conseguimos formar três companhias novas. E tal foi o vulto do movimento que o governo, que jamais no Brasil cuidara de petróleo, entrou em contato com as melhores intuições criou o CONSELHO NACIONAL DO PETRÓLEO.

Mas rapidamente esse órgão fugiu à sua missão, e tais coisas

{ Quem
escreve
um livro
cria um
castelo,
quem o
lê mora
nele. }

Vitupério

Carla Figueiredo Vieira

Elogio em boca própria é vitupério, dizem ser ditado português, repetido inúmeras vezes por Dona Benta em sua sabedoria, até se tornar léxico familiar.

E a esposa?

Esposa nenhuma. Hoje eu, maior *connoisseur* de vinhos do continente, a mulher se enciumou e não pode suportar tamanho especialista.

Divórcio.

Elogio em boca própria é vitupério

Que tal o *boeuf bourguignon*?

Carne não cortada no sentido exato e jamais assado por vinte e três horas *comme il faut*. Nem aos pés do que eu faço.

Elogio em boca própria é vitupério

Minha cozinha em reforma.

Espetacular é a minha, criei projeto, arquiteto algum, o mundo se deleita, lugar favorito dos da casa e visitantes.

Elogio em boca própria é vitupério

Que tal os quindins?

Ok, porém descobri no mesmo instante ingrediente fundamental ausente. Muda amarelo e sabor, não se compara ao que preparo.

Elogio em boca própria é



Como foi seu ano escolar, queridinho?

Maravilha, sou o primeiro aluno, professores me adoram, colegas, o diretor sempre me chama para conversar. Só um minidetalhe, este ano reprovei.

Elogio em boca própria é

Como vai sua exposição?

Divina. Vendi os quadros todos, também não é de se espantar, na pintura, sou mestre mundial.

Elogio em boca própria é

Vou operar hérnia de disco.

Isso, nada. Eu tive a coluna operada do topo ao fim, incontáveis pinos, colete e coleira por mais de anos, esta sim, cirurgia digna.

Elogio em boca própria

Seu nariz ficou bom.

Olhe, estou linda, era o que faltava para tornar meu rosto suave, belo, sem osso em destaque. Agora não abandono espelhos.

Elogio em boca própria

O que está lendo?

Só clássicos e no original, não perco tempo com a dita literatura contemporânea e de entretenimento estrangeira, quem diria a nacional.

Elogio em boca própria

Minha amada avó faleceu.

Triste mesmo foi a partida do meu cãozinho da vida. Engasgou com ossinho de frango, nunca me recuperei.

Elogio em boca

Me recomenda filme?

Não assisto tv, canal fechado e muito menos aberto. Uso o tempo que me é dado para estudar, evidente, ocupo a mais alta posição no que faço.

Elogio em boca

Foi à festa?

Sim, homens todos disseram em uníssono, sou a moça mais bonita que já viram na vida. A inveja das mulheres, palpável igual gafanhotos em nuvem.

Elogio em

E a premiação?

Eu de novo, sempre assim, entra ano sai outro. Melhor atriz principal de série dramática, comédia e musical. Todos os prêmios.

Elogio em

Vi o loiro mais bonito do colégio, lembra?

Nunca lhe dei atenção, mal sabia quem era, e na reunião, vinte anos de formados, disse que por toda a eternidade foi apaixonado por mim.

Elogio em

Começou aulas de piano?

Apenas aperfeiçoamento, nasci tocando toda e qualquer melodia só de ouvir, meu professor nunca se deparou com ouvido absoluto assim.

Elogio

Que susto o acidente.

Bateram em mim, óbvio, ônibus desvairado, você já viajou comigo e sabe, eu, motorista mais capacitado.

Elogio

E então, Compadre, voltou atrás?

Imagine só você, não, minha palavra vale mais que ouro e pedras preciosas, palavra de rei.

Elogio



Como foi a pescaria?

Só eu peguei peixes, os outros ficaram olhando o fundo azul. Três baiacus de mais de noventa e cinco quilos cada, luta para colocar no barco.

Elogio em boca própria é vitupério

Qual o valor da cirurgia, doutor?

Você pode até se assustar, pois meu preço é sem comparação, o mais alto do mercado, mas tem que ser assim, sou o chefe supremo da cadeira no país.

Elogio em boca própria é vitupério

Há quanto tempo.

Sabe que sua mãe dizia à mamãe que o sonho dela era que você se casasse comigo, também, eu, o grande partido da cidade.

Elogio em boca própria é vitupério

Três defeitos seus, por favor.

Sou perfeccionista ao extremo, muito exigente comigo mesmo e com todos, e sincero absoluto.

Elogio em boca própria, vitupério

Abayomi

Danielle Martins Cardoso

Tácia é a primeira filha de Cícera, tem apenas oito anos, mas sabe fazer um arroz como ninguém: banhado de sal, grudado no meio, queimadinho no fundo e soltinho em cima. Era ela quem tomava conta da casa e dos três irmãos mais novos, dois gêmeos e um rapa-tacho especial enquanto Cícera trabalhava dinteiro, cuidando. Cícera cuidava da casa dos outros, dos filhos dos outros, dos cachorros dos outros, dos velhos dos outros, até cocô e xixi dos filhos-velhos-cachorros ela limpava. A Cícera cuidava do mundo lá fora, e dentro do barraco cômodo e meio, Tácia era olho, braço e colo de Cícera, mantendo tudo em ordem, uma ordem caótica de menina de oito anos, mas, ainda assim, uma ordem. Ninguém se machucava, ninguém passava fome, ninguém tinha o bumbum assado, e havia hora de brincar, de dormir, de comer. E ficavam ali, dentro do barraco, no cochicho criança, que era para não levantar suspeita de vizinho dedo-duro.

Cícera raspava a cabeça dos meninos, mas deixava a filha Nastácia na rebeldia dos cachos, do jeito que Tácia bem quisesse, sem trançar, sem esticar, até mesmo sem lavar. Cícera respeitava a filha, Cícera morria pela filha. Pelos filhos todos.

E precisava trabalhar. Chaveava a criançada e confiava. A chave ela enfiava dentro do sutiã e a mantinha embaixo dos seios, sempre do lado esquerdo. E nunca deu errado. Mas a vida, a vida sabe ser injusta.

* * *



Tácia chora muito hoje, ela sabe que seu mundo não quer voltar. Abá já tentou cosquinhas nas orelhas, histórias de caramujos e pirlimpimpins, mas não tem boca nem retrós nos olhos, nem engoliu comprimidos para palavrório de boneca de costura. E Tácia reclama, quer a mãe, quer os irmãos, talvez tenha sido uma vingança das águas, sim, Abá ouviu muito a história das águas no antes do antes, Cícera repetindo a ladainha, as crianças fechando os olhos e flutuando sonhos.

De pouca letragem, era contadora, a Cícera. Contadora de histórias como ninguém. Amarrava cucas e sacis do mesmo modo que nodava as bonecas. Resistência, as gentes reclamam continuação, diz Cícera. Um aprender e ensinar imorredouros. Do milho triturado angu, dos ossos o caldo, dos grãos bolinho frito a explodir pipocas, a palha, dobradinha e com amarração para prender as pamonhas, os sabugos, rinocerontes ou feiticeiros. Sua ta-ta-ta-ta...vó veio em um navio fedorento e assombrado, embaixo da saia-trama da mãe, agarrando suas pernas, tilintando medo. Enxergava os dentes das ondas, sentia o garfo dos raios. A mãe, cansada daquilo, começou a rasgar a própria saia, puxando da barra tiras de tamanhos variados. E segurava o balanço do navio dando nós pequenos e maiores, ajeitando uma cabecinha aqui, um bracinho acolá, perninhas e corpinho ganhando forma e movimento. E pediu a outra mãe outra tira: um teco de vermelho-bafo que enrolou fininho e esticou bem, montando o turbante. A terceira mãe atirou outro teco cor amarelo-terra, que virou saia lustrosa e a menina, a ta-ta-ta-ta...vó de Cícera, desentocando a cabeça, de olhar comprido naquilo tudo, entendeu. E sorriu milagre, agarrando seu brinquedo amuleto. E depois disso, as outras mulheres também. E as outras meninas e os outros meninos. As abayomis foram nascendo, de jeito e variação infinitas e se multiplicaram, num quase alegre, como piolhos em cabeça de cheiro. E grudavam lândeas, nas mãozinhas alegres. E foram tantas que o navio tombou esperança, calando vento e domando espuma.

* * *

Abá, Abá! Tácia aperta sua boneca nozuda. Para artesaná-la, a menina não precisou rasgar trapos velhos de limpeza com cheiro de chulé e nhanha até mesmo depois de dois banhos em detergente branco. Cícera achou no lixo de uma patroa uns paninhos, restolhos que ninguém queria. Enfiou tudo numa sacoleja de mercado e abriu a oferenda na hora da janta, no meio da criançada. Um alvoroço, mas só Tácia permaneceu enfeitiçada, embrenhada nos retalhos, escolhendo e desescolhendo. Abá nasceu da amarra mais bonita de todas, a cabeça um nó imponente, sem marcação de olhos, nariz, boca, mas adornada com um turbante de malha roxa. Ganhou uma saia cetim azul-céu e blusa carmim-coração. Na cintura, Cícera ajudou Tácia, prendendo saia e blusa com uma tirinha de malha verde, enrodilhada, enrodilhada...

Abá, Abá, Tácia chama, em sonho realidade. Os meninos de Cícera, engaiolados no barraco, amorosamente. E o barraco caiu com a chuvarada. Com os ventos-tufão. Os meninos agarradinhos, Tácia por cima deles, na proteção de galinha, dando as costas para o medo. Foram achar os pintinhos embaixo de tábuas e amianto, a água lavando corpo, roupas, a água dessalgando o arroz, espalhando grãos, amolecendo panelas e raptando bonecas. Ninguém sabia das crianças ali, escondidinhas. Nem das abayomis. Eram dez. De chita descorada, de malha velha, de seda-achado, de perfex e pano de chão, também agarradinhas na caixa de papelão e Tácia, com o rabo de olho, viu. Disse que viu o papelão-barco descendo a corredeira com as abayomis emiliando gritos e com medo de tsunamis de barro.

Espalhados, o arroz, a mãe, os irmãos, as bonecas, o barraco. Juntas, Abá e Tácia, a primeira agarrada ao umbigo da segunda. Agora, no abrigo, as duas tentam contar um tanto e outro de crianças. Um abrigo com cama alta, banho morno, lençol e comida colorida. Mas a menina chora. Chora os irmãos, chora Cícera, se todos se salvaram, sem arranhão algum, por que esse espalhamento? Eles esperam Tácia, ela espera Cícera. Cada um em um canto, em um abrigo. Para dificultar Cícera. Que nem sabe direito onde procurar, que tem que prestar contas aqui e ali por ter chaveado os filhos, e querem até prender Cícera, a mãe dos meninos, a mãe de Tácia,



a mãe contadora de histórias, a mãe abayomi. E Tácia hoje aperta Abá no peito, na barriga, as duas, um sufocamento.

Mas, como era mesmo aquele dizer de Cícera? Milhangu, pamonhoca, Abá, molengona nozuda sem cérebro, sem entender continuidades e sentindo resistência? Abá no chão do quarto do abrigo, entre duas camas: isca. Olhinhos tortos a namorá-la, o braço esticado, Abá sente outras mãos acariciando amarras e nós. E de repente, é levada para a cama vizinha. E são tantas camas num quarto-abrigo. Travesseiros e lençóis se agitam, e de mão em mão a boneca segue, em passeio-viagem, dedinhos ansiosos apertando cabeça, braços, cintura.

Tácia acorda. Ela vê Abá em mãos alheias. Franzindo testa, ciúma, mas depois, ideiando igual a Cícera, puxa um fiapo do lençol carcomido, desgastado pelos ácidos sanitários, e rasga tiras aqui, ali, amarrando nós e sentada na cama, fala alto, como se houvesse plateia — e há. O nó da cabeça, maior e mais bonito, não amarre na ponta, tem que sobrar cabelo para o turbante, mãos e pés nozinhos menores, a tira dos braços tem que amarrar no corpo... E novas bonecas nascem, em tantas camas de um branco esfolado, manchado. Ainda assim, as tiras se entrelaçam e dançam em variações infinitas, e se multiplicam, como no barraco, nos barcos úmidos e azedos, numa quase alegria.

Crocotó de escaraminholas

Maria Angela de Azevedo Antunes

Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar.

Quando Tia Nastácia me fez, com o pano da sua saia velha e me encheu de macela, diziam que eu era feia como uma bruxa. Tinha olho esbugalhado e ficava parada como um saco de batata.

Desde que tomei as pílulas falantes do Sr. Caramujo, destrambelhei a matraca. Consegui desentupir tudo que tinha na cabeça. Tem gente que coloca as mãos no ouvido quando chego. Mas não me importo, falo porque gosto, escuto minhas inteligências e fico muito orgulhosa de mim! Sou eu, mais eu!

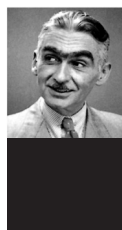
As pessoas me chamam de Emília, mas acho que eu deveria chamar Marquesa Filosófica e ter o apelido de Mafi.

— Sra. Marquesa Mafi, pode entrar no palco! Venha receber todos os prêmios pelas suas filosofices!

— Sra. Marquesa Mafi, pode nos dar a honra de conceder uma entrevista para a televisão?

Vou dizer que vou só se for para falar para o mundo todo, aí sim eu vou!

E vou pedir um cachê enorme, pra reformar o Sítio do Picapau Amarelo e deixar mais lindo do que já é. E fazer uma casa pra cada um: pra Dona Benta, pra Tia Nastácia, pro Pedrinho. Narizinho, Marques de Rabicó, Sr. Visconde de Sabugosa, Sr. Caramujo, Jeca Tatú, cuca, saci, e outras casas pra outros amigos do sítio. Vai virar uma cidade. Vou ser famosa, no mundo inteiro. Vou sentar numa cadeira enorme e falar filosofices de todos os assuntos, dos antigueiros aos atualizadeiros, os de maior novidades.



Agora criaram o Sr. Covid, bichinho asqueroso, redondinho e cheio de pontas. Ele vai furando todo mundo e quando consegue entrar nas pessoas, cria o maior rebuliço, leva espirro, dor de garganta e a pessoa fica cansada que dá dó. Cruz credo, tem gente que até morre e vira hipótese! E eu achando que mula sem cabeça era pior.

As pessoas não saem mais de casa, as crianças têm tanto medo do tal bichinho, que acordam no meio da noite mais assustadas do que se tivessem vendo assombração.

Agora todo mundo tem que usar focinheira quando precisa sair de casa, como os cachorros. Porque o Sr. Covid pode entrar pelo nariz. Estão presas nas casas. Tem gente que tá com uma tal de depressandade. Depressandade é um pouco de ficar triste e um pouco de ficar com tanta coisa na cabeça que não sabe como vai ser lá na frente, e fica como se tivesse um bicho carpinteiro na cabeça.

E nesse assunto todo mundo quer ser o doutor do Sr. Covid.

Acho que o Covid é um crocotó. Narizinho achou engraçado eu dizer que crocotó é uma coisa que a gente não sabe bem o que é.

Cada um fala uma coisa e ninguém sabe o que é verdade ou mentira.

Inventaram remédio pra matar o danado do bichinho, chamam de vacina. Uma chama Coronavac, outra AstraZeneca, outra Pfizer, outra Moderna, outra Janssen, até Sputnik criaram. Acho que eles andaram me escutando e resolveram inventar palavras difíceis como eu! Bando de copiadores!

E aí começou uma brigaria danada. Cada um acha que a sua é melhor. Eu escutei que algumas não servem pra nada, só coisa de político, que quer mostrar serviço pra ganhar votos. Algumas vacinas mexem lá dentro da gente, num tal de DNA...

E será que alguém vai virar macaco ou jacaré? Os adultos falam essas coisas... Eu acho que se criassem uma vacina pras pessoas serem um casulo, quando virassem borboleta o bichinho já teria ido embora...

Eu penso que todas as calamidades do mundo vêm da língua. Se os homens não falassem, tudo correria muito bem, como entre os animais que não falam. A língua é a desgraça dos homens da terra.

Criaram também uma raça nova de político. Antigamente eles eram muito mais sérios e pensavam nas pessoas. Hoje em dia, tem muitos que se esqueceram disso, são os umbigueiros, porque só olham pro seu próprio umbigo. Tem outros que são os passasseiros, passam a mão em tudo que não é deles. E tem aqueles enganeiros, se fazem de santinhos e com um jeitinho manhoso aqui e acolá, levam os coitados pro mundo do funil. Funil é aquilo que a pessoa cai dentro e quando vê, pluft! Já foi direitinho pro curral que o enganeiro quer.

Mas tem muita gente que fala as coisas dizendo que é verdade. Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso. Eles são hipocritantes e tem muita gente que acredita nesses falacieiros...

E sabem o que descobri? Tem gente bem poderosa que foi feita só pra proteger bandidos e soltar das cadeias os enganeiros, E se alguém descobre a mentira, é esse que vai preso e ser perseguido até esvair em sangue...

E tem gente também que solta notícia só de tragédia, se espremer sai sangue, pior que açougue, só pra distrair as pessoas dos assuntos tenebrosos, e deixar todo mundo com medo. Aí, sim, eles viram os salvadoreiros da Pátria, aqueles que vão dizer pros coitados como devem fazer as coisas. E ai, crucutu! Já caíram na anestesia e hipnotizados seguem como vaquinhas de presépio.

Eu, como uma grande filósofica, vou explicar tudinho pras pessoas e dizer que filósofo é um bicho sujinho, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de olho parado, pensando, pensando, pensando que entenderam. E uns bobos ainda ficam rindo, não entendendo nada; mas como o enganeiro falou, ele finge que entende e acredita!

Ah, mas se eu for pra televisão, vou falar tudinho mesmo!

Acho até que vão me indicar pro Prêmio Nobel da Filosofia, ou pro Prêmio Nobel da Humanidade.

Dra. Mafi, por aqui, Dra. Mafi uma foto, Dra. Mafi, o que a senhora pensa sobre nióbio? Vai ter muito assunto que vou falar! Ah, os holofotei-



ros vão me iluminar e eu vou andar com uma capa rastejante e um cetro na mão.

E vai ter faixas dizendo: “Emília, mais conhecida como Dra. Mafi, a grande inventora, a filósofa da nossa língua”.

Seu Lobato virou estrelinha no céu. Lá de cima vê tudo que está acontecendo. Vou falar nos meus discursos o que ele ia querer dizer se ainda fosse vivo.

Vai ter orgulho de mim.

O direito-torto e o direito-direito

Heloísa de Queiroz Telles Arrobas Martins

O que direi agora me foi relatado por uma sobrinha de Tia Nastácia — jurou que leu no livro de memórias da Emília, escrito para assegurar que ninguém dissesse coisas tortas ou arranjadas.

Um pouco mais afastado para o lado sul havia uma grande fazenda abandonada há anos, após a morte do dono. Foi quando surgiu a novidade de que as terras tinham sido vendidas. Ficaram todos borbulhantes de entusiasmo. Pedrinho disparou a fazer projetos de brincadeiras com os meninos da nova família, Narizinho queria conversas de não acabar mais com as garotas. Até o Visconde lambeu os beiços, ansioso por uma discussão científica com os agrônomos que certamente iriam revigorar as plantações. Estavam animados pela perspectiva de melhora da economia da região.

Mas o estranhamento foi a marca daquela administração. Construíram uma sede que parecia um bunker e o grupo de onze homens, sempre envergando estranhas capas pretas, se alojou, melhor dizendo, se acastelou, fora das vistas de todos. Nada de crianças. Tinham vindo com armas e bagagens, para estada de longa duração. A primeira providência foi instalarem uma cerca com seis fios de arame farpado, um metro e meio de altura, dois metros de distância entre um moirão e outro.

Em seguida abriram as asas para os arredores. Fecharam um atalho que a viúva do sítio Alegria usava para levar verduras à vila. A coitada foi se lamentar com Dona Benta.



— Pobre de mim! Agora preciso andar quilômetros para entregar meus legumes. Homessa! Que tipo de gente faz uma maldade assim?

Dona Benta deu um suspiro puxado.

Pouco depois cortaram todas as árvores do bosque centenário e nada ergueram no local. Ficou só a aridez do desmando a ferir os olhares de todas as casas que circundavam o lago. Na estação da seca, ao fim do dia a poeira se erguia qual saia de dançarina espanhola, rodopiava, ofuscava os vaqueiros, batia nas janelas, sujava as roupas nos varais, fazia adoecer velhos e crianças.

Tão ruins foram ficando as coisas, que Narizinho, no maior dos desânimos, até pensou em fugir de lá.

Ao mesmo tempo, as safras da propriedade batiam recordes, o rebanho crescia a olhos vistos, era surpreendente a riqueza em todas as atividades. Emília e o Visconde de Sabugosa ficaram cismarentos, quase com inveja de que alguém tivesse descoberto algo mais poderoso que o pó de Pirlimpimpim. Essa possibilidade deu um siricutico nos dois e decidiram espionar os novos vizinhos.

— Ah, se tivéssemos uma armadura de lata como a de D. Quixote — Emília ponderou.

— Vou subir no Cedro Grande, lá do alto terei uma boa visão da casa-esconderijo.

Encarapitado entre os galhos, o Visconde ficou ainda mais curioso com aquela construção. Nas três faces que ele conseguia ver não havia aberturas e a outra sem chance de ter porque atrás só mata fechada muito próxima. Constatou que havia um pequeno pátio interno para onde se abriam as poucas janelas existentes. Lá para os lados do pasto, viu homens com relhos judiando do gado. Voltou desanimado.

— Vamos fingir que estamos colhendo frutas na mata — sugeriu Emília.

E lá se foram os dois quixotescos. Subiram um morrinho e, com a mão na testa, em viseira, correram os olhos em todas as direções. A densa vegetação não deixava ver nada. Desceram a encosta e não conseguiram chegar nem perto da estrada de terra daquele lado. Capangas

vigiavam todos as trilhas e sob a mira de espingardas, foram convidados a se retirar. A sede era inexpugnável, abandonaram a ideia.

Por outro lado, tudo em volta definhava. Os porcos da Fazenda Taquaral eram roubados misteriosamente, galinhas desapareciam da Cupim Redondo, toda a vizinhança sofria perdas nunca antes vistas nas redondezas. A princípio imaginaram bandidos que passassem durante a noite e carregassem grãos e animais para sumirem fácil pelas muitas estradas. O delegado foi substituído, o recém-chegado ficou apenas um mês no posto. Despediu-se lacônico:

— Isto está virando um hospício.

Por fim, a população se revoltou. Não era coincidência a chegada dos novatos e a roubalheira instalada. Convocaram uma reunião dos moradores da cidade e dos sítios. Estavam em litígio, isto é, um conflito de direito — o choque de dois direitos, um direito-torto e um direito-direito. Precisavam dar um jeito naquela situação. Essa conversa ocorreu à noite, depois do chá — e nesse dia só foram para a cama às onze horas, tamanha foi a discussão travada sobre o que fazer. Emília e o Visconde caíram na rede e ferraram no sono.

No dia seguinte, a azáfama teve início. Muito lampeiros, começaram desviando todas as nascentes e criando açudes nas suas propriedades, o que tornou árida a fazenda dos homens-morcegos. Reforçaram as cercas e contrataram vigias armados para cuidar das divisas. As porteiras receberam cadeados. Crianças que confessaram participar de furtos foram severamente punidas pelos pais e enviadas para internatos por uns tempos. Os municípios vizinhos, percebendo que também estavam ameaçados, colaboraram na faxina.

Os abutres tentaram resistir até que, com medo de uma medida extrema por parte da população enraivecida e armada de enxadas e facões, o grupo corrupto desapareceu sorrateiro. Vendo o inimigo fugir daquele modo vergonhoso, o povo cantou o triunfo, como galo no terreiro.



O prefeito chegou a abrir um processo, mas a lentidão da Justiça fez tudo cair no esquecimento.

Diz a lenda que os meliantes não se deram por vencidos e apenas se mudaram para outras plagas. Mas isso é uma outra história, que fica para uma outra vez.

O poço da Botocúndia

Ricardo Lahud

Meu nome é Mônica, minha tia Nina só me chama de Yéyé. Ela é teimosa como só, e eu puxei isso dela. Ela propôs uma aventura para testarmos, na prática, minha convicção a favor das regras escritas, sem discussão. E o perigo que isso pode representar. Naquele dia, andaríamos obedecendo todos os avisos que encontrássemos pelas ruas. Achei que era algum tipo de truque, uma desculpa para um passeio manso, afinal quem coloca regras por escrito nas ruas?

Caminhamos devagar por três quadras, até ela segurar meu braço e apontar para uma lanchonete com portas de vidro.

— Puxe, está escrito.

— Tá brincando, né tia?

— O objetivo dessa aventura é obedecer às regras ou discutir o sentido de cada uma?

— Obedecer, respondi envergonhada.

— Então vá lá e puxe a porta.

Fui, puxei e soltei, achei que ia passar vergonha, mas o aviso era muito claro: Puxe. Me senti cumprindo uma missão.

Depois de mais de uma hora vagando por ruas que conhecia pouco, puxando algumas portas, minha tia ficou estática na esquina. Demorei pra entender até reparar na placa que gritava PARE em vermelho e branco. Muitos segundos depois, tentei continuar a caminhada. Tia Nina não saía do lugar. Pensei. Pensei. Pensei. Consegui a solução para continuar o passeio.

— Tia, é preciso obedecer à placa — eu disse.



— É o que estou fazendo, ficando parada.

— Mas a placa não diz Fique Parada, diz Pare. Pare o que estiver fazendo. Você estava andando, a placa mandou você parar de andar. Agora você está parada, então a placa está mandando você parar de ficar parada. Vamos andando.

— Yéyé, sei que você gosta de números, é boa em matemática, e está interessada em profissões que rendam bastante dinheiro. Pena, o mundo está perdendo uma grande filósofa. — Não é sempre que Tia Nina me elogia.

Continuamos até o limite da cidade, já me preparava para chamar um carro para nos levar de volta, fiquei procurando por uma placa com o nome da rua para usar o aplicativo, não vi nenhuma.

Tia Nina chamou minha atenção para uma cerca de arame liso que cercava um terreno enorme com mato alto. Na cerca, uma placa toda enferrujada e carcomida na parte de cima ordenava: Entre. Tia Nina logo encontrou uma sessão da cerca derrubada, protestei:

— Não, tia. A placa diz Não Entre, a ferrugem comeu a parte do Não.

— O objetivo dessa aventura é obedecer às regras escritas ou discutir se elas estão corretas? Tanto a placa original pode indicar Não Entre, como pode ser Por Favor, Entre ou Sem Bater, Entre. Para isso precisamos especular. No momento, a placa diz Entre, em preto e amarelo. Regras são regras.

Não gosto de dar meu braço a torcer, então concordei em entrar. Tia Nina avisou para ter cuidado com mato alto, pode ter cobras, escorpiões ou carrapatos. Só entrou quando avistou uma trilha com grama pisada que indicava um caminho para algum lugar.

Logo avistamos um poço velho e sujo, feito com pedras estreitas e mal cortadas, que em nada lembrava os poços de desejo dos desenhos animados. Uma pesada tampa de madeira, que devia proteger as pessoas da queda no passado, agora cobre apenas uma parte da circunferência do buraco.

O poço estava seco. Tinha sido aterrado, deixando pouco mais de um metro de distância entre o chão lamacento e o raso círculo de pedras que o demarcava.

Um cartaz de metal, preso a um poste alertava em letras bem grandes: CUIDADO POÇO.

Mas havia uma rachadura no meio do cartaz e antes mesmo de eu poder tentar argumentar, minha tia apareceu com duas vassouras.

— Siga a regra sem discutir, Yéyé. Cuida do poço.

— De onde você tirou essas vassouras, tia?

— Se esqueceu que somos bruxas?

Foi dar a primeira espanada na sujeira das pedras e o dia se tornou noite. Nuvens escuras vindas de lugar nenhum e trovões pipocando como fogos de artifício no réveillon. Minha primeira reação foi correr até o bosque, mas Tia Nina me impediu:

— Nunca fique perto de árvores durante tempestades. Elas atraem raios e galhos podem cair e te machucar.

Não tinha começado a chover, mas um fenômeno mais extraordinário acontecia: um redemoinho enorme parecia vir em nossa direção.

— Um tornado — eu gritei.

— Não existem tornados nessas bandas, menina. Se você estudasse mais geografia, saberia. É um redemoinho. Aposto que tem um saci dentro.

— Deve ser um saci gigante.

E o espetacular pé-de-vento continuava vindo em nossa direção. Tia Nina tinha congelado, entre espanto, medo e admiração. Puxei-a até dentro do poço imundo e ficamos abraçadas, tentando nos proteger da natureza feroz. Em segundos, a ventania nos alcançou, a tampa grossa começou a bater contra as pedras do poço, com um ritmo de filme de terror. O assobio do vento impunha medo. Foi assustador quando percebi que a tampa pesada parou de bater nas pedras porque foi levada para o céu, como se fosse uma folha seca. Continuamos abraçadas, de olhos fechados, até que os barulhos cessaram. Num repente, a escuridão das nuvens se esvaneceu e o sol alumiu como se fosse meio-dia, em pleno verão.

Quando abrimos os olhos, continuávamos dentro do poço, mas era outro poço. O chão de terra suja tinha se transformado num piso de



pedra mineira. As paredes do poço haviam se elevado com pedras cortadas em paralelepípedos perfeitos e lisos. Agora sim, parecia um poço de desenho animado. Havia até uma escada, como as de piscina, para sair.

Do lado de fora, o mato havia sido substituído por um gramado impecável com canteiros de tulipas nas minhas cores favoritas. O cartaz que nos mandara cuidar do poço, ou tomar cuidado com o poço, ainda não sei direito, era agora um imenso letreiro eletrônico que exibia mensagens através de luzes de led.

— Onde estamos? perguntei.

— Em Posses do Poço, respondeu o cartaz.

— Podemos voltar pra casa?

— Em Posses do Poço, podem. Em Posses do Poço, podem tudo, mas antes têm de repetir seis vezes: Em Posses do Poço, eu posso.

Eu ia perguntar algo que fizesse sentido, quando vi Tia Nina, de olhos fechados, repetindo a frase, como se estivesse rezando. Acompanhei.

— Em Posses do Poço, eu posso. Em Posses do Poço, eu posso. Em Posses do Poço, eu posso. Em Posses do Poço, eu posso. Em Posses do Poço, eu posso. Em Posses do Poço, eu posso.

— Eu posso o quê, Seu Cartaz?

— Vocês podem ser, podem estar, podem poder.

— Não me enrole. Explique melhor.

— Vou dar um exemplo prático, vocês agora são o que mais quiseram ser na vida.

Ouvi o barulho de dois estralinhos, destes de festa junina, não mais que isso. Quando olhei pra Tia Nina, tomei o maior susto da minha vida. Ela tinha se tornado uma adolescente. Não vestia mais a bata estampada com motivos africanos nem as sandálias de couro com cheiro de bicho morto. Usava um short branco, bem justo, botas brancas até o joelho, com salto alto, e uma camisa brilhante lilás, cheia de penduricalhos. Também tinha uma espécie de capacete de músico de banda americana. O pior, ela estava loira.

— Tia, você está ridícula.

— Falou o Batman.

— Batwoman, tá?

— Daqui estou vendo um Batman, bem ridículo, também.

Então se aproximou um homem bem pequeno. Era menor que um anão, mas não era anão. Vestia um fraque muito bem cortado e uma cartola que devia ter mais de dois metros de altura. Cavanhaque e bigode brancos, bem cuidados, e um monóculo dos tempos da onça.

— Precisam de um juiz?

— Juiz?

— Sou o juiz das coisas ridículas em Posses do Poço.

— Ela não está ridícula, senhor juiz? — perguntamos juntas, Tia Nina e eu.

— Deixem-me pensar um pouco.

O juiz ficou lá acariciando o cavanhaque pontudo por alguns minutos até que apontou o dedo pra Tia Nina:

— Ridícula. — Depois apontou o dedo para mim: — Ridícula. — Finalmente apontou para si mesmo: — Ridículo. Estamos todos ridículos. Somos todos ridículos. Ótimo, estamos todos aprovados. Em Posses do Poço, podemos todos ser ridículos.

Tia Nina começou a gargalhar, como nunca a vi gargalhar.

— O juiz tem razão, estou ridícula, e estou adorando. Mesmo consciente das minhas origens, das nossas origens, mesmo defendendo as raízes e o compromisso com nossa raça, eu sempre quis ser Paqueta. Em criança, todas as meninas queriam ser paquetas. Se não tinha nenhuma paqueta negra, a culpa é minha? É hora da mocinha me explicar. Batman? Com tantos super-heróis e super-heroínas dando sopa. Mulher-Maravilha, Pantera Negra, Super-Homem. Por que o Batman? Ele tem algum super-poder que eu não saiba?

— Ele é super-rico, respondi, ridícula e envergonhada.

— Agora que podemos tudo, podemos ser o que quisermos, qual será nossa escolha menos ridícula? — perguntou Tia Nina.

— Podemos ser bruxas. Bruxas de verdade — respondi.



Ouvi um estralinho e Tia Nina se transformou numa velha muito feia e malvestida, montada numa vassoura toda torta.

— Nossa, que feia que você ficou, tia.

— Não conhece a Madame Mim? Inimiga do Tio Patinhas? Adoro ela, porque é a única personagem que pode usar a terceira pessoa para falar de si mesma.

No meio da maior aventura de nossas vidas e minha tia vem com papo de gramática. Uma vez professora...

— Que bruxa eu posso ser?

— Que tal Hermione, do Harry Potter?

— Tia, ela é quase loira.

— Nos filmes, Yéyé. No livro ela é apenas uma menina bonita com cabelos rebeldes.

— Bonita, com cabelos rebeldes, mais inteligente que a maioria. Sou eu. Ela é negra?

— Nos livros, ela é como você quiser que seja. No teatro, a atriz que faz a peça em Londres e que interpreta a Hermione adulta tem a pele bem escura.

— Posso ter uma Nimbus 2000 em vez de uma vassoura como a sua?

— Em Posses do Poço, pode.

Montadas nas vassouras, fizemos alguns voos curtos para ganhar confiança, mas precisávamos de orientações sobre qual direção tomar. Tia Nina, com os poderes de Madame Mim conjurou um corvo negro para servir de guia.

— Bem-vinda, Ave Agourenta. Precisamos que nos guie pelos céus em Posses do Poço.

— Tia! Não é porque somos bruxas que podemos ofender o coitado.

— É o nome dele, Yéyé.

— Que nome mais esquisito.

— É um nome tradicional na minha família — corvejou o pássaro —, todos meus irmãos e primos têm o mesmo nome.

Tomei um susto, não esperava que ele falasse. Em especial de forma tão clara e coordenada, apesar da voz não ser nada agradável.

— De onde você é, Ave Agourenta?

— Sou nativo americano das grandes planícies do Norte.

Aff! Até os bichos conjurados por Tia Nina têm discurso politicamente correto. Resolvi provocar, fingindo ignorância.

— Sou sul-americana. Nativa de cidade poluída pelo homem.

— Pare com isso, Yéyé. Ave Agourenta é o nome dele, ou dela, vamos em frente. — Tia Nina, quase histérica.

— Você não tem outro nome, um apelido? Por exemplo, meu nome é Mônica, Tia Nina me chama de Yéyé.

— Muita gente me chama de Corvo.

— Que ótimo. Posso te chamar de Corvo?

— Só se eu puder te chamar do que eu quiser.

— Justo, desde que seja Mônica, ou Yéyé, ou ainda, minha linda bruxinha.

— Para a África, Yéyé?

— Podemos ir antes para Londres, tia, ver a peça com a Hermione negra?

— Em Posses do Poço, podemos. Ave Agourenta, nos leve até o teatro de Londres.

Não fomos voando, simplesmente aparecemos sentadas na terceira fileira do teatro, dois minutos antes de começar a peça. Corvo se ajeitou no meu ombro e comia a minha pipoca sem cerimônia. Percebi que entendia muito pouco daquele inglês britânico tão bem falado pelos atores. Cochichei com Tia Nina:

— Podemos entender o que eles falam?

Em Posses do Poço, podíamos. A atriz que fazia o papel de Hermione não decepcionou, linda, inteligente e negra, aliás, que Tia Nina não me ouça, mas nem precisava ser negra. Era uma grande atriz.

— Sabe quando foi a última vez que assisti a uma peça tão boa?

— Never — crocitou o corvo.



Aplaudi de pé. Não tenho alma de artista, mas sei reconhecer talentos.

— Agora, vamos pra África, Yéyé. Conhecer nossas origens.

— Você nunca foi pra África, Tia Nina?

— Algumas vezes, sempre a trabalho. Viagens rápidas e decepcionantes. Desta vez, pretendo aproveitar. Alguma preferência?

— Elefantes, tia. Quero conhecer animais livres na selva. Elefantes, girafas, leões.

Num breve zum, o corvo nos levou para sobrevoar as savanas africanas. Havia uma imensa manada de elefantes em marcha para matar a sede nos rios do Norte. Elefantes de todas as cores, elefantes brancos, elefantes cinza, elefantes cor-de-rosa e até elefantes azuis com bolinhas cor-de-rosa que eram os mais alegres do bando, cantavam e dançavam animados, mesmo com os problemas nos joelhos.

Aterrissei na cacunda de uma elefanta cor-de-rosa, a mais mansa do grupo, porque sou corajosa, mas morro de medo. A mansidão de Georgina, assim decidi que este seria seu nome, era parelha à sua timidez. Não falou uma palavra comigo. Tentei mostrar minhas unhas, as dela estavam pintadas da mesma cor. Quando me inclinei, quase caí, mas ela me aparou com a tromba e me colocou de volta no lombo. Sem dizer palavra. Tia Nina montou num elefante branco, era o maior animal da manada e devia ser o líder. Ao contrário de Georgina, aquele Golias estava agitado. Tia Nina cochichava algo em sua orelha e ele respondia levantando a tromba e bramindo tão alto, como se quisesse chamar a ajuda de Tarzan de dentro do livro. Provocar uma besta-fera de oito toneladas não é uma boa ideia, mesmo em Posses do Poço. Ela não me confessou o tema da conversa.

Paramos para ver uma família de girafas com animais de todos os tamanhos. Se alimentavam tanto nos arbustos como nas árvores mais altas. Girafas de trinta centímetros de altura, que poderiam se passar por bichos de pelúcia, e gigantes de mais de doze metros, uma delas que quase atropelou o corvo. Ainda bem que ele, ou ela, é safo e ágil nas manobras aéreas.

Tia Nina pediu ao corvo que nos levasse à aldeia dos homens. Do alto, ouvimos o mesmo batuque que os hipopótamos ouviam no rio. E

como rebolam os rechonchudos hipopótamos fêmeas. Verdadeiras rainhas de bateria plus size.

Ao descer na aldeia, Tia Nina foi pega de surpresa com a ausência de doenças tropicais, nem disenteria, nem difteria, malária, febre amarela, cólera, dengue, ebola, nem mesmo uma exótica mosca tsé-tsé para transmitir a doença do sono. Todas as cabanas tinham água encanada potável e sistema de coleta de esgoto. Dançamos com a tribo, ao som dos tambores ritmados até as pernas não aguentarem mais. Cada gato, mais lindo que o outro. Se a Tia Nina não estivesse aqui... Aposto que ela está pensando a mesma coisa, se minha sobrinha não estivesse aqui...

— Que maravilha, testemunhou Tia Nina, que bom que isso pode ser assim em Posses do Poço. Um lugar onde nunca houve escravidão.

Tia Nina ordenou a Ave Agourenta que nos levasse de volta ao poço.

— Seu pai deve estar desesperado com o seu sumiço. Você precisa voltar, o mais rápido possível.

— E com o seu sumiço, também, né tia? Você sabe que ele adora a irmãzinha maluca.

— Meu irmão já está se acostumando com minha ausência iminente. Eu não quero ser causa de mais tristeza, no fim.

— Você pretende ficar em Posses do Poço?

— Sim, querida. Meus assuntos já estão resolvidos do outro lado. Vou me divertir por aqui, enquanto for possível.

— Se você ficar, quando nos vermos de novo, tia?

— Never More, grasnou o corvo enxerido.

— Mesmo depois que eu não puder mais ser vista, continuaremos parceiras, cúmplices, amigas. Levando muitos papos bacanas na hora de você dormir. E nos seus sonhos. Adoraria que você continuasse a me pedir conselhos. Menos sobre homens, que nessa área, você bem sabe, sou um fracasso.

O cartaz anunciou em letras luminosas. **UM PARA SAIR.**

Um redemoinho, igual ao que nos trouxe, rodou devagar até o poço.



De dentro dele saiu um saci. Ou uma espécie de saci. No lugar da carapuça, um cocar de penas de araras, o cachimbo aceso fedia, a tanga era feita de penas vermelhas costuradas, mas ele tinha as duas pernas. Eu não conseguia parar de encarar as duas pernas do saci, ele deve ter ficado incomodado, ou estava acostumado a esta reação de visitantes, e foi logo falando:

— Meu bisavô tinha uma perna só, a outra foi arrancada por um jacaré quando ele era pequeno. Foi ele quem Lobato conheceu, quem o inspirou a espalhar essa lorota sobre os sacis-pererês. Não somos negrinhos de uma perna só, somos índios. Somos os xamãs da tribo dos Pererês.

— Monteiro Lobato esteve aqui?

— Foi aqui que ele conheceu a Emília e o Sabugosa. Mas, como eu, eles são muito diferentes das histórias do Picapau Amarelo. Emília é uma feiticeira muito poderosa e Sabugosa é uma espécie de cientista louco. Agora, Tia Nastácia faz mesmo bolos de lamber os dedos.

— Tia, preciso conhecer a Emília.

— Você já conhece, Yéyé, e ela é perfeita. Só vai se decepcionar se conhecer a original. Você ouviu o xamã, um sacerdote respeitado reduzido a um moleque trapaceiro nas histórias de faz-de-conta do senhor Lobato.

— Tem razão.

— E seu pai pode estar muito preocupado, não sei por quanto tempo estamos aqui, podem ser dez segundos, podem ser seis meses, podem ser dois anos.

— Se forem seis meses, repeti de ano. Não quero repetir de ano!

O xamã dos Pererês cobriu meus olhos com as palmas das mãos, senti o corpo rodando deixar o chão até eu ficar tonta demais. Quando abri os olhos, papai e mamãe me assistiam, sorrindo e chorando.

— Tchutuca acordou.

— Minha sithizinha valente.

Yéyé, tchutuca, sithizinha, ninguém me arruma um apelido decente. Me chamar de Mônica então, nem pensar, só na escola. Ou pra tomar bronca.

Papai me explicou que sofri picadas de vários carrapatos, e desenvolvi febre maculosa. Dormi dois dias seguidos, mas já estou medicada e praticamente curada. Sairei do hospital, depois de alguns dias em observação.

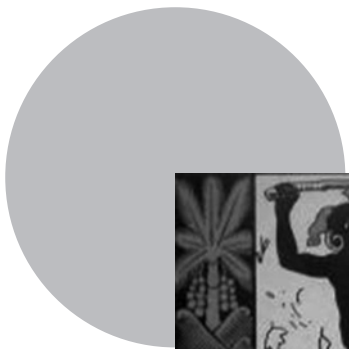
— E a Tia Nina?

— Depois falamos disso.

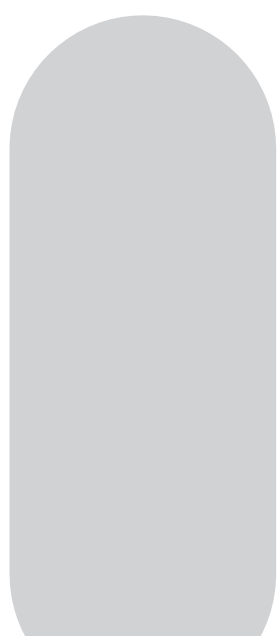
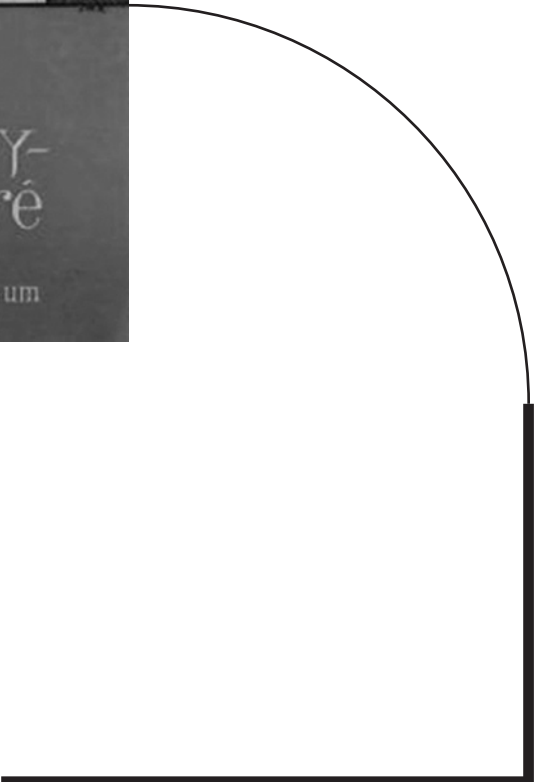
— Ela tá bem, pai, não se preocupe. Em Posses do Poço, ela pode tudo, até viver feliz para todo o sempre. Como nos contos de fada.

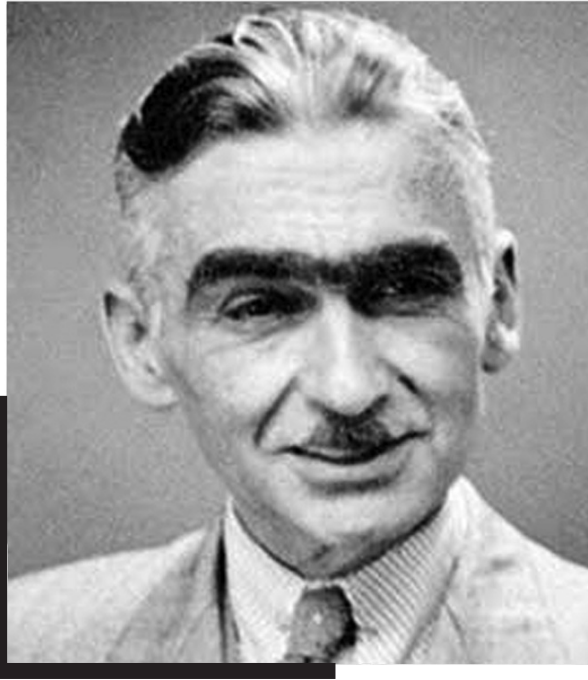
Acho que foi aí que meus pais cogitaram me levar para uma psicóloga. Eu poderia gritar que não estava maluca, mas acho que é isso que os malucos fazem. Fui sorrindo às sessões, mas jamais citei a aventura em Posses do Poço. Até agora. Mesmo sem conseguir vê-la, converso horas com a Tia Nina, quase todos os dias. E com o corvo, quando encontro com ele no parque.





O Sacy-
Perêré
Resultado de um
inquerito





{ Tudo
vem dos
sonhos.
Primeiro
sonhamos
depois
fazemos. }

Dor tem raiz

Ercílio Alberto

(...) A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos por medo dos carrapatos (...)

O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão (...) Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era eu estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural.

O romantismo indigenista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca...

“Em vez de índio, caboclo”

Monteiro Lobato: *A Barca de Gleyre*, 1º tomo, pág. 362 a 365

— Na ocasião, nhantis du meu falicidu véiu-pai morrê, derramava mais aguaçeru na minha apegada tapera qui nu miolu du miará du vizinhu di riba da cabeçera du córgu. U falicidu du meu sangui dissi prá mim fazê uma impreitada na minha tapera comu na minha vida di jãu-ninguém. Ói só, u falicidu véiu-pai foi morá seti parmu di terra abaxu, u sór saiu queimandu as minha venta, a tapera alumiô di alegria i eu fiquei imperradu im cima dus meus carcanhá. Sapequei tantu as pestana im riba dissu qui inté acabei tiranu uns tantu di cuchilu inté ocê apiá na minha fussa.

— Dia!

— Já raiô?

— Si u dia fô isperá u cê, a noiti num vai chegá.

— Sáí, musquitaiada!



— Qué si livrá delas, caga lá nas moita qui elas vem pelu chêru das bosta.

— Tá sabidu das natureza.

— Óia, nem bosta u cê tem feito nessa lida.

— Num tenhu muita upinião da vida, não. U pocu qui tenhu é comu as minha pareia di vestimenta. Tragu a qui usu nu corpu, i a otra tá na lavage.

— Fica aí sentadu vendu u tempu passá qui vai tê uma bunda di içá.

— Tava aqui matutanu. U falicidu véiu-pai lá tinha suas idéia limpa comu as nuvem du céu gloriosu. Eli tinhas as prosa di alerta dus péssimu incargu di vida di caboclu qui eu impurrava cu'á barriga nu modu di eu sê ingnoranti. Essi meu modu, vivendu cheiu di dislexu i largadu di num mudá us meus pensamentu da sociedade da cidadi, tava inté comovenu u meu vizinhu-cumpadri. Era du cê qui u falicidu véiu-pai prosiava.

— A dipois, u falicidu du véiu tinha lá suas razão comu a lua mostra quando imprenhá uma vaca.

— Us tristi acham qui u ventu gemi, us alegri acha qui eli canta.

— U cê é capaiz di trupicá num gravetu di chuchú.

— Nada istrova u seu vive, né, cumpadri.

— U cê só breganha di cócora. Num levanta nem prá tirá u chapéu atoladu prá galantiá uma donzela simplória.

— Já tenhu a minha formosura patroa.

— Por que num remenda essa paredi, homi di Deus? Im nomi da patroa, qui já devi tê uma terrinha reservada lá nu céu.

— Ela num tem coragi di caí. Num vê a escora?

— Fica di trololó qui sabi das coisa, mais num faiz nada. É uma confusão só.

— Já cheguei ondi eu quiria í.

— Ocê num qué sabê dus caminhu qui leva à sabiduria? Remedá u caipira, é u mais simples. Observadô, qui é u mais nobri, u cê num é. Essi u cê num vai querê mesmu. A sabiduria, qui é u mais amargu.

— A genti num podi apiá num lugá ondi a genti sangra mais du qui sorri.

— Ocê num qué tá ali, qué tá nus cafundó, qué tá im quarqué lugá ondi num seji brigadu a sorrí.

— Dá inté um arrupiu só di pensá na quiçaça.

— Fica aí mudanu di prosa.

— U qui cê tá fazendu, cumpadri.

— Ocê num tá oianu, não?

— Oiá, u quê?

— Tórçi di mansinhu meu di isgueiu u cangoti.

— I prá que tá tiranu as butina i regaçanu as carça?

— Prá dá uma carrera ribancera abaxu.

— Ocê tá tencionanu uma carrera mais qui a onça, tá?

— Não, miolu di taquara. Só mais qui u cê.

— Vô vará a pinguela du córgu nhantis du cê.

— Inté u cê disgrudá sua bunda dus carcanhá a onça já feiz sua bóia da noiti.

— Si Deus quizé, é di bom gradu.

— Viu, cumpadri, quandu isprémi u cêrcu inté qui u cê dá um jeitu di si virá na vida. Já u meu falicidu cumpanheru num si sarvô da onça, não.

— Ocê, aí, tá ispremenu a minha ferida qui eu já tinha ela esquecida.

— U tempu é coisa preciosa, cumpradri. I us anus insina muita coisa qui us dia nunca saberá.

— Essa prosa moli num mi atarraca, não.

— Seu grandi cuidadu é ispreme tudinhu as causa da lei du menor isforçu - e nissu u cê vai longi.

— Num tenhu pressa, não.

— Começa pela sua morada. Seu tapume di sapé i lama faiz sorrí us bichos qui mora na toca i gargaiá u jão-di-barru. Mobía tem nenhuma. A cama é uma ispipada istera di peri posta im riba du chão batidu. Nenhuma cuié nem garfu. Nada di armário ou baú. A roupa só tem duas pareia, comu já bem dissi; uma qui traiz nu usu i otra qui fica na lavage a safra intera. Seu falicidu véiu num gozô maió comodadi. I seus netus num vai metê a quarta perna nu bancu.

— Não sei prá quê! Vivu bem sem issu.



— Dá um jeitu, arrumi a sua casa tudu us dia du anu... Mais arrumi dum jeitu qui ti sobri uma réstia di tempu prá vivê nela...

— Ocê também num qué qui eu colocu butina inté nus porcu i nas galinha prá num tomá possi di constipadu. Só mi fartava essa moda dus bichu apiá nu meu terreru.

— Sô caçadô di lobato, e não di tatu, qui entra num buracu i deixa a sua bunda à mercê di quem quisé apreciá.

— Nessi sítiu eu num labutu, não. Mal arcu as costa.

— Pru seu governu si interá, tem monteiro di onça pintada, di saci, inté di lavora pronta.

— Ocê gosta mesmu di cutucá quem quétu tá nu seu lugá.

— I sô roedô di pupunha na labuta du meu terreru. Sabi comu é es-ses pobrema. Uns joga terra nu buracu, otrus fica abaxu du buracu.

— Tudu nu redó du buracu é bera, meu vizinhu-cumpadri.

— Tá falanu das cova dus falicidus di sangui.

— Eu cavei. Num foi gostosu nem bunitu. Mais foi profundo.

— Tem sempri u momentu di pedí ajuda, di si abrí, di tentá saí du buracu. Mas, nhantis, é necessáriu passá por uma certa prisão.

— Ingaioladu? Num sô passarinhu da cidadi.

— Tem qui si fechá drentu du cê, recunhecê a dor i aprendê cum ela. Infrentá a bichinha sem rodeiu.. Deixá ela escapá pelu nariz, pelu zóiu, deixá ela vazá pelu corpu tudinhu, sem ferí a sua decência. Assim comu si protegi a felicidadadi, tamém tem qui protegê a infelicidadadi. Num tem nada mais disbastadu du qui uma alegria forçada. Si ocê tá infeliz, si recoiê, num suba nu palcu prá representá suas mintira. Disfarçá a dor é dor ainda maió.

— Num tem serventia prá mim vivê, não.

— Mais comu u cê é tucura, cumpadri.

— Ocê tá oianu eu cramá di ossu rendidu, ventu viradu, nervu tortu, veia rebentada?

— Dá prô cê falá sem essi mesmu gravetinho dus denti qui usa prá limpá us dedu du pé?

— É prá us verbus di Deus num saí suju comu as curva di riu.

— Sô seu vizinhu-cumpadri, mais num da preguiça. Lida uma veiz si qué cum a sua verdadi. Deixa di insacá linguíça u tempu interu.

— Us urupês num si alimenta pelas raíz. Ocê é um oreia-di-pau.

— Fogi prá sua solidão, intão. Vívi próximo dimais dus piquenus i dus misquinhu. Fogi di sua vingança invisíviu. Contra ti, só procura vingança. Num levanti mais u braçu contra eis. São inumeráveis i seu distinu num é sê um ispanta-mosca.

— Num careçu dessa tar pirsiguição, não.

— Iscuíta, homi di Deus! Num importa u qui fizeru cum ocê. U qui importa é u qui ocê faiz cum aquilu qui fizeru cum ocê.

— Im riba di eu, só u meu chapéu.

— I Deus, qui fica im riba du céu?

— Tô falanu aqui na terra, homi di Deus. Us santus graúdu lá di cima, us coroné celesti, fica dibruçadu nu azur du céu prá ispreitá a vidinha i metê u bicu nela ajudandu ou castigandu quem vívi aqui nessa terrinha santa, qui nela vão mi interrá.

— U iscuru da solidão sempri cobra um preçu prá ti dar a luiz dus seus deseju, cumpadri-vizinhu.

— Mais ora, óia só, num tô pidinu nada du qui é dus otru.

— Qué sabê, quem é u presidenti da República, ondi nós mora?

— U homi qui manda im nós tudu?

— Sabidu, ocê.

— Pois di certu qui há di sê u imperadô.

— Inté já foi a ocasião da matança.

— Guerra? Ti isconjuru! Meu falididu véiu-pai viveu afundadu nu matu prá mais di cincú anos por causa da guerra grandí. Eu, prá iscapá du reculutamentu, sô inté capaiz di cortá um dedu, comu u meu tiu mais véiu du meu falididu véiu-pai.

— Dispois, vem uma voiz du sertão dizê às genti da cidadi qui si lá fora u fogu da guerra lavra implacáviu, fogu num menus distruidô devasta nossas mata, cum furô não menus das terra du outro mundu ondi as bar-ranca du mar termina.



— Num cuncertu u tetu di páia nem tapu us buracu da paredi di barru. Dipinduru um quadru di Nossa Senhora na paredi qui ameaça ruí, í prantu. Mutivu prá isso, tenhu sim, sinhô. Nada paga a pena. Num vali u isforçu. A moradia num é minha.

— Duê, dói sempri, meu vizinhu-cumpadri. Só num dói dispois di mortu. Porque a vida interinha é um duê. I eu sô essa genti qui si dói intera porque num vívu só nu níviu das coisa.

— Num vívu nu fundu du riu comu um pexi qui tem medu di sê figadu pelas presa humana, qui sangra us pexi comu as muié a cada lua.

— Quem sangra é u porcu, i quem sorri u tempu todú é a hiena, qui é parcidu ingual um fióti di girafa di pescoçu não alongadu.

— Insastifeitu cu'a vida, num tô não, cumpadri.

— Intão, homi di Deus, pranta sua própia árvi, prá num precisá ficá na sombra di ninguém.

As mandioca pindurada nus gaiu fica mais fáci coiê nu mêiu da roça. Num é assim qui ocê qué?

Só qué inchê u buchu di frangu di cerca, di leitoa di rama. Só mi fartava ocê achá uma árvi cheia di cachu di amendoim im riba du seu côcu duro.

A cada dia qui vívu, mais mi convençu di qui u disperdíciu da vida tá nu amor qui não damus, nas força qui não usamu, na prudência egoísta qui nada arrisca, i qui, fugi du sofrimentu, perdemus tamém a felicidadadi. A dor é inevitáviu. U sofrimentu é di opção di cada um.

— Qui us demônus levi pru infernu aqueli qui bati na minha porta bem nu pícu das minha lágrima. Malditu tudu aquelis cum quem num possu dividi a minha dor, i mi ubriga a fingí qui nada tá si passandu drentu da genti.

— Disfarçá um sofrimentu é trabaiu de Hércules, meu cumpadri.

— Qui troçu é essi?

— Ganhei um rádiu véiu du antigu patrão abastadu. Dá prá ouví as fala dum homi qui num dá vê ele. Iscuitu tudu dia as novidadadi da cidadi.

— Si é prá sofrê, qui seji suzinhu, ondi minha fussa é capaiz di istampá u disalentu, inchaçu, nariz vermeiu, oiá perduidu, boca crispada. Si é prá sofrê, qui u corpu podi vergá, amolecê. Si é prá sofrê, qui podi sê discabeladu, qui podi sê dus pé discarçu, qui podi sê im silênciu.

— Óia aí, falô comu si tiveci oianu nu ispeinhu. Incarô di frenti a sua fussa rugada i disgatada qui a roça ti deu.

— Sô assim, comu Deus quis.

— Óia, vizinhu-cumpadri, ocê é tão disiguar dus homi da cidadi qui dá inté prá sua vidinha virá uma historinha prus letradu arroganti nus cumíciu da ocasião qui u cê leva u seu dipiloma di votá.

— Cum tuda as minha crendici, u cê é capaiz di fazê minha história virá eterna comu u discansu du meu falcidu véiu-pai?

— Fica di ispreita nu céu qui u cê vai oiá cum tudas letra, clara comu a água da mina qui u cê bébi tudu santu dia.

— Só mi fartava essa. Qui Deus tenha piedadi du cê, cumpadri.

— A historinha vái arriá cum um fim di arrepia u curiosu di leitura.

Pobri Jeca Tatu! Comu é bunitu nu romanci i feiu na realidade!

Pudia inté sê u Jeca mercadô, u Jeca lavradô, u Jeca fisólofu. Mais u pobri Deus num qué, i por muito menus ocê qué.

Bem nu miolu da natureza, tão abastada di forma i cor, ondi us ipês floridus derrama feitiçus nu ambiente, às primeiras chuvas di setembru, abri a dança dus tangarás, ondi tem abeia di sór, ismerarda viva, cigarras, sabiás, luiz, cor, prifumi, u caboclu é u sóbriu urupê di pau podri qui amodorra silenciosu nu recesso das grotas.

Jeca Tatu num tá assim, eli é assim.

Só eli num fala, num canta, num ri, num ama.

Só eli, nu meiu di tanta vida, num vívi.

— Vivu, mais num é a vida qui ocê qué qui eu vivu.



{ Nunca
no mundo
uma bala
matou
uma
ideia. }

Memórias

Jane Sampaio

A mente afetiva e individualizada constrói e reconstrói...

MEMÓRIAS I

Tudo começa muito antes,
No tempo do bicho da seda,
Do casulo, da lagarta, da mariposa,
Dos fios de toque suave e cobijado,
Do brilho e da transparência,
Dos tempos de memórias e transformações.

...minhas memórias...

— *Mas afinal de contas, bobinha, o que você entende por memórias?*

— *Memórias são histórias da vida da gente, com tudo que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte.*

(Monteiro Lobato: Memórias da Emília)

Chuva miúda e o friozinho úmido
Pedem cama e cobertor macio.
No ar, os resmungos e os assombros.
O tempo revira, revira e não se aquieta.
Sentada na janela, falando sem parar, boneca de pano.
Caminhando no jeito Emiliano de viver.

Assim que abri a boca, veio uma torrente de palavras que não tinha fim. Todos tiveram que tapar os ouvidos.

E tanto falei que esgotei o reservatório.

A fala então ficou no nível.



Na sala, cadeiras, poltronas e mesa,
Recortes de papel espalhados,
Casaquinhos, sapatinhos e vestidinhos.
Aninha e Cris se divertem,
Na era das casinhas de bonecas
Falam sem parar...

*Bem. Nasci, fui enchida de marcela, que todos entendem.
Fiquei no mundo feito boba, de olhos parados
Como qualquer boneca. E feia.
Meus olhos, Tia Nastácia fez com linha preta.*

O olhar encantado e curioso envolve
Emília, boneca falante.
Brilhando nos sons e nas risadas.
No casulo, emaranhadas, Emília, Cris e Aninha
Abraçam os retalhos das histórias,
Repousando nas lembranças.

*— Lá se foram! — exclamou. — Acabaram-se as inquietações,
os medos de cobra, de formigas ou do vento.*

Palavras e mais palavras
No brilho de fios translúcidos cabem.
As sinapses se formam... no tempo da vida
E num mecanismo de posse, carregam a existência.
Mas a pergunta se pergunta numa “perguntação”
Abrigando a coragem de reformar o mundo.

*— Estou fazendo o passarinho-ninho.
A boba da Natureza arruma as coisas às tontas, sem raciocinar.
Os passarinhos, por exemplo. Ela os ensina a fazer ninhos
nas árvores. Haverá maior perigo?*

MEMORIAS II

Do Pai, as palavras constroem pontes.
Os sonhos chamam — *#vem com a gente.*
Da janela escancarada, o Visconde de Sabugosa desliza.
As descobertas se revelam na sensatez e na beleza,
Na serenidade de um tempo fora do tempo,
Instantes, vezes e mais vezes, nos olhos de Nando e Duda.

*O Visconde começa a assoprar.
Resolve e explica definitivamente.
Tudo se explica e se resolve.*

Tudo pode existir e ser verdadeiro
No fio do acaso crescente.
As referências interagem, no tropel do manga-larga.
Nando, Duda e Sabugosa, companheiros, galopam.
A realidade é teimosa e insiste em nos contradizer,
Mas o mágico se mostra íntimo e se manifesta.

*O Visconde enrugou a testinha
e quedou-se uns instantes de olho parado,
pensando, pensando.*

Bastante convencional: palavras e palavras se espalham.
Desarticulam e se articulam em ideias e mais ideias.
A Coragem no coração age.
Oscila, onde o acontecer num toque de primor
Recomeça de mil modos nos sabores aprendidos,
Do Pai, nos sonhos e nas histórias contadas.

*O sabuguinho científico sorriu:
– Memórias! Pois então uma criatura que viveu tão pouco
já tem coisas para contar num livro de memórias?*



PÓS-ESCRITO

Puro território emocional

Somos produtos da nossa imaginação; assim, para viver temos que nos narrar. Reescrevendo a cada dia as nossas memórias.

As pálpebras param e retêm o gesto familiar do mundo proustiano, nos cheiros de infância, *#madeleines molhadas no chá*, para legendar o tempo.

#celebrando o imaginário, a razão se enamora da virtude e das metáforas.

Nando, Duda, Cris, Aninha, cada um a seu modo, constroem a identidade essencial, *#o menino é o pai do homem #a menina é a mãe da mulher*.

Revisitando o Sítio do Picapau Amarelo, no sítio do Bicho da Seda, surge Emília do casulo, e da janela aberta desliza o Sabugosa, *#do era uma vez, pais e filhos se tornam íntimos, #na escuta da vida*.

Cruzando as fronteiras do imaginário, reescrevem a cada dia a existência, *#dando sentido ao complexo e ao contraditório*, nas emoções e nas memórias dos encantados de Lobato.

Emília na Floresta Encantada

Bia de Castro Oliveira

Como vocês se lembram, depois que Pedrinho teve a ideia de abrir um poço de petróleo no sítio, influenciado pelas aulas de geologia do Visconde de Sabugosa, Dona Benta passou a ter muito dinheiro para fazer aquilo que quisesse nesta sua vida aqui na Terra.

Foi aí que Dona Benta recebeu no Picapau Amarelo uma cartinha do Pequeno Polegar, dizendo que toda a população do Mundo da Fábula estava com saudades do sítio e estavam querendo se mudar para lá, de mala e cuia, caso ela desse licença e estivesse de acordo, claro.

O resumo do que aconteceu foi que a criançada ficou entusiasmada e Dona Benta ponderou que não iriam caber todos num espaço tão pequeno. Afinal o sítio tinha cem alqueires e só o Mundo da Fábula era bem maior. Pedrinho teve a ideia de usar o dinheiro do petróleo e comprar as duas fazendas vizinhas aumentando o sítio. Dona Benta concordou porque aí iria perfazer um total de mil e duzentos alqueires, o que daria um bom espaço para todos se acomodarem bem e sem aperto. Conta a história que Pedrinho sugeriu no capítulo da cartinha do Polegar que, para não haver confusão, iriam cercar o velho sítio com uma cerca de arame e colocar uma porteira com cadeado, sendo que a chave ficaria aos cuidados do Visconde, alguém de confiança da Dona Benta.

— Desta forma abriremos a porteira quando quisermos e eles não nos invadem, comentaram todos de acordo.

E assim foi. No dia combinado os habitantes do Mundo da Fábula mudaram-se para a Terra Nova, nome dado às terras ao lado do sítio.



Um dia, entediada, Emília resolveu aventurar-se pelo novo território e passou pela cerca sem a permissão de Dona Benta e sem também pedir ao Visconde que abrisse o cadeado da porteira para ela sair para o novo passeio.

Embrenhou-se pela Floresta Encantada, entrando numa área ainda não explorada por ninguém.

Depois de andar por um bom tempo, Emília encontrou um riacho de águas tranquilas e transparentes. Vaidosa, ajoelhou-se para mirar-se nas águas límpidas e eis que, ao levantar os olhos, deu de cara com um lindo e delicado ser sentado em cima de uma pedra no meio do riacho, que foi logo perguntando para ela:

— Quem é você?

Espevitada como sempre, Emília respondeu:

— Eu sou Emília, a boneca de pano falante. E você?

— Eu sou um espírito da natureza, ou mais precisamente um elemental da água, uma Ninfa.

Antes que Emília pudesse fazer a próxima pergunta, a Ninfa continuou falando:

— Existem outros seres da minha espécie e são chamadas de Yaras, Ondinas, Nereidas e Sereias, sendo que cada uma delas varia de tamanho e de preferência de lugar para morar. Todos os habitantes dos elementos têm reis e rainhas. A nossa rainha é muito linda e chama-se Niksa. Representamos as emoções, a purificação e o mundo dos sonhos, sendo que temos o trabalho de proteger os humanos e levar as nossas bênçãos para todos os lugares onde houver água, desde um vasto oceano até uma pequenina gota de orvalho depositada numa teia de aranha. Se um dia você precisar de ajuda em relação ao amor, vá à um dos locais de águas, faça o seu pedido com fé e ele será atendido.

— Farei isto, falou Emília, que não conseguia deixar a língua dentro da boca, enquanto pensava com seus botões que esta informação vinha bem a calhar neste momento de sua vida, mas isto é uma outra história... como vocês bem sabem.

— Existem outros seres da natureza, comentou a Ninfa, e agora que somos amigas, prontifico-me a levá-la para conhecê-los. Quer ir?

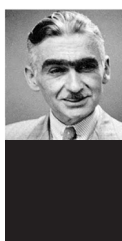
Emília assentiu com a cabeça e logo encontraram-se frente a uma fogueira onde lindas Salamandras, assim que são denominados os elementais do fogo, comandadas por seu rei Djin, dançavam sem parar seguindo a música dos estalos da madeira que o fogo queimava. Eram lindas no seu balé e Emília foi informada que estavam sempre ao nosso dispor onde houvesse fogo, desde uma grande fogueira à pequena chama de uma vela ou de um fósforo. Sua função é nos lembrar da necessidade de termos poder e domínio das nossas emoções, enquanto no calor dos nossos atos, e também de cuidar de nossa saúde, promovendo curas em geral.

Caminhando um pouco mais pela floresta, as duas encontraram-se com pequenos seres esverdeados de chapéus pontudos, semelhante aos dos magos e dos bruxos. Estes eram os elementais da Terra chamados de Gnomos e Duendes. Seu rei é Ghob e seu trabalho é liderar todos os poderes vinculados às questões referentes a energia do nosso corpo, à fartura, à prosperidade e ao equilíbrio. Disseram também que os seres do Elemento Terra são necessários para nos dar sustentação para podermos continuar nossa caminhada neste mundo. Se, por acaso um dia, você tiver problemas com dinheiro, caminhe à noite com os pés descalços na terra e faça seus pedidos do fundo de seu coração. Funciona.

— São todos muito sábios, continuou a Ninfa, e por serem grandes conhecedores dos mistérios da natureza, cuidam com muita habilidade de jardins, florestas, matas e de tudo que está plantado, inclusive aquele pequeno vaso de flores na janela da cozinha ou do seu quarto.

— Nunca poderia imaginar que vocês estão o tempo todo no meio de nós fazendo este trabalho todo! O Visconde precisa saber disto, balbuciou Emília.

Olhou para o lado e viu fadinhas voando ao seu redor com asas e corpos parecidos aos dos humanos. Ficou sabendo que eram habitantes do Elemento Ar e que sua função é a de nos conectar ao imaginário com sabedoria e leveza. Explicaram que são levadas pelo vento para as flores-



tas e jardins do mundo inteiro. Existem também os Silfos, que concedem e dão, a todos que os invocam, sua grande ajuda.

Entusiasmada com esses encontros, Emília os convida a visitarem o sítio, conversar com todos que lá moram, conhecer Dona Benta e tomar o delicioso café com bolo da Tia Nastácia.

O convite foi aceito e uma data da visita foi marcada. Despediram-se alegremente e logo Emília viu-se envolvida num redemoinho de vento criado por Paralda, o rei dos ventos e das tempestades, que a levou direto para o sítio! Ainda esbaforida e atordoada pelo rodopio, e com sua cabeleira de fios de lã desgrenhados pela forte ventania, Emília foi correndo contar as novidades a todos.

Barafunda

Angela Guimarães

— Entra logo
— Não dá, é muito estreito
— Ah, Polegada, não amola, entra logo, você é pequeno!
— Meu nome não é polegada, é Polegar!
— Tanto faz, polegada, centímetro, metro e fala baixo, ela pode escutar!

Ouvindo algumas vozes miúdas sussurrando, parecia que tinha gente no quarto. Zonza, com sono, me sentei na beirada da cama, espreguicei, alonguei, fui escovar os dentes e então escutei um leve sussurro. Pensei, pode ser o vizinho conversando.

Fui tomar banho, mas ainda achei que ouvia vozes, não era vento vindo da janela, torneira pingando, porta rangendo, nada parecido com os sons de casa.

Dei de ombros, depois me preocuparia com isso.

Quando voltei para o quarto, senti que estava sendo observada, tinha algo me olhando. Pensei, devo estar maluca.

Abri os armários, alguma coisa saiu correndo. Foi então que escutei uma voz.

— Ei, você está me ouvindo? Olha pra baixo!

Não acreditei.

— Você é cega ou você é surda?

Fingindo que não estava ouvindo, continuei procurando uma roupa, imaginando de onde vinha aquela voz. Eu estava muito assustada, mas não quis dar o braço a torcer.



A voz continuou.

— Não finge, não. Eu estou vendo que você está me ouvindo, vamos conversar. Qual é o teu nome? O meu é Emília, Condessa de Três Estrelinhas.

Tive que ceder à curiosidade e olhei para baixo. Relutando, respondi:

— Meu nome é Lúcia.

— Ah, eu conheço uma Lúcia, ela é a minha amiga, não gosto de falar que ela é minha dona porque senão ela arrebita mais ainda aquele nariz, ela é conhecida por Narizinho, já ouviu falar dela?

— Depende, eu conheço uma Narizinho, mas não deve ser a mesma.

— É, não pode ser ou pode ser, porque só existe a minha Narizinho.

Eu não quis discordar, afinal era só uma boneca, imagina eu discutindo com ela!

Percebi que ela não estava sozinha e perguntei quem é esse baixinho com você?

— Quem é baixinho? Eu não sou baixinho, sou Polegar, também conhecido como o gigante Fura Bolos!

Tomei coragem e perguntei de onde vieram. Eles se entreolharam e a boneca Emília disse:

— Daqui de perto, como não se lembra?

— Bem, pelos nomes, as roupas, talvez um sítio?

Ficaram surpresos e Emília quis saber se, com tamanha sabedoria, eu conhecia ou era parente do Visconde de Sabugosa.

— Não, não tenho nenhum parentesco com ele, por quê?

— Você é esperta e observadora, disse ela. Logo em seguida gritou:

— Visconde, Visconde, venha já aqui fora.

De soslaio, um sabugo de milho vestindo casaca e cartola apareceu saindo bem devagar do armário e, para minha surpresa, acompanhado de uma menina e um menino.

Começaram então, as apresentações.

Eu estava incomodada, não sabia como reagir ao que estava acontecendo.

Começaram, então, as apresentações.

— Eu sou a Narizinho, lembra de mim?

Nessa hora, gelei. Ela falava com tanta naturalidade, logo em seguida o menino e o Visconde se anunciaram.

— Eu sou o Pedrinho, primo dela.

— Bom dia, senhora Lúcia, eu sou o Visconde de Sabugosa.

— Prazer, que bons ventos os trazem?

— Cara senhora, não são bons ventos, viemos transportados pelo pó de Pirlimpimpim de minha modesta invenção. Viemos por uma causa nobre, um assunto de suma importância que atualmente vem sendo explorado e mal interpretado.

— Nosso amado e respeitoso pai, Sr. José Bento Renato Monteiro Lobato, que nos criou com carinho nos anos de 1920 e publicou o primeiro livro infantil no Brasil, está sofrendo bullying!

Eu não estava entendendo o que acontecia.

— Como assim?

Revoltados, saíram do armário se manifestando Tio Barnabé, Príncipe Escamado das Águas Claras, Marques de Rabicó, Dr. Caramujo, Major Agarra-e-não-larga-mais, Mestre Cascudo, Dona Carochinha, três discretas senhoras que depois conclui serem a mãe de Pedrinho, Dona Antonica, a avó, Dona Benta e a Tia Nastácia, que trazia consigo uma canastra da Emília cheia de cacarecos e, de repente, num redemoinho de vento, vestindo gorro vermelho e cachimbando, o saci-pererê!

— Lobato, Lobato, Lobato, todos com as caras pintadas, gritavam em coro puxado por Emília.

— Isto não pode ficar assim!

— Que gente ganjenta!

— Será que ninguém foi criança?

— Por todos os lados se vê racismo e preconceito!

— Abaixo a falta de sensibilidade!

— Calma, senhores, falou o Visconde. — Nós conhecemos nosso pai Lobato de alma pura!



De repente, escutei um barulho enorme, meu livro, *Reinações de Narizinho*, que estava do meu lado, na mesa de cabeceira da cama, com tamanha barafunda, caiu no chão. Foi então que escutei um sussurro.

— Acorda, Lúcia, a senhora não será a primeira pessoa a ser visitada nos seus sonhos, visitaremos todo os lares.

A índia que me roubaram

Rogério Matarazzo

*Era em S. José dos Campos.
O horizonte estava perto.
Tudo parecia certo
admiravelmente certo.*

Esse é um trecho do poema *A Flauta que me Roubaram*, de autoria de um ilustre conterrâneo, o poeta Cassiano Ricardo, em que ele, de forma inspirada, narra doces passagens que muito têm a ver com as minhas lembranças dos anos de infância.

*Era em São José dos Campos.
E quando caía a ponte
eu passava o Paraíba
numa vagarosa balsa
como se dançasse valsa.
O horizonte estava perto.
A manhã não era falsa
como a da cidade grande.
Tudo era um caminho aberto.*

E era esse caudaloso rio que a gente atravessava para ir até um pequeno lugarejo que se espalhava pelo sopé da Mantiqueira e que tinha o nome de uma índia, pois se chamava Buquira. Muito interessante quando



o costume é se dar nome de santos, heróis ou políticos para um lugar que se funda ou se descobre.

Costumava ir para lá com o meu tio Edinho e o acompanhava em suas pescarias nos pequenos ribeirões, onde abundavam os carás e os lambaris. E era lá também que ficavam pequenos e modestos sítios que abrigavam as melhores festas juninas da região, com muita alegria e bastante pinhão cozido. Tinha até fogueira para a gente pular. E tudo corria bem até o momento em que chegava o escuro da noite e baixava a cereção. Quando acabava a alegria e surgia o pavor, aquele terrível medo de encontrar o saci ou o curupira, embora o poeta declarasse que na região “só havia pirilampos imitando o céu nos campos”.

*Tudo parecia certo.
O horizonte estava perto.
Havia erros nos votos
mas a soma estava certa.
Deus escrevia direito
por pequenas ruas tortas.
A mesa era sempre lauta.
Misto de sabiá e humano
o vizinho acordava
tranquilo, tocando flauta.*

Tudo seguia admiravelmente certo, até o dia em que meu pai chegou em casa e contou que o pequeno distrito seria transformado em município. E o lugar deixaria de ser Buquira, para se chamar Monteiro Lobato.

Três Pedros

Gilda Pasqua Barros de Almeida

Solene cerimônia. Diploma em mãos.

Amanhece, pleno verão aquece a gaveta mais larga e funda da mesa de trabalho; quase não abre, pudera! está transbordando de pastas, cada uma, d'uma cor. Projetos e mais projetos ambientais.

Celular na mão. Professores e colegas-amigos lotam a página com cumprimentos e, bem no fim, um convite de trabalho: Grupo Por São Paulo. Quem serão?

Às pressas deixa o estúdio onde morava, desce à cafeteria e vê seu pai, cabisbaixo. Mal responde ao bom-dia. Pedro pressiona-lhe os ombros e com uma palavra o faz sorrir: “trabalho à vista”. Agora fala grosso; magro como vara de bambu. E os sabores daqui ficarão esquecidos? Quem sabe, as cervejas à meia-noite os despertarão.

Convite formalizado. Expedição com ornitólogo, veterinário e explorador florestal, sem ler o projeto até o fim, meio atordoado ainda, responde: “Aceito”. Afinal, é só para começar.

Apresentam-lhe o projeto: Vale do Paraíba. Chocado, emudece.

— E então, Pedro, por que tão quieto?

— Surpreso, me desculpem. Quando a reunião preparatória?

— Você é quem decide. Veja bem, estamos quase prontos. Equipamentos no caminhão. Área demarcada. Ismael quer seguir primeiro. Nós iremos depois e lá podemos reestudar, o que acha?



— Tudo bem, que tal na próxima terça-feira? Vai explorando o solo, Mael.

— Assim, quando aportarem, o alojamento perto da bica e da floresta, tudo em ordem.

Dois dias depois, Ismael faz contato, dizendo que desiste, se não levarem outro explorador. E mais armas. Pedro não imagina os porquês.

23 de agosto, hora aprazada, partida rumo ao Vale.

Tardinha ensolarada, bem-posta a nova morada, mas cadê Ismael?

— Mael na linha, está na cidade ...estou falando com ele, silêncio.

Rindo muito, Jorge ia repetindo o que ouvia de Ismael: “fugi dos horrores dessa floresta, ruídos estranhos, vozes grossas no ar, vêm vultos de todo lado, nada de pássaros e animais a conhecer”.

— Como é? Tá pronto para voltar à capital? Pera aí, capitão, Pedro quer conversar com você.

Tanto ele fez que o convenceu de voltar ao trabalho. Anoitecendo, paramentaram-se como expedicionários; na cintura, vão os apetrechos; nos bolsos, os biscoitos, capacete e óculos noturnos na cabeça. “Avante”, soou a voz de Pedro.

Marcados cinco quilômetros, das folhas secas fizeram almofadas onde se sentaram. Ao puxar as mais distantes, Miguel percebe algo estranho, roliço. Tateia alerta, desconfiado de possível animal morto. Ninguém lhe deu atenção. Ele levanta a mão e fala com voz sonora: “garrafa abandonada, caçador por aqui.”

Foi o bastante para Pedro se levantar, acender a lanterna, tirar a garrafa das mãos dele, balançando-a de um lado a outro, sem rolha. Joga-a longe. Ninguém deu importância. Ia se sentar quando enxerga uma cobra; a cor o remete ao nome, então sussurra: “muçurana”. E com o pessoal em pé continua: “não é venenosa, mas se alimenta das que são; deve ter alguma por perto”. Dito e feito. Cerca de poucos metros, lá está uma cascavel. Parados, respiro silencioso, assistem à dança da muçurana se enrolando na cascavel, espremendo-a até a garganta, à espera de o corpo todo expirar.

Seguem a passos cuidadosos, pois a noite oferece movimentos inesperados entre as árvores dorminhocas, eis o que mais interessa aos estudiosos. Som de gato, percussão do tamanho de quatro grandes patas.

Ágil raciocínio, Luís identifica passadas de jaguar.

— Rápido, direto naquelas árvores altas mais finas, as garantãs, nelas o jaguar não sobe. Mas fica miando ao redor. Cuidado, gente, Pedro alerta.

Passam-se horas; aprontam-se para descer, mas outro miado surge bem perto, e a bela onça-pintada se refestela ao pé da árvore; não tem pressa, pois vê a comida que logo descerá.

Pedro, quietinho num longo galho, vê vagens na árvore vizinha. Estende a mão, alcança algumas e passa ao Luís, que nada sabe o que delas fazer.

— Devagar, Pedro segura uma, aperta com os dentes e cata uns grãos. Caladinho, esfrega uns aos outros e uma poeirinha amarela vai caindo, caindo e chega à cabeça da linda pintada.

Pobrezinha, de repente dá um pinote, enfurecida, mia estridentemente, esfrega as patas nos olhos, roda em volta de si mesma e sai correndo, enlouquecida. Quando os amigos percebem que o gatarrão não se ouve mais, perguntam o que era aquilo. Pedro lhes conta que aprendera com seu avô fazer pó-de-mico com a pimenta dessa árvore.

O sol se levanta aos poucos e ilumina a mata. Os pássaros soltam suas notas a ressoarem por entre as brechas dos galhos verdes; provocam os ouvidos do pica-pau, dão ritmo aos voos das borboletas azuis, põem os macaquinhos a se balançarem nos galhos mais baixos de lá pra cá. Mata em movimento, alegria na floresta com flores orvalhadas, samambaias despertando brotos, miosótis sorrindo para a vizinhança, avencas espriando suas mãos para abraçar o tronco do lado.

Anotações ocupam os expedicionários com registros de medição, temperatura, vegetação e tantos outros. De repente, ouvem água corrente. Estamos nas Águas Claras.



Pedro se afasta deles, quer molhar as mãos; brinca com a água e, em instantes, lhe chega uma garrafa com trapo de barro vermelho rasteiro da beira. Dá dois passos ao encontro de água limpa; mergulha a garrafa dissolvendo o que não lhe pertence e, ao se deter na rolha, vê uma cruz esculpida na cortiça; segura o paninho nela enganchado, sacode a garrafa e a abraça no peito.

Nessa hora, Pedro sustenta a cabeça com as pontas dos dedos e cai no pranto. Os outros ouviram, correram até ele onde se sentara num tronco caído. Aos poucos, represou a emoção e retomou a naturalidade. Ora, essas horas vividas na companhia dos desbravadores permitiram-lhe abrir-se e revelar-lhes o significado dessas terras. E então desfiou algumas aventuras ouvidas de seu bisavô, o famoso Pedrinho, do sítio da Dona Benta. Essas histórias eram frequentemente recontadas por seu avô aos netos mais jovens, assim nada se perderia com o tempo, pois tudo que meu biso aprendera com tio Barnabé e o saci outras gerações manteriam vivo.

— Então, a história do saci não foi inventada?

— Meu biso não mentiria, amigo, eu acredito em tudo que me contou, pois tio Barnabé também via o arteiro no seu rancho de sapé revirando tudo e depois corria embora pra floresta.

— Só rindo, Pedro, os três se viravam uns pros outros, como que fazendo troça dele e assim foram se afastando.

Pedro guarda a garrafa na mochila, enquanto a noite cai e a floresta se veste com manto escuro.

— Os três dormiam profundamente, Pedro de olhos bem abertos; mochila a seu lado, olha o relógio marcando quase meia noite, 24 de agosto, data de São Bartolomeu, dia de vento rodaminho, especial pros sacis, lembrou. Segurando a garrafa, vira de um lado, de outro, aprecia o presente das Águas Claras e imagina um saci diante dele. Força a rolha até abri-la, a garrafa treme em suas mãos e eis que um saci dela salta com o pito aceso, contente por ter sido libertado e lhe pergunta: “Você é o Pedro Terceiro?”

Assustado, afirma ser o próprio, em carne e osso, olha aqui seu capuz molhado.

— Então, não tenha medo, nunca me viu, mas eu via você bem pequeno passeando por aqui com Pedrinho.

— Ele me levava pela floresta, contando brincadeiras e ensinamentos que consigo aprendia, e deles nunca se esqueceu. Dizia que, aos nove anos, ouvindo seu modo de ver e viver na natureza, de expressar conceitos sobre atos e ações dos animais, se sentia um bobinho. Hoje o contrário! Eu me senti o máximo, quando fiz correr uma onça-pintada com o pó-de-mico que ele me ensinou. Aos poucos, a partir de vários elementos reunidos, deu formatos ao certo e ao errado. Embora pusesse ressalvas à sua visão de homem civilizado.

— Eu sei, discutimos muitas vezes, Pedro, mas nem eu o convenci, tampouco ele a mim, nesse tema.

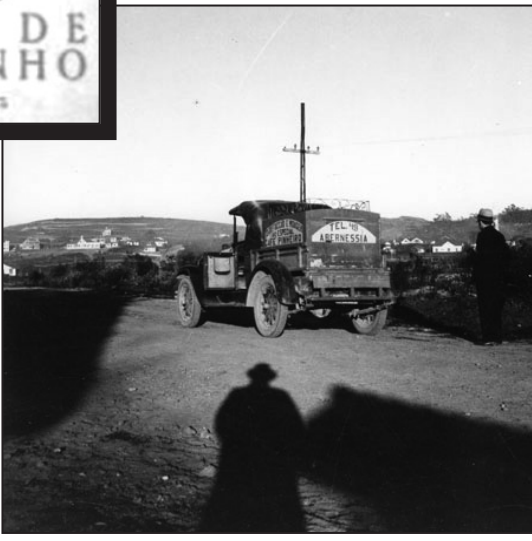
— Meu biso fazia com que eu repetisse muitas vezes a lei da selva. Achava que era para treinar a memória. A de número um: “sempre alerta, porque a vida corre perigo permanente. Por isso, todos os sentidos sempre acesos”. Eu retrucava privilegiando a lei do mais forte. Mas ele sempre com uma resposta pronta me corrigia: “na luta pela vida nem todos são fortes, e quem não o é tem que ser o mais esperto, astuto”.

De repente, o saci me interrompeu para dizer que tinha conquistado a confiança dele ao encantá-lo com frases como: “A vida é uma fada invisível, na verdade, só se veem seus efeitos” ou “há uma força que nos empurra para frente. Essa força é a Vida”.

— Saci, você, além de filósofo, é poeta?! Sabe, essa fada mora dentro de mim também. Seguirei com ela, até que de mim se canse, como fez com meu biso, Pedrinho I.

Há certezas para acreditar
mais que dúvidas para adaptar.

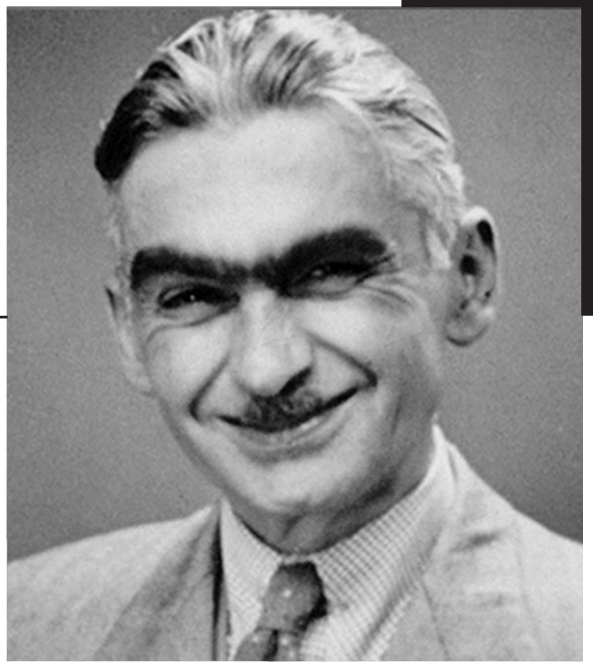




.....



.....



Saída dos sacis

Nem em sonhos Pedrinho jamais esperou que pudesse observar um quadro mais curioso. Aqueles minúsculos capetinhas eram as mais travessas e irrequietas criaturas que se possam imaginar. Não paravam um só instante. Cabriolavam nos musgos do chão, pulavam como pulgas, dançavam, inventavam mil travessuras. E tudo faziam sem por um só instante tirarem o pitinho da boca.

Deram-se cenas muito engraçadas. Três deles ficaram muito atentos, de narizinho para o ar, observando um morcego que despreocupadamente comia frutinhas de uma enorme figueira. Depois de cochicharem entre si, treparam à figueira, com todas as cautelas para não assustar o morcego. Foram por trás dele e, de repente — zás!... pularam-lhe ao lombo, como perfeitos cowboys! O morcego levou um grande susto e começou a corcovear no ar, em voos tontos, enquanto os três cavaleiros, firmes na sela como carrapatos, davam assobios agudíssimos num grande contentamento.

Outro havia trepado a um arbusto e descoberto um ninho de beija-flor com três ovinhos. Imediatamente deu brado de alarma, chamando os companheiros. Reuniu-se um bando em redor do ninho, cujos ovos foram retirados e levados para o chão. Lá acenderam uma minúscula fogueirinha e assaram os ovos e os comeram com grande alegria e gulodice.

E quantas outras travessuras não observou Pedrinho! Os que agarraram um pobre caramujo pelos chifrinhos e fizeram prodígios para arrancá-lo da casca. Os que se divertiam em caçar vaga-lumes, matá-los e esfregar pelo corpo a substância fosforescente que os torna luminosos. Os que cavavam a terra, descobriam minhocas, emendavam três e quatro para fazer uma corda de pular...

Pedrinho estava completamente absorvido naquele curioso espetáculo; e assim passaria a noite, se em certo momento o saci não o puxasse para o fundo do oco.

— Cuidado! — disse ele. — Estou sentindo catin-ga de lobisomem. Meu faro nunca se engana...

{ A Natu-
reza sabe
o que faz.
Põe as
frutas
grandes
no chão
e as peque-
nas em
árvores. }

O encantador

Maria Lucia Rizzo

A notícia da inauguração do navio Encantado, que em sua primeira viagem faria toda costa brasileira até o arquipélago do Nunca, despertou o interesse de Dona Benta, nossa avó. Pessoa letrada e sábia, foi logo comprar as passagens para ela e todos nós: Tia Nastácia, Pedrinho, Emília, eu (Narizinho) e o Kiko, nosso companheiro de muitas alegrias. Ao embarcarmos no navio, estávamos com uma gaiola grande, toda pintada de azul e coberta por borboletas coloridas. O Gato Félix, que estava recebendo os bilhetes atentamente, ficou curioso com o que tinha dentro da gaiola. O saci aproveitou a brecha, entrou no navio e sumiu. Foi chamar o Comandante Capitão Professor Doutor Visconde de Sabugosa, mestre em tantas línguas, para resolver o problema. Sorrindo, ele disse: é um prazer, podem entrar. Faz uma reverência beijando as mãos de todas nós e caminhamos para nossas cabines.

Hoje é a grande festa, inauguração do navio Encantado. O salão todo enfeitado com ervas de colibri.

Dona Benta com vestido colorido, dança a valsa vienense com Visconde de Sabugosa. Tia Nastácia com roupa vermelha muito larga leva o Kiko no bolso. Gato Félix aparece rondando o salão para ver que diabos estão escondendo, quem vive na gaiola azul? Tia Nastácia toca o gato de lá, ele muito rápido dá um tapa no bolso dela e o Kiko pula. Quando ele descobre que é um coelho, dá uma gargalhada e pensa, tá no papo.

- Por que você vive escondido, tem medo?
- Não tenho medo de nada, sou muito rápido.
- Mas eu sou mais rápido, pulo longe.



— Você quer ser meu amigo?

— E por que eu seria seu amigo? Acha que posso te devorar?

Neste momento, Tia Nastácia aparece esbaforida e arrebatada o Kiko das garras do Gato Félix.

Dona Benta toca o sino e grita:

— Podem ir sentando, vou começar a contar a história do menino que não queria crescer. Peter Pan nasceu na Inglaterra. Quando era bebê, caiu da carruagem e foi levado por fadas para a Terra do Nunca, povoada por piratas, fadas, sereias e índios.

Emília pergunta:

— Lá existe boi de chuchu?

Dona Benta responde:

— Talvez não tenha, é um brinquedo da roça e Londres é uma cidade grande.

O Gato Félix, sempre gabola, desconfiou que, na noite do circo, o palhaço foi raptado pelo Peter Pan.

Emília berrou:

— E não foi?

Dona Benta falou:

— Isso eu não sei, e também não imagino como a bola de fogo mágica entrou se as janelas estavam fechadas. Vocês me interrompem tanto, que a história nunca chega ao fim. E agora, o que vocês querem?

Todos dizem:

— Queremos voar pra Terra do Nunca, queremos Peter Pan.

O saci quando viaja leva seu embornal de plantas medicinais, ervas e cogumelos. Começou a ficar desconfiado porque sua plantação estava diminuindo. Resolveu ficar de butuca e viu Tia Nastácia junto com o Kiko pegar um punhado de cogumelos para fazer sopa. Ele ficou tão nervoso que começou a urrar. Ela pegou o Kiko, enfiou dentro do bolso, enquanto o saci berrava tentando colocá-la na garrafa. Os passageiros se aproximaram para tentar acalmar a situação. Não adiantou, o navio começou

a balançar e tombou de lado, ficando metade na água e outra metade na areia. Começaram a pular e o Kiko foi junto. O Capitão Gancho gritava mostrando o relógio que pulou da boca do crocodilo. A fada Sininho ouvindo essa bagunça começou a jogar o pó mágico de pirlimpimpim e todos adormeceram.

Quando o sol começou a despontar através das montanhas, todos acordaram deslumbrados. Emília, muito esperta, logo foi falando:

— Olhem, olhem, aqui é a Terra do Nunca?



Amizades

Hans Freudenthal

Em 1939, quando completei onze anos de idade, minha vida mudou radicalmente.

O mundo que eu conhecia, escola, colegas, cidade, língua materna, a rotina diária, nada disso permaneceu. Cessaram a perseguição nazista, o receio de uma guerra próxima, a queima de livros condenados pelo sistema, a insegurança geral. Até a convivência com minha mãe acabou.

Começou a existência num outro país, muito longe, nova cidade, com a presença familiar apenas de pai e irmão. Não vi os tais leões ferozes nem os índios selvagens que imaginava, mas pessoas descontraídas e dias ensolarados. Ficou fácil o aprendizado do idioma português, a adaptação ao clima, a integração ao meu bairro. Aqui os livros não eram incinerados. Ao contrário, me proporcionaram novas amizades. Pedrinho, o menino da casa vizinha, foi o primeiro. Inteligente, perspicaz, ele não demorou a entabular conversa comigo. Se divertia com meus deslizes gramaticais, corrigia os erros de pronúncia e, depois de um mês, me convidou a passar as férias no sítio da avó dele.

Foi maravilhosa a estadia lá no interior. Conheci Dona Benta, avó do Pedrinho, uma senhora que gostava de contar histórias, estimulando nossa imaginação. E Narizinho, que na verdade se chamava Lúcia e era prima do Pedrinho, que adorava comer pipoca e não tolerava maltrato aos animais. Lá estava Tia Nastácia, descendente de escravos, a melhor cozinheira

do planeta. Mas a mais divertida era Emília, boneca de pano, disparando críticas e provocações que nos faziam rir às gargalhadas. As lendas brasileiras sobre o saci, mula sem cabeça, cuca, curupira nos assustaram. Ainda me lembro bem da chegada ao Picapau Amarelo. A turma ia degustar mais um dos fabulosos almoços de Tia Nastácia. Pedrinho me apresentou: aqui está meu amigo e vizinho de São Paulo.

Eu: Meu nome é Hans.

Emília: Rãs? Que raio de nome é esse? Rãs, sapos, pererecas.

Pedrinho: Hans. Agá, a, ene, esse.

Narizinho: É alemão?

Eu: *Ja. De Berlim.*

Dona Benta: Em português seria João.

Emília: Hans, João, não vejo nenhuma ligação aí.

D. Benta: Tem, sim. A origem é Johann ou Johannes.

Narizinho: Já li contos de Hans Christian Andersen.

Eu: Que não fui eu que escrevi.

D. Benta: E no Brasil tivemos um personagem interessantíssimo, Hans Staden.

Pedrinho: Não foi um homem preso pelos índios, que queriam devorar ele?

D. Benta: O próprio. Esteve duas vezes no Brasil, onde lutou contra os invasores franceses e os indígenas, lá nos anos mil e quinhentos. Sofreu vários naufrágios, e na volta à Alemanha publicou uma obra narrando, com muito sucesso, as suas aventuras. Aqui, Monteiro Lobato escreveu um livro fascinante sobre esse aventureiro, ainda antes de criar o Sítio do Picapau Amarelo, em vinte e três obras.

Narizinho: Ah, eu gostaria de convidar o Monteiro Lobato para visitar nosso sítio.

Pedrinho: Ele nos contaria boas histórias, tenho certeza.

Tia Nastácia: Eu faria uma boa feijoada.

Emília: E eu pintaria aquelas sobancelhas dele.



Narizinho: Não são sobancelhas, é uma só, vai de um lado para o outro: monocelha.

Emília: Não sei se vou pintar ela de vermelho ou amarelo.

D. Benta: Gente, que falta de respeito!

Conversa com Lobato

Thais Costa

— Fui sua leitora voraz na infância, acompanhando as peripécias de Narizinho e Pedrinho, do Visconde de Sabugosa, Dona Benta e Tia Nastácia, e principalmente da birutinha da Emília, que eu adorava. Também assisti ao Sítio do Picapau Amarelo na televisão sem perder nenhum capítulo. Hoje vejo você envolvido em críticas, acusado de preconceito. Tenho curiosidade de saber como você encara tudo isso. Diga, Lobato, você era racista?

— Assistio a essas discussões sobre discriminação contra negros e digo: Tia Nastácia é o retrato do Brasil nos anos 1920, 1930, 1940, porque a abolição dos escravos era muito recente e os negros, mesmo livres, continuaram a ocupar posições de trabalho subalterno. Mas Tia Nastácia é personagem importante no Sítio e na família, sempre rodeada do afeto das crianças e interlocutora respeitada de Dona Benta. Dei a ela, inclusive, a oportunidade de confeccionar a Emília, boneca de pano que personifica a criança atrevida que todo mundo gostaria de ser e que se tornou a estrela de todas as aventuras no sítio, uma paixão nacional.

— Recentemente a Cia. das Letrinhas publicou uma edição especial de “Reinações de Narizinho”, organizada por Marisa Lajolo. Há notas de rodapé contextualizando expressões consideradas agressivas como “negra beçuda”. “São resquícios da escravidão. Hoje não é mais aceitável falar desse jeito”, diz a nota. O que você pensa disso?

— O Brasil em que nasci e vivi era outro. Depois de séculos de escravidão, havia sobrado um sentimento de preconceito que não percebíamos. Naquele tempo não havia consciência de que isso era racismo. Hoje



tudo mudou. Não pretendo me desculpar, apenas mostrar que o contexto histórico no qual criei as histórias era diferente, o que ajuda a entender o jeito com que apresento a Tia Nastácia no Sítio.

— Mas você concorda com as notas de rodapé que estão sendo colocadas nos seus livros, com justificativas contextualizadoras das suas expressões?

— Pensando bem, não acho necessário ficar explicando, as crianças entendem que os tempos mudaram e que certas palavras não eram agressivas no passado embora hoje sejam. Acho que explicar é uma forma de desvalorizar a inteligência das crianças, e isso eu nunca fiz nas minhas histórias. As crianças são muito mais espertas do que os adultos imaginam...

— Se bem que é preferível acrescentar notas a expressões como “negra beicuda” do que banir seus livros das escolas, como alguns defendem hoje em dia. Você concorda comigo?

— Claro, né, se o preço de não alterar meus originais for enfiar pequenas notas explicativas... vá lá, fazer o quê? Tia Nastácia era o retrato do Brasil, mas até eu, em algum momento, pensei em pegar mais leve. No fim de “Caçadas de Pedrinho”, Tia Nastácia responde à D. Benta: “Tenha paciência, agora chegou a minha vez. Negro também é gente, Sinhá...”

— Eu considero você o principal autor de literatura infantil do século 20. Mas sei que muitas escolas e a própria igreja católica desaconselharam a leitura de seus livros nos anos 1950, 1960, e até depois, impedindo que muitas meninas e meninos te conhecessem, se divertissem e se instruissem com suas aventuras incríveis.

— Não foi por causa do racismo ou preconceito contra negros, mas porque achavam minhas histórias irreverentes e temiam que os leitores também se tornassem criativos e fantasiosos como Pedrinho e Narizinho, ou atrevidos e desbocados como a Emília. Acho uma pena que isso tenha acontecido, mas não atrapalhou muito não! Meus livros vendiam tanto nos anos 1930, 1940, 1950, e continuam vendendo... a censura não chegou a interferir no meu sucesso...

— Muitos, inclusive sua bisneta Cleo, defendem que suas histórias precisam ter trechos revistos, retirando-se deles menções consideradas preconceituosas. O que você acha disso?

— Acho péssima ideia, não acredito que meus leitores tenham criado antipatia ou qualquer sentimento negativo em relação aos negros a partir das minhas histórias. Pelo contrário, podem até se dar conta de que se processou uma mudança cultural e social importante de lá pra cá. Quanto à minha bisneta Cleo, torço para ela criar uma obra tão legal como a do Sítio, ao invés de querer alterar trechos da minha.



Indignação

Tânia Nogueira de Melo Franco

Encantamento e indignação.

Dois sentimentos que correram em paralelo, à medida que eu imergia na obra e na vida de Monteiro Lobato.

Encantamento pela fantasia, pela imaginação sem limites da boneca de pano que fala, do sabugo de milho que inventa, questiona, pelo pó que transporta: personagens criados pela observação constante. Lobato se escondia atrás de janelas e portas, a observar as atitudes e proezas de crianças livres, soltas, levadas.

Curiosidade inata que aflora quando o mundo se torna uma descoberta. A fase do “mundo é belo” passa e entra-se no setênio do mote “o mundo é verdadeiro” e deve ser explorado!

A Igreja rígida e conservadora entende que a obra de Monteiro Lobato é uma ameaça à obediência cega aos cânones católicos. Inseridos no index de leituras proibidas, seus livros são queimados em fogueiras nos pátios de colégios e substituídos por catecismos.

Ameaçava os políticos, afinal fazia pensar e o exercício do pensar torna os homens perigosos porque criativos: a liberdade ameaça quem comanda, pois havendo discordância tal atitude não convém. Ao propor a campanha “O petróleo é nosso” e decidir explorar nosso solo, Getúlio Vargas passa a considerá-lo comunista. Defendia o homem do campo, queria a distribuição da riqueza nacional e chegou a ser preso pela divulgação dessas ideias.

Indo além, a indignação superou o encantamento; grupos da atualidade desejam escrever uma releitura deste nosso mestre, pois Lobato foi taxado de racista!

Quem de nós com DNA antigo, sendo de família de classe média, não teve uma Tia Nastácia na cozinha? A minha era a Tereza. Bastava chegar no batente da porta da cozinha, que vinha o chiste: “Criança na cozinha, Sinhá não quer. O que a menina quer comer?”

E eu e meus irmãos sentávamos na copa esperando os bolinhos de chuva, o café com leite, o bolo de chocolate...

Cozinha! Território proibido. Só Tereza lá mandava.

A história não se modifica por palavras e sim por ações.

Sempre haverá o conquistado e o conquistador.

O passado pode ser evitado?

O futuro pode ser apagado?

A vaidade humana pode ser extinguida?

Convido os leitores do Caderno Literário do Clube Paulistano a fazerem uma imersão na vida e obra deste exemplo de ativista bem-intencionado. Para mim, foi gratificante.

E acompanho a sugestão com a oração de *Mainha*, nossa mãe e mãe de Deus.

Dá-me um coração simples para que não seja consumido pelas tristezas,

Um coração terno para a compaixão,

Um coração fiel e generoso, para que não esqueça de nenhum bem nem guarde rancor por algum mal,

Dá-me um coração grande e indomável, para que nenhuma indiferença o descarte,

Porque a medida do amor é amar sem medida.

Creio que assim era o coração e a alma de Monteiro Lobato...



A história que Lobato não contou

Lygia Pistelli

Tia Nastácia acordou mais cedo do que de costume, ouviu barulhos estranhos vindo das janelas que ladeavam o enorme pomar e o cedro gigante.

Medrosa como sempre, e também muito curiosa, levantou-se com muita dificuldade para saber o que estava acontecendo no quintal.

Passou a mão embaixo da cama para pegar seu chinelinho e, assustada, encontrou somente um pé do par.

Embaraçada com o aumento do barulho, agora vindo também da sua cozinha, saiu do quarto com só um pé calçado e falava consigo mesma:

— Meu Deus! Onde foi parar o outro pé do meu chinelo? Tenho certeza que coloquei o par aqui ontem à noite. Ah! já imagino... tenho quase certeza de que foi obra daquela pestinha de uma perna só. Cruz credo, o que ele fará com meu chinelinho?

Ao chegar à cozinha soltou um grito apavorado:

— Meu Deus, quem estará remexendo nas minhas panelas?

De repente uma pilha de pratos vem ao chão e aparece um lagarto enorme, verdíssimo, bocudo, muito gosmento e de olhos arregalados, saindo de dentro do guarda-comida.

Aí sim, que ela enlouqueceu de medo e pôs-se a pedir socorro aos berros para todos os santos e para a família, enquanto desenhava muitas cruz-credo sobre o peito.

— Socorro me ajudem, vou ser atacada por um monstro. Ele vai me engolir!

Apavorada, ainda conseguiu abrir a porta e sair correndo da cozinha. Começou a escalar o cedro gigante que ficava no quintal. Mesmo descalça

de um pé, subiu num instante tão alto que, quando Emília chegou, não viu a Tia Nastácia. Acompanhou o som dos gritos e encontrou-a agarrada a um galho bem alto. Todos foram chegando para ajudá-la.

Emília tomou a dianteira e se propôs a chamar o Visconde para encontrar uma solução para descer a Tia Nastácia da árvore.

Pedrinho ponderou:

— Você se esquece que o Visconde está com a perna quebrada? Ele não poderá ajudar. Só se for pra dar alguma ideia.

E Narizinho emendou:

— Não se assuste, Tia Nastácia! vamos achar um jeito. E todos puseram-se a pensar e chegaram à conclusão de que eram muito pequenos para assumir essa empreitada.

Foi quando acendeu uma luzinha na cabeça da Emília e ela começou a chamar bem alto pelo saci, que ainda não havia dado as caras.

Ao escutar esse chamado, Tia Nastácia gritou lá do alto:

— Nãããao, Emília!!! Não faça essa malvadeza comigo! Não chame esse monstrinho. Morro de medo dele. Medo não, terror... Ele só sabe pular e vai me derrubar.

— Então chame o gato ou o macaco, eles também sabem pular, disse Tia Nastácia.

De repente, apareceu o Visconde andando bem devagar por causa da tala na perna quebrada, e foi logo dizendo:

— Não tem jeito. Só o saci pode ajudar. Ele tem força o suficiente para segurá-la pela cintura e vir pulando de galho em galho até chegar ao solo.

Como não havia outra maneira, Tia Nastácia concordou com bastante relutância com a descida planejada. A cada pulo que o saci dava, de um galho a outro, ela soltava um grito.

Quando terminou a descida, Tia Nastácia viu que o pé do saci estava calçado com o chinelinho. Não teve dúvida, pegou um pedaço de pau e saiu correndo atrás dele, gritando:

— Eu te pego, moleque. Seu pândego!





O escritório

Paulo Cirillo

“**T**aubaté, lugar de cavalo pangaré e de mulher que mija em pé”, frase atribuída a Monteiro Lobato quando se referia a sua cidade natal.

Uma das sensações mais incríveis que senti na minha vida foi quando, há pouco tempo atrás, entrei no escritório que havia pertencido a este escritor imortal na literatura brasileira, embora não pela ABL, que através de suas obras infantis tanto me fez companhia durante toda minha infância e me influenciou por toda a minha vida.

Fiquei atônito, extasiado, maravilhado, estupefato mesmo, quase nem acreditando que dali saíram minhas viagens que espicaçaram minha curiosidade e conseqüentemente determinaram o aumento da minha bagagem cultural. Tudo em madeira escura, creio que de lei, amplo, austero, a escrivaninha com sua cadeira, estantes, prateleiras, tudo intacto e em perfeito estado de conservação, parecia que estava vendo aquela monocelha para alguns ou trigode para outros, transformando aquele sóbrio escritório numa agência de turismo criando minhas viagens pela Hélade, pela Andaluzia, Terra do Nunca, País da Gramática, pelo Céu, o passado, o futuro... e nem precisei do pó de pirlimpimpim, tão bem guardado na canastrinha da marquesa para tudo isso. Uma viagem no tempo da minha vida. E tudo ali, na frente da casa em que moro, aquela casa que fora de sua filha Marta e, após seu falecimento, de sua neta Joyce, no número 92 da Rua Taufik Camasmie.

Os enigmas da vida se cruzam, quando iria imaginar que o passado e o presente se cruzariam, simplesmente cruzando a rua?



Pena, pouco tempo depois a casa foi vendida e totalmente reformada. Não sei o que foi feito daquela mobília tão incrível e icônica, um verdadeiro patrimônio cultural tupiniquim. Mas de uma coisa tenho certeza, esteja onde estiver, sempre será a mobília mágica que só não fala por não lhe terem dado a pílula do Dr. Caramujo. E para mim, uma fábrica de castelos, pois como dizia seu antigo dono, Monteiro Lobato, “quem escreve um livro cria um castelo, quem o lê mora nele”.

Um brasileiro inquieto

Carlos de Faro Passos

Tudo vem dos sonhos. Primeiro sonhamos, depois fazemos.

Monteiro Lobato

Encontrei Lobato ao visitar o Monumento do Ipiranga, projetado pelo escultor italiano Ettore Ximenes. O escritor vem a São Paulo com frequência para atualizar-se sobre temas do seu interesse — antigas lutas defendendo o petróleo, siderurgia, construção de estradas e democratização. Analisa também assuntos relacionados à carência educacional, ao incêndio de florestas, ao desenvolvimento social, à saúde, à corrupção.

— Posso chamá-lo de Lobato, meu caro escritor e empresário?

— Com certeza. Em que posso ajudá-lo?

— Gostou do Monumento à Independência depois de construído?

Em seu livro *Ideias de Jeca Tatu* você escreveu que o projeto de Ximenes tinha (*) defeitos sérios, ressaltantes à primeira vista, falhas que o colocam em plano inferior ao genial projeto de Rollo, ao belíssimo trabalho de Brizzolara e à formosa concepção de Eztel. O Ximenes não confiou apenas, como fizeram os demais, nos méritos estéticos da sua arte: pôs em jogo os melhores truques da arte de ganhar concursos, na qual, não resta dúvida, é um gênio. Um dos concorrentes ouviu dizer que nestas plagas tudo se arranja, sendo a questão coisa só de preço e jeito! Mudou de opinião, Lobato?

— Estava lutando pela escolha do melhor projeto para o monumento. Desta vez vim visitar o mausoléu da querida Princesa Leopoldina, principal apoiadora da nossa Independência. São águas passadas; agora estou



preocupado com a reforma do Museu do Ipiranga, para comemorarmos os duzentos anos da Independência do Brasil. Peço informar-me sobre a situação atual do nosso país, falou Lobato.

— Para começar, vivemos um momento de muita radicalização política. Os dois principais candidatos à presidência tratam basicamente da eleição de 2022. De um lado, o atual presidente, despreparado, sobe no palanque com frequência. A gestão do país abandonada, sem a atenção devida a temas de relevância como o combate ao Covid 19. O outro candidato, recém-saído da cadeia, não aparece em manifestações públicas, com receio de reprovação, mas trabalha intensamente nos bastidores, e nas redes sociais. Procura vender a imagem de salvador da pátria! Triste momento político — ainda não apareceu uma terceira opção confiável que possa colocar o país nos trilhos. A economia vai mal, crescentes déficits fiscais forçam o endividamento anual do país. Em 2020, a dívida pública alcançou 90,7% do PIB, o maior patamar da história. Lobato, constatei em seus escritos que você se preocupa com o incêndio de florestas no Brasil, culpando o CABOCLO e Jeca Tatu, como escreveu no artigo (***) *Velha Praga*.

— É verdade, talvez tenha exagerado quando escrevi: *Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças (...) Acampa. Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdendo ao mais belo pau. Pronto o roçado, e chegando o tempo da queima, entra em função o isqueiro.*

— Hoje a situação é mais dramática, agricultores e pecuaristas poderosos, alguns mal-intencionados, destroem a floresta para atividades agrícolas e criação de gado desrespeitando nossa política ambiental. Há também garimpeiros que derrubam árvores e envenenam rios com mercúrio à procura de minérios preciosos. Para completar o estrago, a imprensa e a Polícia Federal afirmam que o ministro do meio ambiente se envolveu na exportação ilegal de madeira, após ter desorganizado os organismos

públicos de controle. Com a pandemia, e o pretexto de deixar “passar a boiada”, concedeu autorizações ilegais para exploração florestal, como afirmou ele mesmo em reunião ministerial. O Joe Biden está enchendo navios com madeira ilegal que será enviada de volta ao Brasil! Qual era sua opinião sobre o Jeca Tatu?

— *Homem inculto, preguiçoso, desleixado com sua aparência e higiene pessoal, como escrevi no artigo Urupês, publicado em 1914. Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade. Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço — e nisto vai longe. De pé ou sentado as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa... Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras... Não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive...*

— Lobato, você foi impiedoso com o Jeca Tatu pois deixou de analisar as razões da indolência, do *sacerdócio da lei do menor esforço*.

— É verdade, somente mais tarde, em 1918, quando comecei a ler sobre saúde pública, entendi que a apatia do camponês era fruto da fome e exclusão social. Passei a apoiar investimentos em saúde e promoção social. No meu último livro transformei o velho personagem no Zé Brasil, trabalhador rural sem terra. E hoje em dia, como vão os investimentos educacionais e sociais no país?

— Muito a desejar. E também em outras áreas dinâmicas, como infraestruturas e transportes, pois faltam recursos para investimentos. Encerramos todos os anos com déficits fiscais, pois o governo arrecada menos impostos do que gasta, aumentando a “bola de neve” do endividamento.

— Tenho ouvido falar que diversos setores continuam privilegiados, com isenção de impostos, salários elevados do funcionalismo público, excesso de gastos do parlamento e do judiciário, desequilíbrio de investimentos na educação básica que recebe menos recursos do que a universidade, entre outros, falou Lobato.

— Tem razão. Em 2022, o governo deve abrir mão de R\$ 365 bilhões em arrecadação, equivalentes a 4,11% do PIB em isenções, subsídios e



desonerações a setores específicos. Ou seja, isentando mais do que aplica separadamente na educação, assistência social, e saúde!

O funcionalismo público, federal, estadual e municipal, geralmente recebe salários mais elevados do que aqueles pagos aos mesmos funcionários do setor privado. Em estudo recente do Banco Mundial publicado no Estadão, lê-se: *Os servidores públicos federais ganham no Brasil 67% a mais do que um empregado no setor privado em função semelhante, com a mesma formação e experiência profissional. O chamado “prêmio salarial” do funcionalismo brasileiro é o mais alto numa amostra de 53 países pesquisados pelo Banco Mundial. Esse grande prêmio perpetua a desigualdade, porque beneficia as pessoas mais ricas. Como os salários dos servidores são financiados por meio da tributação, os altos salários do setor público acabam constituindo uma forma de redistribuição da renda dos mais pobres e da classe média aos mais ricos, aponta o relatório. O “Estadão” ainda informa que a Média Salarial no Judiciário chega a ser o dobro da registrada no executivo.*

— Antigo colega de faculdade do Largo de São Francisco me falou que muitos juízes em São Paulo ganham acima do teto salarial do setor público, que é igual à remuneração mensal dos ministros do STF! Valores elevados, sem considerar os eventuais “penduricalhos” como “auxílio moradia” para quem já tem casa própria, “auxílio paletó”, e outros. Será possível?

— Não sei dizer, Lobato. Procure o salário do seu colega no Google, ou no Portal da Transparência do Tribunal de Justiça de São Paulo.

— Pode me falar dos investimentos educacionais segundo pesquisa realizada pela OCDE, o “clube” dos países ricos?

— *O Brasil investe em universitários mais que o triplo do que é gasto com estudantes do ensino fundamental e médio, revela estudo que analisou sistemas de ensino de 45 países. Por outro lado, gasta somente US\$ 3,8 mil por aluno no primeiro ciclo do ensino fundamental, informa o documento. Tal*

valor é menor do que a metade da quantia média desembolsada por ano com cada estudante nessa fase escolar pelos países da OCDE (US\$ 8,7 mil).

— Não acredito, amigo!! Como é possível privilegiar a educação da elite, menosprezando a transformadora educação básica?

— Fiz a mesma pergunta a antigo ministro da educação que respondeu: *Menino pobre não faz “lobby” governamental!* Ao contrário, Lobato, sabemos que muitos trabalhadores universitários são demandantes de verbas públicas, e bons cabos eleitorais. Nos últimos vinte anos foram criadas várias faculdades públicas em locais onde havia pouca demanda estudantil, mas muitos companheiros partidários!

— Que calamidade! Como estimular o desenvolvimento do Brasil, se não temos jovens bens preparados, principalmente agora na Era da Informática?

— Pior, Lobato: as crianças pobres dificilmente terão ascensão econômica e social. O destino do jovem está traçado a partir da classe social onde nasceu. Há pouquíssimas possibilidades para redução das desigualdades e da concentração de renda! O ex-ministro Cristovam Buarque, ao acompanhar o desenvolvimento educacional em Toritama-PE durante dez anos, escreveu (***) *Três brechas de déficits se ampliaram na educação de base no Brasil entre: (i) a educação que oferecemos e aquela que o mundo moderno exige; (ii) a educação dos ricos e a educação dos pobres; e (iii) a educação que temos e a que os demais países estão conseguindo.*

— Estou chocado com o panorama negro que você me apresenta!

— Lobato, não podemos desanimar! Vamos trabalhar para que surja uma terceira opção eleitoral verdadeiramente favorável às reformas político-econômicas de que o país necessita. Continue escrevendo e trabalhando na mesma direção.

— Com certeza! Vou escrever através da “rede social” que pretendo criar com autorização do São Pedro, lá no Céu.

— Maravilha! Estamos juntos! Como você, também acredito que: *Tudo vem dos sonhos. Primeiro sonhamos, depois fazemos.* Mãos à obra!



(*) Lobato, Monteiro – *Ideias de Jeca Tatu*, crônica *Royal-street-flush arquitetônico*, Editora Brasiliense Ltda – SP, 1955.

(**) Lobato, Monteiro – “Urupês”, artigo *Velha Praga*, Editora Brasiliense – SP, 1978.

(***) Buarque, Cristovam – *Retrato de uma década perdida*, Abaré Editorial, Brasília-DF, 2017. Ex-governador e senador por Brasília, criador da bolsa escola, precursora da bolsa família.

{ Meu plano
agora
é um
só: dar
ferro e
petróleo
ao
Brasil. }



Oásis cor de sangue coalhado

Carlos Eduardo Cornacchione

*...era ali o ninho da nova raça,
liga, amálgama,
justaposição de elementos étnicos
que temperam o neobandeirante...*

Monteiro Lobato

O sino repicava na estação. Sons e cores misturavam-se com a fumaça inundando a plataforma. A velha locomotiva bufava arrasando o comboio carregado de Giuseppes e Nicoletas. Ninguém conhecido para abanar o lenço, apenas um comissário de bandeirola na mão. Trilhos atrás, saudades. Trilhos à frente, esperança. Assim, de coração apertado, rumaram para onde *cresce a árvore do Brasil de amanhã, uma coisa um pouco diferente do Brasil de ontem.*

Algumas vilas construídas para abrigá-los ainda sobrerrestam como sacis abandonadas no tempo. A igreja de Santa Terezinha, o centro comercial, o depósito, a fábrica de chaminé apagada, e os esqueletos dos dois-cômodos que cada família recebia guardam uma parte dessa memória. Passei por onde não mais existe porta. Busquei lembranças esvanecidas no já sem teto, sem perfume das minestras, sem eco das cançonetas. E pisei naquele tijolado que um dia foi o primeiro lar de uma família de imigrantes no Novo Mundo. O que sonhavam?



Hoje, quando transmissões interplanetárias trazem imagens de sondas em Marte, achegam-se ao meu lado Saides e Hanas com crianças ao colo e dois olhos marejados. Um, pelo que ficou na Palestina. Outro, regado pela mesma esperança sonhada naquele dois-cômodos da vila.

História de outro século

Maria Helena Nogueira de Almeida

Recordar a infância é desfrutar de momentos prazerosos que aquecem o coração.

Férias de inverno, quinze dias em junho e vinha a resposta de uma cartinha infantil, convidando para a hospedagem na fazenda de vovó.

Outrora de nome Rocinha, uma grande fazenda de café, depois vendida aos poucos, transformada em um sítio de recreio, perto da cidade de Campinas. Conservaram apenas o infindável pomar com frutas quase não mais vistas, abios, araçás, jatobás, amoras que deixavam as crianças com a boca roxa. E um curral onde nos deliciávamos com leite de vaca tirado na hora.

Minha avó Ursula era uma leitora assídua, nos incentivava a conhecer novos autores.

Formou uma biblioteca no sítio, num enorme quarto dos fundos, mandou o marceneiro fazer estantes e meu tio Teodoro trouxe de Campinas coleções: Tesouro da Juventude, Júlio Verne, Histórias dos irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen.

Passamos a chamar o tio só de Teodorinho, soava melhor que tio Teodorinho, minha mãe dizia que ele era trintão e solteirão, rapaz muito bonito, alto, cabelos castanhos e olhos verdes. Sofria por uma grande culpa, a qual não conhecíamos.

Teodorinho estava sempre alegre e dava umas sonoras gargalhadas, gostava de interpretar as histórias que nos lia em noites de inverno, ao pé do fogão de lenha sempre aceso, o milho assando e a canjica fervendo. Certa vez ele trouxe de Campinas uma coleção nova de um escritor chamado Monteiro Lobato e logo nos interessamos por se tratar de uma



turminha como a nossa e que vivia em uma fazenda. Na casa ficávamos vovó Ursula, Teodorinho, a gorda empregada Fermiana e Nhô Carro, os dois eram descendentes de escravos, eu e meus três primos, Marilu, Zezé e Beto.

Nhô Carro dirigia toda tarde uma charrete para nos levar até a cidade de Amparo e passear. Nossos pais nos deixavam com vovó e iam para suas férias.

O primeiro livro que Teodorinho leu da nova série comprada foi *O Picapau Amarelo* e nos apaixonamos para sempre pelos personagens Narzinho, Pedrinho, Emília, Dona Benta e Tia Nastácia. Teodorinho contava com graça e fazia estrepolias como as de Emília. Ele era alegre mas, às vezes se trancava no quarto durante o dia inteiro. Certa vez mamãe contou o seu segredo.

Nosso tio era noivo de uma moça muito jovem e bonita, iam se casar em dezembro. No mês de junho foram a uma festa caipira em fazenda próxima. A noite estava chuvosa e a estrada era ruim, Teodorinho tinha um carro Mercury Club Coupé 1940, dirigia velozmente por estar atrasado, numa curva caiu num barranco, o carro foi de encontro a uma árvore causando a morte da noiva Eglantina. Teodorinho sentiu-se culpado.

Mesmo assim era uma pessoa adorável, gostava de escrever contos e poesias que nos lia. Certa vez, em Campinas, matriculou-se em uma oficina literária, na Escola Normal Carlos Gomes, aprimorou sua redação e até ganhou alguns prêmios.

Teodorinho era advogado, mas não exercia a profissão, sabia que no futuro herdaria a fortuna de vovó. Refugiou-se na fazenda dizendo que ia escrever um livro. De fato, escreveu um romance, falava de umas crianças que para ajudar os pais, começaram a fazer balas e docinhos e os vendiam na garagem de sua casa, era uma turminha endiabrada como as do Sítio do Picapau Amarelo. A sorte os favoreceu e tornaram-se grandes industriais confeitários. Havia uma lição de moral mostrando que as pessoas pobres podiam ter sua chance na vida.

Nosso tio inscreveu seu livro no Concurso Monteiro Lobato, na cidade de Amparo.

Nem foi classificado, mas o destino faz as suas surpresas. Ele conheceu uma professora, fazia parte do júri, foi amor sincero e com final feliz.

Teodorinho não se tornou escritor, mas precisou abrir seu escritório de advocacia para sustentar seus cinco filhos.

O sítio de nossas férias foi vendido, os livros da biblioteca se dispersaram, ficamos com as recordações de uma infância bem vivida e sempre lembrada.



Mundo-Verdade versus Mundo-Fantasia

Maria Luiza Galli

Em outra dimensão, sem compreender o momento em que me encontro, converso com o renomado escritor paulista Monteiro Lobato.

— Qual é a magia da vida, Senhor Lobato?

— *Loucura? Sonho? Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira. Mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum*, responde o ilustre escritor.

Volto no tempo. Em meu mundo-verdade, sou a menina do nariz arrebitado. Movida a *insights* e certa dose de determinação, criança ainda, tenho premonição sobre fatos que estão por acontecer como se estivesse recebendo uma entidade. Vejo o que outras pessoas não enxergam. Converso sobre esse estranhamento com meus pais. Dr. Adolpho, como é chamado por todos, por ser espírita, me entende perfeitamente. Ao defender utopias, embebe-se e professa os ensinamentos sobre o auto-conhecimento do filósofo indiano Jiddu Krishnamurti, como, também, a política da não-violência de Mahatma Gandhi. Lê os livros da Literatura Geral de Monteiro Lobato, seu contemporâneo, e compartilha suas ideias de nacionalismo, do seu arraigado sentimento de nacionalidade. Adota a ciência da Cura pela Água de Louis Kuhne, que traz da Alemanha um pensamento inovador de não envenenamento do organismo com os resíduos químicos das drogas. Condena as queimadas e o desmatamento. É um ho-

mem adiante de seu tempo, meu cavaleiro errante, sonhando moinhos de vento. Dona Chiarina, diferente de meu pai, católica, pragmática, costura e borda com esmero. Incansável, além dos afazeres caseiros — ainda me lembro do sabor de seus divinos quitutes —, pedala sua máquina Singer e se entretém entre botões, agulhas, carretéis e dedais. Dos retalhos faz minha primeira boneca, uma desengonçada boneca de pano. Dou-lhe o nome de Emília, travessa como só, tal como nas histórias infantis de Lobato, lidas ao pé do leito. Torna-se minha companheira de todas as horas.

Com quatro anos, para largar a chupeta, sou presenteada com uma boneca do meu tamanho, talvez um pouco maior, minha amada Bonecona com seus cachos dourados, minha menina-prodígio Shirley Temple. Quando completo seis anos, ganho um pet, meu primeiro bichinho de estimação. Que surpresa! É uma porquinha de verdade, toda cor de rosa, rosadinha, com um laço de fita vermelho no pescoço. Em nossas aventuras, brinca de esconde-esconde e toma banho, sempre que a chamo, no chuveiro do quintal da casa em Rio Claro, meu País das Maravilhas. Por chamá-la sempre de Porquinha — quinha pra cá, quinha pra lá — com o passar tempo seu nome torna-se Quinha.

Paralelo ao mundo-verdade, possuo em meu mundo-fantasia uma família imaginária que habita em mim e com a qual partilho meus anseios e angústias em conversas noturnas intermináveis. É o mundo do faz-de-conta, onde tudo pode acontecer. Povoam este meu mundo-lua: a Bonecona, a Quinha e a Emília, minha boneca de pano, que vira gente-travessa quando somos convidadas pelo Príncipe-Peixe-Escamado para visitar seu reino subterrâneo, cheio de magia e encanto, o Reino das Águas Claras. Nesta viagem fantástica, ocorrem inesperadas surpresas: caso-me com o Príncipe Escamado com um lindo vestido tecido por aranhas; a espevitada Emília, engole uma pílula falante retirada das entranhas de um sapo, receita pelo Doutor Caramujo e dispara a falar, a falar, sem parar.



— Que gosto de sapo! Que gosto de sapo! Que gosto de sapo!

— Falará até esgotar seu estoque de palavras represadas, diz o médico ao perceber minha inquietação.

A porquinha comilona, que gosta de tomar banho e vive fugindo, transforma-se no Marquês de Rabicó. Casa-se com Emília, com todas as pompas e circunstâncias, para dar-lhe o almejado título de Marquesa.

— Mas, como assim? Perguntam.

— Apenas crianças entendem, parola bazofiando a Marquesa de Rabicó.

— Gente grande não tem imaginação, nem criatividade, para brincar de faz-de-conta, advogo em sua defesa.

— Afinal, quem é você, menina do nariz arrebitado, que vive no mundo da lua a tagarelar com esta atrevida boneca de pano?

Dando de ombros e parodiando a fala da astuta Emília em suas Memórias, respondo displicentemente:

— Sou a Independência ou Morte!

Entre reminiscências lobatianas, para quem *tudo vem dos sonhos, primeiro sonhamos depois fazemos*, vivo e cresço, sem nunca ter deixado de cultivar o mundo imagético ao reviver o tempo-infância, quando tudo é possível no Reino do Faz-de-Conta.

Uma vida num sítio muito especial

Diva Maria Tammaro de Oliveira

Início dos anos 50

Sentadinha no chão, em frente ao grande móvel do aparelho de televisão, espera com ansiedade o programa do Júlio Gouveia e Tatiana Belinky, na TV Tupi. Invariavelmente, o apresentador surge à frente de uma estante recheada de livros e abre um deles.

O mundo mágico que se descortina, saindo de dentro do livro, é difícil de descrever e a habita desde então.

Junto com seus irmãos, assistia com atenção às estripulias dos habitantes do Sítio do Picapau Amarelo, acompanhados pelos bolinhos de sinhá trazidos pela Tata, que assim disfarçava e também se deliciava com o programa. Tata nunca aceitou os “bolinhos de chuva” da sua rival, Tia Nastácia. Para ela o que valiam eram os “bolinhos de sinhá” e pronto. Tata enriquecia a tarde contando acontecidos de sua infância na roça envolvendo sacis, jurando que eles existiam de verdade.

A garota sempre gostou muito da Emília, que a fascinava. Sapeca, esperta, inteligente, meio malcriada e muito falante. Adorava imaginar que quando a boneca abria a torneirinha jorrava um monte de besteiras. Além de tudo isso, o nome Emília lembrava a prima Dinha, a Fernanda Emilia.

Na sua imaginação, os personagens e os atores se mesclavam tão bem que a Emília só poderia ser a Lúcia Lambertini, a Narizinho a Edi



Cerri e o Pedrinho o David José. Nunca viu como verdadeiros os inúmeros outros atores que se seguiram nas várias versões televisionadas do Sítio.

O David José ocupava um lugar especial no seu coração: como todas as meninas da época, era total e secretamente apaixonada por ele. Ficar, com certeza, meio encabulada ao ver que agora seu segredo se tornou público, graças à minha indiscrição.

“Acabou a história, morreu a vitória. Entrou por uma porta, saiu pela outra. Quem quiser que conte outra.” E Júlio Gouveia fechava o livro, mas o encantamento não se encerrava ali.

Ela corria para tentar localizar e ler nos livros, pela milionésima vez, as aventuras que tinha acabado de ver no programa.

Meados da década de 60

Adolescente, ainda se alimentava dos livros de Monteiro Lobato. Leu os *Doze Trabalhos de Hércules* repetidamente. Credita a essa obra seu interesse por mitologia, cultura grega, filosofia e teatro.

Por falar em teatro, foi com a turma da escola assistir a uma peça de Molière no Teatro de Arena, e quem estava lá, em papel de destaque? O Pedrinho, o David José, lindo como sempre, ainda mais assim, visto bem de pertinho. Estava vestido com um casaco de veludo bordô com enfeites dourados, um verdadeiro príncipe! Não deixou que os colegas percebessem, mas quase chorou de emoção.

Anos 70

Essa década foi a do nascimento e da infância das duas filhas. Naquele tempo não se sabia do sexo dos bebês durante a gravidez. Sempre havia algumas comadres que analisavam o formato da barriga da mãe e davam seu veredicto. Nos dois casos, as opiniões se dividiram e ela ficou na dúvida.

Pelo sim, pelo não, escolheu nomes de menina e de menino. O nome a ser eleito, se o bebê fosse menino, sempre seria Pedro. Se foi por causa do Pedrinho, nunca admitiu, mas isso parece claro, analisando os fatos com os olhos de hoje.

Reza a lenda que a escolinha em que as filhas estiveram na primeira infância também foi frequentada, na mesma época, por crianças que seriam da família do David José. Mais do que isso, haveria parentesco dele com a dona da escola e algumas professoras.

Isso tudo fez muito sentido para ela, pela idade e pelo fato de a escola ser no Sumaré, local de moradia de muitos atores da Tupi. Claro que sempre acreditou nisso piamente, ainda mais que a molecada era bem próxima das suas filhas. Embora a veracidade dessa história ainda possa teoricamente ser rastreada, o simbolismo dessas coincidências fala mais alto.

Década de 80

O Sítio do Picapau Amarelo voltou a ser assíduo na sua rotina diária.

As filhas não perdiam a série na televisão, dessa vez na Globo, embalada pelas músicas do Gilberto Gil e tendo a Emília vivida pela Dirce Migliacio. Não mais a sua Lúcia Lambertini, mas sempre a Emília. Reviveu muitas emoções.

Alvorecer dos anos 90

Sei que alguns vão duvidar do que vou contar a seguir, mas isso eu asseguro que é verdade: finalmente ela conheceu o seu Davi José! Davi, e não David, mas é a mesma coisa, não é?

Um homem maravilhoso, seu príncipe encantado e companheiro da maturidade.

Logo se casaram e estão juntos desde então, cada vez mais unha e carne.



E agora, em 2021?

Nestes tempos de pandemia, ela e o seu Davi José passam a maior parte do tempo em casa, como a prudência recomenda para idosos.

Impulsionados pelas comemorações do centenário de Narzinho, estão maratonando os vídeos da série da Globo dos anos 80, emprestados por uma das filhas – que os comprou para suas crianças curtirem, assistindo à mesma versão que a encantou e à irmã.

Para acompanhar, saboreiam bolinhos de sinhá, agora feitos em uma moderna Air Fryer, a última aquisição do casal.

Entrelinhas

Dalva Maria Bannitz Baccalá

A lua é cheia e no espaço...
Entre uma linha e outra,
garrafa que se alteia em vela,
bruxuleando em tons de verde
e o saci sorri para a menina.
Ela, nem ao menos pensa,
sorri também e o solta.
Brincam, rodopiam,
pulam nas nuvens,
porque são traquinas
e se permitem.
Cabelos loiros e o danado,
carapuça rubra,
na mão furada, a brasa,
na boca, o pito aceso.
Pelo-sinal! Cruz-credo!
E no tramitar da quimera,
a última chama se extingue.
A pequena adormece e ele sai.
Livre Capoeirão...
Na égua, faz trancinhas,
chupa o sangue, alucina.
Gora os ovos da galinha,
Sai pra lá, coisa ruinzinho!



São noites e noites na colina,
noites de mato, cheiro de terra,
chá de capim cidreira e sono aberto.
Abre-se o livro em nova página,
entrelinhas e estrelinhas,
o sítio, o pica-pau, o amarelo,
Nastácia, tia, boneca, pano,
um visconde, uma cuca e o homem.
Sobrancelhas negras.
E assim ela cresce na esperança,
talvez na fé, na fantasia,
no pó do seu destino.
Impossível não reter lembranças!
Bruxuleante chama verde,
do fundo da garrafa à dança.
Lá está ele e sorri!
Ela vibrante, novamente o solta.
Solta seus dedos trêmulos,
sua alma, sua escrita! Solta,
a trança da crina do seu cavalo.
Cavalgam juntos, infinitos,
no inebriante canto de um poema,
onde ele, um saci, à noite acontece.

O Bar do Museu

Giselda Penteado Di Guglielmo

Em 1979 tinha esse nome o lugar de encontro de uma certa intelectualidade boêmia de São Paulo. O Bar do Museu ou Barzinho do Museu nascera nos anos quarenta e tivera sua primeira sede no edifício dos Diários Associados, na Rua Sete de Abril, mesmo local em que funcionava na época O Museu de Arte de São Paulo, antes de ser inaugurado na Avenida Paulista. Depois de alguns anos inativo o Barzinho reabriu, no final dos anos setenta, na Avenida São Luiz com o mesmo nome.

Foi nessa época que comecei a frequentá-lo e fui apresentada por meu amigo Chico Salles — advogado, intelectual, poeta, que servira na Embaixada do Brasil em Paris — à fina flor da intelectualidade brasileira que frequentara a Embaixada e cujos membros se tornaram seus amigos desde que passaram pela Cidade Luz. Assim, Francisco Luiz de Almeida Salles me apresentou aos escritores Vinicius de Moraes, Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst, Paulo Mendes Campos, Paulo Bomfim — Monteiro Lobato, se vivo fosse, teria adorado esse grupo —, como também a artistas plásticos, cineastas, músicos populares e muitos outros, todos frequentadores do nosso Barzinho. E, daquela época, não posso me esquecer do barman Raymundo, nordestino que colecionava nossas poesias e as expunha nas paredes do Bar.

Lembro-me de ter ouvido em certa ocasião, em que me divertia com os amigos no Barzinho e renovava o batom sem olhar no espelho, uma voz grave e simpática que me dizia:

“Como você se conhece! Sabe de cor o contorno de sua boca. Renova o batom sem olhar no espelho.”



E tive a maior surpresa quando vi que a pessoa que me falava era nada mais nada menos do que a escritora Lygia Fagundes Telles, de quem fiquei amiga respeitosa desde então. Aliás, sempre que nos encontrávamos durante todos esses anos e ela me via sozinha, perguntava carinhosamente:

— Você ainda não arranjou namorado?

Em outra ocasião, tive a coragem de falar de minha poesia para Hilda Hilst e perguntar se poderia lê-las e dar sua opinião, já que sempre se mostrara muito amigável comigo. Ela respondeu: “Posso lê-las, mas serei absolutamente sincera, se achar que não valem a pena direi francamente”. Está claro que, embora continuando sua admiradora e amiga, não tive coragem de lhe mostrar meu despretensioso primeiro livro de poemas.

Por outro lado, Paulo Bomfim me incentivou e até escreveu um pequeno texto na contracapa de meu primeiro livro de poemas, *Mensagem da Manhã*: “Francisco Rodrigues Penteado trouxe para São Paulo uma viola enfeitada de flores. Quatro séculos mais tarde, Giselda, sua descendente, transforma em poesia vivências ancestrais embaladas pela musicalidade das palavras. A brisa seiscentista se refugia nas páginas deste livro, que fala de portulanos de amor. — Paulo Bomfim — novembro 2005.”

Durante um almoço com amigos no Bar do Museu, Almeida Salles lançou um repto a todos nós, que sempre ouvíamos suas sábias palavras sobre a poesia e os poetas: “Cada um de vocês — que se diz poeta — está intimado a escrever um soneto decassílabo inspirado na frase: *Partir, ficar, qual dor será mais forte?*, do poeta Hermes Fontes. Deverá ser escrito ainda hoje e estar pronto à noite, quando serão todos lidos no Bar da Dona Rosa, na Galeria Metrópole.”

Nós todos conhecíamos o Bar da Dona Rosa, que fora muito procurado pelos antigos *habitués* do Bar do Museu enquanto ele esteve fechado ao sair da Sete de Abril. Era um lugar muito agradável, que ajudava a matar as saudades do antigo barzinho por seus velhos frequentadores.

Eu não era propriamente uma antiga frequentadora porque só vim a frequentar o Barzinho do Museu na sua fase pós-1979, quando foi reaberto na São Luís. Em sua primeira fase, estivera nele uma duas vezes,

a convite de minha amiga Yvonne, que namorava o Delegado João Leite Sobrinho, figura simpaticíssima e grande apreciador da noite paulistana. Dessas duas visitas ao barzinho, lembro-me de uma em que vislumbrei o cineasta Lima Barreto ao lado de João Leite, de quem também era amigo. E eu, com toda a empáfia de uma jovem que estudava na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, resolvi fazer uma pequena observação com relação a uma passagem do filme *Cangaceiros*, que acabara de ser premiado em Cannes. E disse a Lima Barreto que gostara muito de seu filme, porém não concordava com sua maneira de apresentar a fala de um brasileiro que, na realidade, sempre repete a pergunta negando-a ou aceitando-a, mas nunca da maneira com que ele, Lima Barreto, a apresentara no filme. O cineasta deu-me as costas e não respondeu minha pergunta, certamente por achar que aquela jovem não tinha nenhum preparo para criticar seus textos cinematográficos!

Mas meu interesse, no momento, era por esse novo encontro com os escritores no Bar da Dona Rosa, onde eu tinha estado algumas vezes com meus amigos. Senti que Almeida Salles, ao marcar esse importante encontro nesse bar, queria dar um ar de reminiscência na nossa noite poética. E eu estava muito preocupada com esse encontro do qual eu deveria participar e apresentar um poema inspirado na frase poética que nos fora passada. Fui para meu apartamento pensando no que iria escrever. Sentei-me à mesa redonda de jantar e comecei a matutar no tema oferecido, tentando escrever um soneto, coisa que nunca tinha feito, só escrevia poesia mais livre. Escrevia, jogava fora a página escrita, escrevia de novo e de novo rasgava e jogava fora a tentativa de soneto. Nessa labuta fiquei desde duas horas da tarde, cada vez mais nervosa com a aproximação da hora fatal de nosso encontro, marcado por Almeida Salles para as nove horas da noite.

Finalmente, quando vi que só faltava meia hora para o encontro no bar, me recompus rapidamente, passei um pente nos cabelos, retoquei o batom, chamei um táxi e, com meu soneto na mão, parti para a luta.



Quando cheguei esbaforida no Dona Rosa, todos já haviam chegado, Salles presidindo os trabalhos e uns oito de nossos amigos poetas sentados em roda à espera da chamada.

E assim foram eles lendo seus poemas, recebendo nossos cumprimentos e aplausos até que chegou a minha vez.

Muito nervosa, segurando o soneto com mãos trêmulas, comecei a ler meu texto. Mas quando cheguei ao fim percebi que *Dor Menor*, meu poema, tinha agradado muito e todos me cumprimentaram

Nessa noite, Chico Salles me concedeu o título de Poeta.

DOR MENOR

*Partir, ficar, qual dor será mais forte?
Ficar, não ir, saber-te tão ausente,
Partir, sofrer, viver a própria morte,
Ou suportar tua ausência tão presente?*

*Ficar, partir. Qual dor a mais pungente?
Jogar, brincar e rir da própria sorte,
Chorar, carpir a dor inconsciente,
Sentir a tua ausência como um corte.*

*Partir, sorrir, fingir que nada sente,
Ficar, amar, sofrer o doce inferno,
Te ver, tocar e se sentir carente.*

*Ficar, te amar não mais que de repente,
De amor profundo, claro e sempiterno,
Que é do coração como é da mente.*

Giselda Penteado

.....
.....



{ Um país
se faz
com
homens
e livros. }

MONTEIRO LOBATO : OBRA VIVA (HOMENAGEM)

Copyright © by autores

Projeto com apoio da Diretoria Cultural do
Club Athletico Paulistano

Mentora: Helo Bello Barros

Coordenador: Nelson de Oliveira

Apoio editorial: Renata Julianelli e Helo Bello Barros

Projeto gráfico: Matéria-Prima Editorial

Revisão: Andréa Catrópa

Fotos e ilustrações:

agradecemos a Cleo Monteiro Lobato e ao
website MONTEIRO LOBATO (WWW.MONTEIROLOBATO.COM)
por gentilmente autorizarem o uso das imagens
reproduzidas neste caderno.

Obra atualizada conforme o novo acordo
ortográfico da língua portuguesa.

Os textos são de inteira responsabilidade dos
autores, que também colaboraram na revisão.

Fotos & ilustrações



Caricatura por
Andrés Guevara
(www.monteirolobato.com)

Fotógrafo desconhecido
(Instituto de
Estudos Brasileiros)



Retrato por
J.U. Campos
(www.monteirolobato.com)

Ilustração de André LeBlanc
para *Serões de Dona Benta*



Capa do livro *O saci*
(www.monteirolobato.com)

Fotógrafo desconhecido
(www.monteirolobato.com)

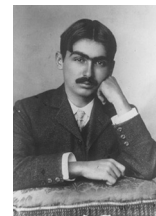


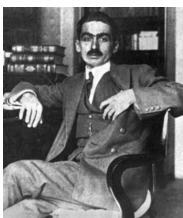
Ilustração de André LeBlanc
para *Viagem ao céu*

Capa do livro *Urupês*
(www.monteirolobato.com)



Fotógrafo desconhecido
(www.monteirolobato.com)

Selo postal de 1955
(Wikipédia)



Fotógrafo desconhecido
(www.monteirolobato.com)

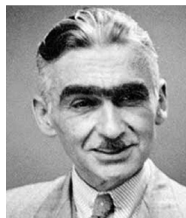
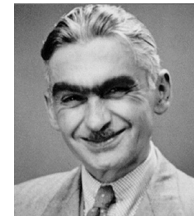
Carta de Monteiro Lobato
ao presidente Getúlio Vargas
(Wikipédia)





Capa do livro *O saci-pererê*
(www.monteirolobato.com)

Fotógrafo desconhecido
(Instituto de
Estudos Brasileiros)



Fotógrafo desconhecido
(Instituto de
Estudos Brasileiros)

Capa do livro *Cidades mortas*
(www.monteirolobato.com)

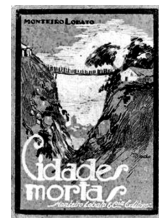
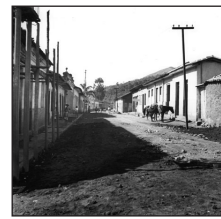


Ilustração de André LeBlanc
para *O Picapau Amarelo*

Foto por Monteiro Lobato
(www.monteirolobato.com)



Capa do livro *O circo de escavallinho*
(www.monteirolobato.com)

Capa do livro *O poço do Visconde*
(www.monteirolobato.com)

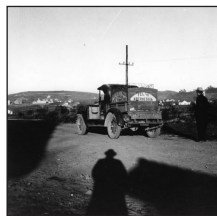


Foto por Monteiro Lobato
(www.monteirolobato.com)

Capa do livro *América*
(www.monteirolobato.com)



Fotógrafo desconhecido
(www.monteirolobato.com)

Caricatura por Belmonte
(www.monteirolobato.com)



Frases famosas de Lobato

Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Página 12 > Carta a Godofredo Rangel

Seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos, ou não somos ninguém. Página 31 > Carta a Godofredo Rangel

Quem escreve um livro cria um castelo, quem o lê mora nele. Página 56 > Entrevista a Celestino Silveira

Tudo vem dos sonhos. Primeiro sonhamos depois fazemos. Página 86 > Em *Mundo da Lua*

Nunca no mundo uma bala matou uma ideia. Página 94 > Prefácio a *Georgismo e comunismo*

A Natureza sabe o que faz. Põe as frutas grandes no chão e as pequenas em árvores. Página 118 > em *A reforma da natureza*

Meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo ao Brasil. Página 141 > Carta a Godofredo Rangel

Um país se faz com homens e livros. Página 162 > Em *América*

Nada de imitar seja lá quem for. Temos de ser nós mesmos. Orelha direita > Carta a Godofredo Rangel

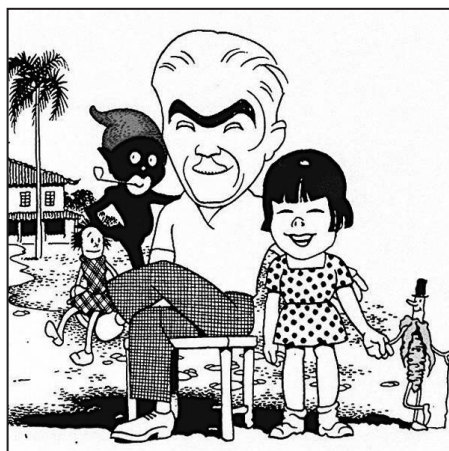
Monteiro Lobato: obra viva

Cleo Monteiro Lobato, bisneta do consagrado autor, é historiadora e se dedica a promover a memória e o legado de seu bisavô, pai da literatura infanto-juvenil brasileira, Monteiro Lobato.

Desde 2018, quando iniciou seu trabalho, Cleo idealizou o website **www.monteirolobato.com**, referência em pesquisa sobre Lobato; organizou o evento **100 Anos de Narizinho**, celebrando os cem anos do primeiro livro infantil do seu bisavô, que contou com a participação dos maiores estudiosos de Lobato; faz parte regularmente dos Encontros com Lobato da FFLCH-USP, organizados pela Profa. Dra. Vanete Santana-Dezmann; está à frente do projeto **Lobato nas Escolas**, que leva palestras gratuitas a comunidades carentes, estimulando a leitura; e está engajada numa campanha para obter verba para a restauração, o acondicionamento e a digitalização do acervo do autor na **Biblioteca Monteiro Lobato** (São Paulo), além de contribuir regularmente para diversas publicações, com fotos do acervo da família.

Desde 2020, Cleo também está engajada em levar Monteiro Lobato para os Estados Unidos e o mundo, junto com a Underline Publishing. Os livros estão disponíveis no mundo todo, tanto em Português, com *Narizinho Arrebitado - Livro 1* e *O Sítio do Picapau Amarelo - Livro 2*, quanto em Inglês, com *The Adventures of Narizinho - Book 1* e *The Yellow Woodpecker Ranch - Book 2*, através da Amazon.

Você pode seguir Cleo e seu trabalho no Instagram e no Facebook:
@cleomonteirolobato e **@lobatocomvc**



VENDA PROIBIDA

formato : : : 21 x 29,7 cm

papel miolo : : : couchê fosco 90 g/m²

papel capa : : : cartão triplex 250 g/m²

número de páginas : : : 168

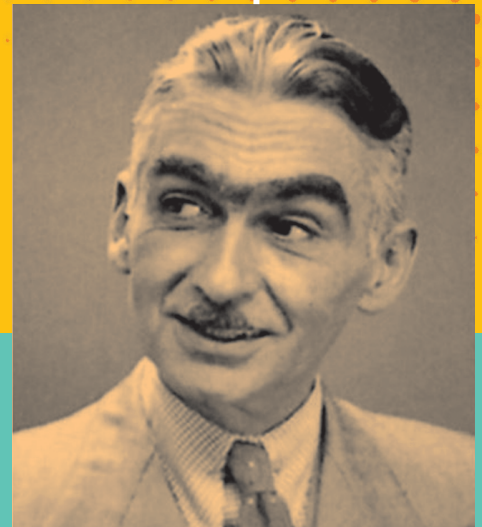
tipologia : : : minion pro, gill sans mt e prestige elite std

ctp, impressão e acabamento : : : imprensa oficial



my outer (oliat)

**Nada de imitar seja lá quem for.
Temos de ser nós mesmos.**





2021